



**Carla Chiappetta Le Berre**

**Formulações dos Atos Diretivos, em língua oral,  
no Português do Brasil**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Rosa Marina de Brito Meyer

Co-orientador: Prof. Ricardo Borges Alencar

Rio de Janeiro

Julho de 2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**Carla Chiappetta Le Berre**

**Formulações dos Atos Diretivos, em língua oral,  
no Português do Brasil**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

---

**Prof. Ricardo Borges Alencar**  
Co-orientador/Presidente  
Departamento de Letras – PUC-Rio

---

**Profa. Maria Teresa Gonçalves Pereira**  
Instituto de Letras – UERJ

---

**Profa. Ida Maria da Mota Rebelo**  
Departamento de Letras – PUC-Rio

---

**Profa. Adriana Ferreira de Sousa de  
Albuquerque**  
Departamento de Letras – PUC-Rio

---

**Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade**  
Coordenador Setorial do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Carla Chiappetta Le Berre**

Graduou-se em Letras Português e Inglês com as Respektivas Literaturas pela UCSAL em 1993.

Participou do programa Intensive English Language Programme na University of Newcastle upon Tyne, na Inglaterra. Cursou a Pós-Graduação *lato-sensu* em Formação de Professores de Português para Estrangeiros na PUC-Rio. Participou do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional / UFRJ. Lecionou as disciplinas Português para Estrangeiros e Inglês na UERJ. Lecionou a disciplina Português para Estrangeiros em empresas no Brasil, Angola e Holanda.

#### Ficha Catalográfica

Le Berre, Carla Chiappetta

Formulações dos atos diretivos, em língua oral, no Português do Brasil / Carla Chiappetta Le Berre ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer ; co-orientador: Ricardo Borges Alencar. – 2007.

157 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Atos de fala diretivos. 3. Língua portuguesa. 4. Cultura brasileira. 5. Português do Brasil como segunda língua para estrangeiros. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Alencar, Ricardo Borges. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 150

## Agradecimentos

À PUC-Rio pela bolsa de isenção acadêmica concedida.

Ao Museu Nacional / UFRJ, pela oportunidade de participar do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

À professora e orientadora Rosa Marina de Brito Meyer.

Ao professor e co-orientador Ricardo Borges Alencar, pela orientação e incentivo.

Aos professores que contribuíram para a minha formação acadêmica.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

À professora Maria do Carmo, PUC-Rio.

À antropóloga e professora Giralda Seyferth, pela generosa acolhida junto ao Museu Nacional/UFRJ.

Aos amigos do departamento de Letras da PUC-Rio.

À minha família, especialmente à minha mãe Luiza.

Ao meu marido Henri Le Berre.

Muito obrigada.

## Resumo

Le Berre, Carla Chiappetta; Meyer, Rosa Marina de Brito (Orientadora) **Formulações dos atos diretivos, em língua oral, no Português do Brasil.** Rio de Janeiro, 2007. 157p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O tema desta pesquisa é a realização dos atos diretivos, em língua oral, na cultura brasileira. A partir de pressupostos da teoria dos atos de fala, da sociolinguística interacional, do interculturalismo e da antropologia social, descrevemos e analisamos as formulações dos atos diretivos assim como as estratégias discursivas que atenuam ou reforçam o teor de imposição implicado na realização desses atos. Também classificamos os tipos de pedidos e ordens encontrados em nosso corpus de acordo com o nível de diretividade e identificamos os motivos sociais/contextuais e culturais que influenciam as construções desses enunciados. Mostramos, ainda, a relevância desta pesquisa para o ensino/aprendizagem do português como segunda língua para estrangeiros.

## Palavras-chave

Atos de fala diretivos; língua portuguesa; cultura brasileira; português do Brasil como segunda língua para estrangeiros.

## Abstract

Le Berre, Carla Chiappetta, Meyer; Meyer, Rosa Marina de Brito (Advisor). **Directives speech acts, in oral language, in the Brazilian portuguese.** Rio de Janeiro, 2007. 157p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The theme of our research is the use of the directives speech acts, in oral language, in the brazilian portuguese. On the basis of theoretical assumptions of speech-act theory, interactional sociolinguistics, interculturalism and cultural anthropology, we describe and analyze the formulations of the directives speech acts and also the strategies that soften or intensify the imposition implied in the use of those acts. We also classified the types of requests and orders found in our corpus according to the level of directness and identified the social /contextual and cultural reasons which influence the construction of those utterances. We showed, as well, the importance of this research in the teaching/learning process of portuguese as a second language.

## Keywords

Directives speech acts; portuguese language; brazilian culture; brazilian portuguese as a second language.

# Sumário

1. Introdução	10
1.1. Justificativa	10
1.2. Problema	11
1.3. Objetivos	11
1.4. Relevância	12
1.5. Organização dos Capítulos	12
2. Fundamentação Teórica e Metodológica	14
2.1. Aspectos Teóricos	14
2.1.1. A Teoria dos Atos de Fala	15
2.1.1.1. Os Atos de Fala Diretivos	17
2.1.1.2. O Pedido como Macro Ato de Fala	18
2.1.1.2.1. O Ato Principal	19
2.1.1.2.2. A Motivação do Pedido	19
2.1.1.2.3. Os Atos Adjuntos	19
2.1.1.2.3.1. O Pré-pedido	20
2.1.1.2.3.2. A Justificativa	20
2.1.1.2.3.3. Categorias dos Atos Adjuntos.	21
2.1.2. Conceitos da Sociolinguística Interacional	24
2.1.2.1. Polidez	32
2.1.2.2. Impolidez	37
2.1.3. Conceitos do Interculturalismo	40
2.1.3.1. Cultura Objetiva e Cultura Subjetiva	41
2.1.3.2. Estilo de Comunicação Linear e Estilo de Comunicação Contextual	41
2.1.3.3. Comunicação de Alto Contexto e Comunicação de Baixo Contexto	42
2.1.4. Conceitos da Antropologia Social	43
2.1.4.1. A Casa e A Rua	43
2.1.4.2. Indivíduo e Pessoa	44
2.1.4.3. <i>Sabe com quem está falando?</i>	46
2.1.4.4. Cordialidade	47
2.1.5. O tratamento dado às noções de ordem e pedido nas gramáticas tradicionais de PLM e PL2-E	49
2.2. Aspectos Metodológicos	52
2.2.1. Classificação das Formulações dos Pedidos	53
2.2.1.1. O Pedido Direto	54
2.2.1.2. O Pedido Indireto	54
2.2.1.2.1. O Pedido Indireto Convencional	55
2.2.1.2.2. O Pedido Indireto não convencional	56
2.2.2. Classificação das Formulações das Ordens	56
2.2.2.1. A Ordem Explícita	57
2.2.2.2. A Ordem Atenuada	59
3. Análise dos Dados	60
3.1. Quadro Sinótico das Formulações dos Pedidos.	61
3.2. Análise Interpretativa das Formulações dos Pedidos	62
3.2.1. O Pedido Direto	62



3.2.2. O Pedido Indireto	68
3.2.2.1. O Pedido Indireto Convencional.	69
3.2.2.2. O Pedido Indireto não convencional	75
3.3. Quadro Sinótico das Formulações das Ordens	78
3.4. Análise Interpretativa das Formulações das Ordens.	79
3.4.1. A Ordem Explícita	79
3.4.2. A Ordem Atenuada	86
3.5. Estratégias que atenuam o teor de imposição dos atos diretivos	89
3.6. Estratégias que reforçam o teor de imposição dos atos diretivos	90
4. Conclusão	91
Referências bibliográficas	96
Anexo 1	100
Anexo 2	102

## **Lista de Quadros**

Quadro 1 – Quadro Sinótico das Formulações dos Pedidos	61
Quadro 2 – Quadro Sinótico das Formulações das Ordens	78
Quadro 3 – Estratégias que atenuam o teor de imposição dos atos diretivos	89
Quadro 4 – Estratégias que reforçam o teor de imposição dos atos diretivos	90

## **Lista de Figura**

Figura 1 – Classificação dos atos diretivos encontrados em nossos dados	53
---	----

# 1

## Introdução

O tema desta pesquisa é a realização dos atos diretivos, em língua oral, no português do Brasil. Temos como objetivo descrever e analisar as formulações dos atos diretivos, assim como as estratégias discursivas que atenuam ou reforçam o grau de imposição desses atos. Os nossos dados foram obtidos através de um programa humorístico, A Diarista, da Rede Globo de televisão.

Nossos objetivos são descrever e classificar os modos de realização dos atos diretivos e interpretar os motivos que condicionam as escolhas dos falantes. De acordo com as estratégias identificadas, classificamos as formulações em diferentes níveis de diretividade.

Também é nosso propósito mostrar a relevância desta pesquisa para o ensino do português como segunda língua para estrangeiros.

### 1.1

#### Justificativa

Escolhemos pesquisar as formulações dos atos diretivos devido à importância dos mesmos na comunicação diária, tendo em vista a frequência de sua utilização. Além disso, a complexidade e a diversidade das formulações possíveis para os atos diretivos fazem com que esta seja uma área de investigação fecunda e necessária para o ensino do português como segunda língua para estrangeiros.

Entender a negociação dos atos diretivos e as estratégias lingüístico-discursivas que atenuam ou reforçam o teor de imposição desses atos, que são condicionadas pelo contexto e pela cultura, requer do falante habilidade no campo interacional, capacidade de negociação e entendimento das etapas que constituem o macro ato de pedir e de ordenar.

## 1.2

### Problema

O ensino/aprendizagem dos atos diretivos utilizados na língua oral no português do Brasil apresenta dificuldades porque:

(i) os atos diretivos são atos que potencialmente ameaçam a autonomia do ouvinte, pois eles vão de encontro ao seu desejo de liberdade e de não sofrer imposição. Sendo assim, há inúmeras construções possíveis para suavizar a imposição implicada na realização desses atos.

(ii) as escolhas das formulações dos atos diretivos são condicionadas pelo contexto e pela cultura e requerem do aluno estrangeiro, além do conhecimento lingüístico, um conhecimento sócio-cultural sobre a maneira como os falantes nativos interagem em diferentes contextos;

(iii) Normalmente, os atos diretivos são tratados de maneira demasiadamente simplista, nas gramáticas normativas, deixando algumas lacunas, as quais apontaremos a seguir: (a) não apresentam a diversidade e a complexidade das formulações em situações reais de comunicação; (b) não há descrição dos atos individuais (pré-pedido, ato principal, justificativa e motivação) que constituem o macroato de pedir e de ordenar; (c) não consideram os aspectos contextuais e culturais que estão relacionados às escolhas feitas pelos falantes.

## 1.3

### Objetivos

Como objetivo geral, pretendemos contribuir para o estudo dos atos diretivos, em língua oral, na cultura brasileira, fornecendo uma descrição e uma análise das formulações encontradas em nosso corpus.

Como objetivos específicos, visamos:

a) identificar e classificar os tipos de atos diretivos encontrados em nosso corpus.

b) identificar as estratégias discursivas que atenuam ou reforçam o grau de imposição desses atos.

c) identificar os fatores contextuais e culturais que condicionam as escolhas das formulações.

## 1.4

### Relevância

Descrever e analisar as diferentes formulações dos atos diretivos utilizadas, na língua oral, no português do Brasil, a partir de aspectos lingüísticos e sócio-culturais, é necessário para o ensino/aprendizagem de PL2-E. É importante que o aluno de PL2-E aprenda a utilizar essas formulações de forma bem-sucedida nos contextos em que participa.

O uso inadequado dessas formas lingüísticas pode causar mal-entendidos lingüísticos e culturais. O não domínio das estratégias discursivas adequadas ao padrão de polidez da comunidade onde o estrangeiro está inserido pode levá-lo a não atingir o seu objetivo na interação. Além disso, ele pode ser visto como indelicado por um falante nativo.

Acreditamos que essa pesquisa possa vir a ser um instrumental para os professores de PL2-E e possa trazer uma contribuição para os produtores de materiais didáticos da área.

## 1.5

### Organização dos Capítulos

No capítulo 2, Pressupostos Teóricos e Metodológicos, apresentaremos os conceitos instrumentais de análise, com os quais interpretamos as formulações dos atos diretivos e as estratégias discursivas utilizadas pelos falantes, que reforçam ou atenuam a imposição desses atos. Utilizamos conceitos instrumentais desenvolvidos pela Teoria dos Atos de Fala, pela Sociolingüística Interacional, pelo Interculturalismo e pela Antropologia Social. Também mostraremos como os atos diretivos são tratados nas gramáticas de PLM e PL2-E. Ainda nesse capítulo, apresentaremos o procedimento metodológico, de natureza qualitativa e interpretativa, que adotamos nesta pesquisa.

No capítulo 3, Análise dos Dados, exporemos a nossa análise interpretativa dos dados, juntamente com uma proposta de classificação das formulações, de acordo com o nível de diretividade.

No capítulo 4, Conclusão, explicaremos as conclusões da nossa pesquisa e demonstraremos a relevância deste estudo para uma prática pedagógica mais eficaz.

## 2

### Fundamentação Teórica e Metodológica

#### 2.1

##### Aspectos Teóricos

A fundamentação teórica adotada nesta pesquisa utiliza conceitos desenvolvidos pelas seguintes linhas teóricas: a Teoria dos Atos de Fala, a Sociolinguística Interacional, o Interculturalismo e a Antropologia Social.

Empregamos essa abordagem interdisciplinar para a nossa pesquisa, pois as referidas áreas de estudo fornecem conceitos que nos auxiliam a identificar e a interpretar o funcionamento das estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes, para fazer pedidos em diferentes contextos.

Do referencial teórico da Teoria dos Atos de Fala, fazemos uso do conceito de ato de fala diretivo e dos diferentes modos de realizar um ato de fala, que podem ser divididos nos seguintes níveis: direto, indireto convencional e indireto não-convencional. Examinamos também como os atos diretivos são tratados num nível macro, ou seja, como atos de fala global organizam os atos individuais. Descrevemos as partes constitutivas do macroato de pedir/ordenar, assim como as funções de cada ato que compõe o ato global.

Do referencial teórico da Sociolinguística, utilizamos os conceitos de face, enquadre, ethos, polidez e impolidez.

Do referencial teórico do Interculturalismo, aproveitamos os conceitos de Cultura Objetiva e Cultura Subjetiva, Estilo de Comunicação Linear e Estilo de Comunicação Contextual, Comunicação de Alto Contexto e Comunicação de Baixo Contexto.

Do referencial teórico da Antropologia Social, fazemos uso dos conceitos de casa e rua, indivíduo e pessoa, cordialidade, e, ainda, da expressão *Sabe com quem está falando?*

Ainda neste capítulo, apresentamos os conceitos de ordem e pedido adotados nesta pesquisa, e também expomos uma proposta de classificação das

formulações dos atos diretivos encontradas em nosso *corpus* de acordo com o nível de diretividade.

### 2.1.1

#### A Teoria dos Atos de Fala

A Teoria dos Atos de Fala proposta por Austin (1962) baseia-se no fato de que a linguagem é um instrumento de ação, ou seja, de que fazemos coisas ao usarmos as palavras.

Na base da teoria de Austin, está a descoberta da existência dos enunciados performativos, que têm a propriedade de fazer, em certas condições, qualquer coisa pelo simples fato de « dizer » (Charaudeau e Maingueneau, 2004 , p.72). Por exemplo, enunciar: « eu vos declaro marido e mulher », é realizar um ato, o de casar. Austin não se limita à reflexão sobre a noção de performativo, o autor lança as bases de uma teoria completa dos atos de fala, que, em seguida, seus sucessores aprofundam.

O referido autor afirma que os enunciados são dotados de uma força ilocutória, ou seja, os enunciados possuem intrinsecamente um valor de ato (de promessa, pergunta, ordem, oferta, desculpa etc.), que lhes permite produzir certos efeitos particulares sobre o contexto interlocutivo. O autor propõe uma classificação dos diferentes valores ilocutórios em cinco grandes classes: (i) veredictivos – caracterizam-se por dar um veredicto, por exemplo, « absolvo », « condeno » etc; (ii) exercitivos – consistem no exercício de poderes, direitos ou influências, por exemplo, « nomeio », « ordeno » etc; (iii) compromissivos – caracterizam-se por prometer ou comprometer a pessoa a fazer algo, por exemplo, « prometo », « juro » etc; (iv) comportativos – relacionam-se à atitude e ao comportamento social, por exemplo, « agradeço », « saúdo » etc; (v) expositivos – esclarecem o modo como os nossos proferimentos se encaixam no curso de uma argumentação ou conversa, por exemplo, « afirmo », « declaro » etc (Marcondes, 2005, p.21).

Austin introduz a distinção de três tipos de atos que cada elocução realiza: um ato locucionário - referente à atividade comunicativa; um ato ilocucionário - referente às intenções do falante; e um ato perlocucionário - referente ao efeito que consegue sobre o ouvinte. O autor ainda caracteriza as condições pressupostas



para a realização dos atos de fala, que consistem em uma combinação de intenções do falante e de convenções sociais com diferentes graus de formalidade. A satisfação dessas condições é o critério do sucesso ou fracasso da tentativa de realização do ato. As intenções são de natureza psicológica, dessa forma, são subjetivas e as convenções são de natureza social, podendo ser formais ou informais, como, por exemplo, uma conversa em um tribunal (formal) e uma conversa entre amigos (informal). Entretanto, em ambas as situações há convenções e os falantes seguem regras, normas e procedimentos habituais, com diferentes níveis de formalidade, que constituem suas formas de conduta. Principalmente nas situações informais, essas regras são implícitas, porém estão sendo aplicadas e isso se torna evidente quando são violadas. A análise dos motivos pelos quais alguns atos não têm sucesso, ou são « infelizes », nos revela as regras que foram rompidas nesses casos (Marcondes, 2005).

Searle (1969) retoma as noções desenvolvidas por Austin e revisa a classificação austiniana, distinguindo cinco grandes categorias de atos de fala: os assertivos, os diretivos, os promissivos, os expressivos e os declarativos.

Dizemos a outrem como são as coisas (assertivos), tentamos mandar outrem fazer coisas (diretivos), nos comprometemos a fazer coisas (promissivos), expressamos nossos sentimentos e atitudes (expressivos) e provocamos mudanças no mundo através de nossas enunciações (declarativos) (Searle, 1982, p. 32).

Dentre os atos ilocucionários propostos por Searle (1975), escolhemos como foco do nosso estudo os atos de fala diretivos, nos quais se inserem as ordens e os pedidos. O objetivo ilocucionário desses atos é tentar fazer com que o ouvinte realize uma ação futura.

Searle aprofunda a questão das condições de felicidade a que um enunciado deve obedecer, a fim de cumprir o seu objetivo ilocutório e se interessa pelas diferentes maneiras, diretas e indiretas, de realizar um ato de fala. As condições de felicidade propostas pelo autor são: (i) a condição preparatória – pré-requisitos do mundo real; (ii) o conteúdo proposicional – restrições de conteúdo da sentença; (iii) as condições de sinceridade – crenças, sentimentos, intenções exigidas como apropriadas e (iv) a condição essencial – o ponto do ato ilocucionário.

No caso da ordem, por exemplo, a condição essencial para a realização deste ato é que o locutor, ao apresentar sua enunciação, leve o interlocutor a executar o ato solicitado; mas este ato é submetido a certas condições de sucesso: (i) o locutor deve ser capaz de exercer autoridade sobre o ouvinte (condição preliminar); e (ii) o locutor deve desejar realmente que se realize o ato ordenado (condição de sinceridade) – se essas condições não forem reunidas, a ordem poderá fracassar, mas nem por isso ela deixará de ser uma ordem (Kerbrat-Orecchioni, 2005, p.30).

### 2.1.1.1

#### **Os Atos de Fala Diretivos**

O objetivo ilocutório dos diretivos consiste « no fato de eles constituírem tentativas por parte do locutor de mandar o auditor fazer alguma coisa »; essas tentativas podem ser « muito modestas », por exemplo, um convite, uma sugestão etc, ou, ao contrário, « ardentes », por exemplo, uma ordem, uma exigência etc, de acordo com o grau de intensidade na apresentação do objetivo (Kerbrat-Orecchioni, 2005, p.32).

De acordo com Oliveira (1995), uma vez que a condição essencial dos diretivos é ser uma tentativa de que o interlocutor realize uma determinada ação no futuro, esses atos podem comprometer a harmonia interativa dos participantes, pois, potencialmente, não deixam o outro livre para agir. O grau de ameaça (cf. p. 23) vai depender do tipo de pedido ou ordem e das condições de realização desses atos. Os recursos que o falante utiliza ao formular uma ordem ou um pedido evidenciam diferentes graus de associação entre a elocução e a força ilocucionária. De acordo com esses graus, podemos classificar as estratégias como mais fortes, quando não deixam opção para o interlocutor; e mais atenuadas, quando deixam uma opção, que pode ser apenas formal ou de fato real, de não realizar o ato solicitado. Desta forma, a negação ou o reconhecimento da autonomia do interlocutor é manifestada na escolha do diretivo.

A capacidade de controlar e de resistir ao controle de alguém em ambientes sociais relaciona-se a três fatores, os quais apresentaremos a seguir: posição ou poder legal, que emana da posição ocupada ou do papel desempenhado

pelos participantes; perícia, que emana da perícia reconhecida de quem faz o pedido; e recurso, que emana da posse de determinados recursos que são desejados pelo outro (Handy, 1978). De acordo com o autor, mesmo com as condições estabelecidas para o exercício do poder, aquele que está sendo controlado pode rejeitar ou sabotar o controle, agindo de modo que não corresponde às expectativas de quem pediu. Desta forma, o poder precisa ser reconhecido pelos controlados e confirmado por uma fonte de poder mais alta (Oliveira, 1995).

As estratégias que reforçam ou suavizam a imposição implicada nos atos diretivos podem ocorrer no ato principal, ou seja, na proposição do pedido/ordem ou nas sentenças que antecedem ou sucedem o ato principal (pré-pedido, justificativa, motivação). Desta forma, há necessidade de analisarmos as construções dos atos diretivos num nível macro, isto é, como atos de fala global que organizam os atos individuais. Assim, descrevemos as partes constitutivas do macroato de pedir/ordenar e as funções de cada ato que compõe o ato global.

### **2.1.1.2**

#### **O pedido como macro ato de fala**

A Teoria dos Atos de Fala que tem o falante como objeto de análise distingue duas unidades de análise: o micro ato de fala, ou seja, a sentença, e o macro ato de fala, isto é, a seqüência de sentenças (Oliveira, 1992). Adotamos nesta pesquisa a análise dos atos diretivos como macro atos de fala, ou seja, analisaremos a seqüência de atos que são entendidos e funcionam socialmente como um único ato.

Van Dikj (1977) afirma que cada ato tem uma função específica na realização do ato principal e todos os atos de fala da seqüência (preparatórios, auxiliares, necessários) acontecem de tal maneira que estabelecem o contexto para o ato de fala principal.

Apresentamos, a seguir, os atos que constituem a estrutura do macro ato de pedir/ordenar.

### 2.1.1.2.1

#### **O ato principal (ap)**

É a proposição do pedido. Na definição de Van Dijk (1977), o ato principal é um componente necessário para a realização do ato de pedir. É a parte essencial do ato, sem a qual a intenção global, o pedido, não se realiza.

O ato principal é a elocução que constitui o núcleo do ato de fala, ou seja, é a parte da seqüência que realiza o ato, independentemente de outros elementos (Blum-Kulka e Olshtain, 1984).

Exemplo: Cadê minha cerveja, Nanci? (ap)

### 2.1.1.2.2

#### **A motivação do pedido (mot)**

A motivação do pedido é o ato que comunica ao ouvinte um fato que leva o falante à necessidade de realizar um pedido. Segundo Oliveira (1992), a motivação do pedido funciona como uma senha que permite/condiciona a entrada no território do outro.

Exemplo: Alô, eu podia falar com o Deputado Sinval, por favor? (ap)  
(...)  
É que eu tava precisando de um advogado. (mot)

### 2.1.1.2.3

#### **Os atos adjuntos – o pré-pedido (pp) e a justificativa (ju)**

Segundo Van Dijk (1977), um ato adjunto ou auxiliar tem a função de dar as condições suficientes para a realização do ato principal. Os atos adjuntos atenuam ou reforçam a realização do ato ilocucionário. Esses atos subdividem-se em: pré-pedido e justificativa.

### 2.1.1.2.3.1

#### **O pré-pedido (pp)**

O pré-pedido é um tipo de pré-seqüência utilizada em conversas. De acordo com a Análise da Conversa, as pré-seqüências são interpretadas como formas de reter o tempo e/ou introduzir razões para manifestar a preocupação do falante com a interação. As principais vantagens das pré-seqüências são: (i) checar a aceitação da ação a ser feita e, não obtendo um sinal favorável do ouvinte, não realizar a ação; (ii) dar ao ouvinte a chance de escapar da resposta não preferida sem prejudicar o bom relacionamento entre os interlocutores; (iii) oferecer condições para que o ouvinte se adiante e realize pelo falante a ação que está sendo retardada; (iv) realizar a ação através de uma organização que mostra que o falante não queria realizar o ato não preferido (Oliveira, 1992, p.22).

Levinson (1983) afirma que uma das principais razões para a utilização do pré-pedido é permitir que o falante verifique a precondição necessária para o atendimento do pedido. Caso não haja condições para o atendimento do pedido, o falante evita o ato de pedir. Com isso, o falante evita a rejeição do pedido, que é considerada uma forma não-preferida de resposta.

Exemplo : A senhora vai até o ponto final? (pp) Será que quando chegasse no Leme a senhora podia me chamar? (ap)

### 2.1.1.2.3.2

#### **A justificativa (ju)**

De acordo com Levinson (1983), a justificativa é um recurso utilizado pelo falante para explicitar as razões do pedido.

A justificativa relaciona-se à persuasão, pois, ao apresentar as razões do pedido, o locutor aumenta a obrigação do atendimento ou, ao menos, suas chances de sucesso ou legitima as condições para o ato de imposição (Oliveira, 1992). A autora diz que a justificativa expressa preocupação com o equilíbrio da relação, à medida que o locutor reconhece discursivamente que deve explicações ao interlocutor pelo ato de imposição.

Exemplo: Marinete, pelo amor de Deus, para de cantar essa música! (ap)  
Essa música me deixa louca, Marinete. (ju)

### 2.1.1.2.3.3

#### Categorias de atos adjuntos

Percebemos que há diferentes categorias de classificação dos atos adjuntos. Utilizamos algumas dessas categorias desenvolvidas por Blum-Kulka *et. al* (1984) e por Oliveira (1992), as quais serviram de base para a nossa proposta de classificação. As categorias dos atos adjuntos desenvolvidas por Blum-Kulka *et. al* (1984) são:

(i) Testagem da disponibilidade (*checking on availability*) – o falante prefacia o ato principal verificando a precondição necessária para a realização do pedido.

Exemplo : Você está indo para a cidade? Então, é possível eu ir com você?

(ii) Obtenção de compromisso (*getting a precommitment*) – o falante prefacia o ato principal com uma tentativa de obtenção de compromisso.

Exemplo: Você me faria um favor? Você poderia talvez me emprestar suas anotações por alguns dias?

(iii) Justificativas (*grounder*) – O falante indica as razões/motivos do pedido.

Exemplo: Judith, eu perdi a aula ontem, eu podia tomar emprestadas as suas anotações?

(iv) Suavizador (*sweetner*) – O falante expressa apreciação exagerada das habilidades do ouvinte. Com isso, o falante diminuiu o teor de imposição do ato.

Exemplo: Você tem uma letra muito bonita, seria possível me emprestar suas anotações por uns dias?

(v) Atenuador (*disarmer*) – O falante indica que tem consciência da ofensa em potencial do ato, então tenta evitar uma possível recusa.

Exemplo: Desculpe-me, eu espero que você não pense que eu estou sendo atrevido, mas existe alguma chance de você me dar uma carona até a minha casa?

(vi) Minimizador de custo (*cost minimizer*) – o falante indica consideração pelo custo envolvido no atendimento do pedido.

Exemplo: Perdão, mas você poderia me dar uma carona, se você estiver indo pelo meu caminho, porque eu perdi o ônibus e não há outro por uma hora?

A seguir, apresentamos as categorias dos atos adjuntos desenvolvidas por Oliveira (1992). A autora distingue os atos que reforçam o teor de imposição e poder do locutor daqueles que dissimulam o poder do locutor. Os exemplos utilizados pela autora foram extraídos de cartas de pedidos de empresas brasileiras.

Alguns dos atos que explicitam o controle são:

(i) A ameaça - a ameaça pode constituir-se na própria estratégia de pedir, em casos em que o locutor considera esgotadas outras etapas da negociação, ou ela pode entrar como ato adjunto marcando o início de uma negociação mais dura com o interlocutor.

Exemplo: X deverá ser liquidado até 01-0-90, ..., após o que serão adotadas as providências cabíveis.

(ii) A desaprovação - o locutor pode ignorar a necessidade de aprovação do interlocutor reforçando pedidos que implicam falta de competência, por meio de atos adjuntos de desaprovação pelo mau desempenho ou pela omissão.

Exemplo: Assim, cumpre-nos informar a V. Sa. que a partir desta data estaremos reparando esse equívoco. A morosidade e o retardamento no trato e a solução desse assunto implicarão em pronto e gradual remanejamento do volume de cobrança mantido no citado Estabelecimento, reduzindo-a a nível que permita ao mesmo apresentar correto padrão de serviço negociado.

(iii) Justificativas – é um recurso persuasivo para que o outro aceite bem o pedido e/ou execute a ação.

Exemplo: Evitando maior retardamento na entrega do trabalho a nossa Diretoria (reitera pedido de informações).

De acordo com a autora, alguns dos atos que dissimulam a força da imposição e o poder do locutor são:

(i) Retomada da conversa – formaliza e legitima um pedido que já foi feito. Nesses casos os pedidos são, geralmente, precedidos por uma elocução que remete a uma conversa anterior do falante com o interlocutor ou outro participante a ele relacionado, sobre o pedido que será feito. O ato de retomada da conversa,

por um lado, reduz o impacto de imposição e, por outro, compromete o interlocutor à medida que lhe lembra o prévio acordo de realização do pedido.

Exemplo: Conforme combinado com o Eng<sup>o</sup>. Representante desta Empresa, naquela ocasião, solicitamos que sejam enviados comentários e sugestões referentes ao relatório ao coordenador de Grupo, Eng<sup>o</sup>.X...

(ii) Reparação à face positiva – essa manobra não diminui o poder de coerção envolvido, mas contrapõe a uma relação de poder outra de solidariedade, isto é, de aproximação do interlocutor.

Algumas estratégias utilizadas para expressar solidariedade são:

(a) Atos que expressam compartilhamento – De acordo com Brown e Levinson (1987), compartilhar metas, pontos de vista, opiniões, atitudes, conhecimento é uma condição para se pertencer a um mesmo grupo. Além disso, a preocupação em manifestar compartilhamento evidencia o interesse do locutor em se identificar com o interlocutor.

Exemplo: Entendemos que deve haver razões para a não inclusão dos dados de Documentação Técnica no referido relatório, das quais apreciaríamos ter conhecimento.

Nesse caso, o locutor pressupõe razões que justificam o interlocutor pela ação mal praticada.

(b) Atos de expressão de cooperação – indicam que o falante conhece as vontades do interlocutor e as está levando em consideração.

Exemplo: Assim, ainda que reconhecendo ser inconcebível que o país dê tratamento que restrinja a competitividade da empresa nacional frente às concorrentes estrangeiras, torna-se imperiosa a análise imediata e profunda da questão por essa X, seguida de pronunciamento objetivo.

(c) Expressão de aprovação – esse tipo de ato adjunto procura ressaltar algum aspecto de aprovação da imagem do interlocutor, antes de fazer o pedido que implica a desaprovação dessa imagem.

Exemplo: Por justiça, destacamos o pronto acolhimento que sempre mereceram nossos pleitos, sendo inegável o alto interesse demonstrado por V.Sa. no trato e solução desse problemas localizados... vimos-nos compelidos de retornar à presença de V.Sa., solicitando o urgente e definitivo equacionamento do problema.

(iii) Abertura de opção – Especialmente em casos de favores, o locutor procura minimizar o ato de imposição através de expressões que sinalizam opções de realização ou não da ação pretendida.



Exemplo: Caso possível, gostaríamos também de conhecer o preço normalmente cobrado pelo serviço, a forma de pagamento e o tempo habitualmente necessário para a sua realização.

(iv) Justificativas – relaciona-se à persuassão. Ao apresentar as razões para o pedido, o locutor, aumenta a obrigação do atendimento ou suas chances de sucesso para o ato de imposição. A utilização de justificativas expressa também preocupação com o equilíbrio da relação. O locutor reconhece que deve explicações ao interlocutor pelo ato de imposição.

Exemplo: Informamos que a urgência na definição desta equipe se deve ao fato de que as inscrições efetuadas até X, poderão ser efetivadas a um menor custo.

### 2.1.2

#### Conceitos da Sociolingüística Interacional

A abordagem Sociolingüística Interacional é interdisciplinar, pois adota considerações da lingüística, da sociologia, da antropologia, da filosofia e da psicologia social, sendo assim, trata de aspectos relacionados à linguagem, à sociedade e à cultura. De acordo com Pereira (2002), a Sociolingüística Interacional é uma abordagem que auxilia a analisar o fenômeno lingüístico como forma de compreender o que acontece nas interações sociais entre interlocutores de papéis sociais diferentes. Além disso, através dessa abordagem, podemos verificar que tipos de relacionamentos são estabelecidos através da fala e como esses relacionamentos são negociados na interação. Lembramos que os estudos em Sociolingüística Interacional analisam a língua em interações reais e, para a nossa pesquisa, utilizamos dados de um programa de tv que embora não sejam reais, se aproximam de situações reais da sociedade brasileira. Apresentamos, a seguir, alguns conceitos importantes para a análise dos nossos dados.

Brown & Levinson (1987) afirmam que, por muitas vezes, temos as nossas faces ameaçadas durante as interações comunicativas; dessa forma, buscamos estratégias de polidez para atenuar as ameaças. O conceito de *face* é derivado de Goffman (1967) e consiste na « imagem pública delineada em termos de atributos socialmente aprovados ».

De acordo com Brown & Levinson (1987), os atos diretivos, por serem atos que exigem uma ação futura do ouvinte, fazem algum tipo de imposição ao

mesmo para realizá-la. Esses atos, potencialmente, ameaçam a face negativa do ouvinte (autonomia), pois vão de encontro ao seu desejo de liberdade e de não sofrer imposição. Sendo assim, há uma tendência à utilização de diversos procedimentos suavizadores da imposição desses atos, para que as faces dos participantes sejam preservadas. O papel das faces, então, exerce uma grande influência nas construções dos enunciados diretivos.

Goffman aponta que a preservação da face é uma condição da interação, tendo em vista que o Eu é um objeto sagrado e não pode ser profanado. De acordo com o autor, toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais que a põe em contato, face a face, ou mediado, com outros participantes. Em cada contato, a pessoa tende a pôr em ação uma linha de conduta, ou seja, um padrão de atos verbais e não verbais através dos quais ela expressa sua visão da situação e sua avaliação dos participantes, especialmente de si mesma. Intencionalmente ou não, a pessoa acabará descobrindo que seguiu uma linha de conduta na interação.

Segundo o autor, a face é projetada pela linha de conduta, ou seja, pelo comportamento da pessoa durante a interação. Para que a face seja mantida, tendemos a controlar a nossa linha de conduta para que seja equivalente à imagem que reivindicamos, evitando assim, o risco de sermos desacreditados. Dizemos que uma pessoa tem, está em, ou mantém uma face quando a linha que ela segue apresenta uma imagem de si mesma internamente consistente, apoiada por julgamentos e evidências transmitidas pelos outros participantes e confirmada por evidências transmitidas através de agências impessoais na situação. Desse modo, a face não é algo que se aloja dentro ou na superfície do corpo de uma pessoa, mas sim algo que se localiza no fluxo de eventos que se desenrolam no encontro e se manifesta apenas quando esses eventos são lidos e interpretados, em função das avaliações que neles se expressam.

Goffman diz que, embora a face social de uma pessoa possa ser o que ela possui de mais pessoal, o centro de segurança e prazer, na verdade, trata-se apenas de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade. A face pode ser retirada de uma pessoa, caso ela não se comporte de modo a merecê-la. O referido autor (1980, p.81) afirma: « Atributos aprovados e sua relação com a face fazem de cada homem o seu próprio carcereiro: trata-se de uma coerção social fundamental mesmo que todo homem goste de sua cela ».

Dentre as práticas que se relacionam à face, estão as práticas defensivas, que procuram salvar a própria face, e as práticas protetoras, que procuram salvar a face do outro. Geralmente as duas perspectivas tendem a coexistir. Em uma interação é esperado que o participante tenha auto-respeito, assim como é esperado que ele sustente um padrão de consideração para salvar os sentimentos e a face do outro. Desse modo, a preservação da face de cada um depende, normalmente, da manutenção da face do outro – uma vez que as pessoas defendem as suas faces, quando ameaçadas, ameaçando a face dos outros. Estudar o modo como as pessoas salvam faces é estudar as regras de trânsito da interação social. Espera-se que os membros de todo círculo social tenham conhecimento da elaboração da face e alguma experiência no seu uso. Em nossa sociedade, esse tipo de capacidade é chamado de tato, *savoir-faire*, diplomacia ou habilidade social. Quase todos os atos que envolvem outras pessoas são modificados por consideração acerca da face. Para utilizar o repertório de práticas de salvar a face, é necessário, primeiramente, tornar-se consciente das interpretações que os outros possam ter superposto a seus atos e das interpretações que superpomos aos atos dos outros; ou seja, deve-se exercer a perceptividade. Ainda assim, a pessoa deve ter orgulho e consideração (Goffman, 1980).

Brown & Levinson (1987) interessam-se pelos efeitos que os atos de fala podem ter nas faces dos participantes. Para eles, os atos que produzimos durante a interação, de certa forma, ameaçam as faces dos participantes. Sendo assim, as faces são alvo de ameaças permanentes e objeto de desejo de preservação. Para Goffman, conseguimos resolver essa contradição através da realização de um trabalho de face, ou seja, tudo o que uma pessoa empenha para que as suas ações não façam ninguém perder a face, nem mesmo ela própria.

Para Brown e Levinson, a face é constituída de dois aspectos relacionados: a face positiva e a face negativa. A face positiva refere-se ao desejo do ser humano de ser apreciado e aprovado, pelo menos num determinado grupo de pessoas, no grupo de referência. A face negativa refere-se ao desejo do ser humano de não sofrer imposições, de ter sua individualidade respeitada, de ter autonomia e liberdade. Segundo os autores, a polidez exige que se suavize a expressão de qualquer *ato de ameaça à face*, em proporções variáveis e relacionadas com três fatores sociológicos: (i) o poder relativo (P) do falante e do ouvinte (poder assimétrico), (ii) a distância social (D) entre o falante e o ouvinte e

(iii) o grau de imposição envolvido no ato de ameaça à face / Teor de risco (R) definido culturalmente. Quanto mais forte é a ameaça, mais convém suavizar o enunciado ameaçador. O peso ou risco de um ato de ameaça à face (AAF) é função da distância social entre o falante e o ouvinte, mais o poder do ouvinte sobre o falante, mais o grau de ameaça definido culturalmente para uma AAF numa determinada situação. Os autores propõem a seguinte fórmula para medir o grau de ameaça:  $W = D (F,O) + P (F,O) + Rx$ .

Ainda com relação ao peso de um ato de ameaça à face, Kerbrat-Orecchioni (2005) diz que deve-se levar em conta o quadro comunicativo e o « contrato » (sistema de direitos e deveres) que esse quadro instaura entre os interlocutores. Por exemplo, em uma sala de aula, um professor dirá ao aluno: « Traga-me seu caderno », mas « Me faça um favor, vá buscar um cafezinho para mim » (Kerbrat-Orecchioni, 2005, p.120). Sendo assim, utilizamos o conceito de enquadre na nossa análise, para nos auxiliar no entendimento da estrutura organizacional e da participação dos falantes durante a interação. Segundo Goffman (1974), o enquadre consiste de princípios de organização: “definições da situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – no mínimo sociais – e o nosso envolvimento com eles...” (p.10-13). Para o autor, a noção de enquadre relaciona-se à percepção de qual atividade está sendo encenada em um dado momento da interação, de qual sentido os falantes dão ao que dizem. Assim, em sua opinião, antes de se entender qualquer elocução, deve-se perceber o que ela quer dizer, isto é, qual o jogo que está sendo jogado. Percebemos o tipo de jogo, a partir da maneira como os participantes se comportam na interação.

Em relação ao fator *distância*, Brown e Levinson dizem que quanto maior for a distância entre os interlocutores, mais suavizadores são convenientes. Quanto ao fator *poder*, em uma relação hierárquica, o princípio de deferência exige que os atos potencialmente ameaçadores se façam acompanhar de uma « embalagem ritual », a qual é muito mais importante quando emana do inferior do que quando vem do superior.

Os autores dizem que, se o risco é baixo, o falante procurará realizar o ato diretamente e de forma transparente « *on record* ». Se o risco é alto, o falante deve utilizar uma estratégia mais alta, ou seja, sua intenção deve ser percebida

pelo ouvinte através de uma inferência mais complexa. Nesse caso, o falante deve realizar um AAF em OFF « *off record* ».

Brown e Levinson mencionam que ao realizar um ato direto, o falante tem as seguintes vantagens: (i) ele ganha pressão pública em favor de si mesmo ou contra o ouvinte; (ii) ele pode ganhar crédito de honestidade, ao indicar que confia no ouvinte; (iii) evita o perigo de ser visto como manipulador; (iv) evita o risco de ser mal-entendido. Por outro lado, ao realizar um ato indireto, o falante tem as seguintes vantagens: (i) pode ganhar crédito por ter tido tato, por não ser coercivo; (ii) corre menos risco de esse ato entrar na rede de fofocas que os outros mantêm sobre ele; (iii) evita responsabilidade sobre a interpretação em potencial da exigência da face; (iv) ele pode dar ao ouvinte a oportunidade de ser visto se importando com o falante.

De acordo com os autores, em um contexto de mútua vulnerabilidade de face, como na realização dos atos verbais de pedir, qualquer indivíduo tentará evitar esses atos de ameaça à face, ou utilizará estratégias para minimizar a ameaça desses atos. O falante levará em consideração o peso relativo de três desejos, no mínimo: (a) o desejo de comunicar o conteúdo do ato de ameaça a face, (b) o desejo de ser eficiente ou urgente e (c) o desejo de manter a face do ouvinte a qualquer preço. A não ser que (b) seja maior do que (c), o falante terá vontade de minimizar a ameaça do seu ato.

A variedade de formas diretas e indiretas para fazer um pedido ou dar uma ordem, que parece estar disponível em todas as línguas, é provavelmente motivada por fatores sociológicos devido à necessidade de minimizar a imposição dos atos diretivos. Uma das formas de o falante minimizar a imposição desses atos é através da escolha de uma estratégia indireta em vez de uma direta.

Apresentamos, a seguir, a proposta de classificação dos atos de fala, desenvolvida por Brown e Levinson (1987), de acordo com o nível de diretividade: (i) o nível direto; (ii) o nível indireto convencional; e (iii) o nível indireto não-convencional.

(i) O nível direto – Segundo os autores, um ato realizado de modo seco, sem reparo, é aquele realizado de forma direta, sem ambigüidade e de maneira concisa. Normalmente, um ato de ameaça à face realiza-se dessa forma somente se o falante não temer uma retribuição do ouvinte. Acontece em algumas circunstâncias, como por exemplo: (i) quando os falantes concordam que o

trabalho de face deve ser colocado de lado em interesse da urgência e eficiência; (ii) quando o perigo à face do ouvinte é muito pequeno, como em pedidos que são feitos em favor do interesse do ouvinte; (iii) quando o falante é muito superior ao ouvinte em termos de poder. Neste tipo de pedido, a intenção comunicativa do ato fica clara para os participantes e o falante é responsável pela interpretação do ato.

Segundo Brown e Levinson (1987), um ato realizado de forma direta pode ser feito sem ação de reparo ou com ação de reparo. Um ato direto sem ação de reparo (*without redressive action, baldly*) é aquele feito de forma direta, clara, concisa e sem ambigüidade (exemplo: Faça X!). Os autores relacionam esse tipo de ato com as “Máximas da Cooperação” desenvolvidas por Grice (1967,1975) - seja informativo na medida certa, seja sincero/ verdadeiro, fale somente o que for relevante e seja claro.

Os referidos autores chamam de ato direto com ação de reparo (*with redressive action*) um ato que “dá face” ao ouvinte, ou seja, quando o falante tenta contrapor-se à ameaça potencial da face do ouvinte através de modificações que indicam que o ato de ameaça à face não é desejável ou pretendido. Nesse tipo de elocução o falante reconhece os desejos de face do ouvinte (exemplo: Você poderia fazer X?). Estas ações de reparo à face podem ter uma ou duas formas (polidez positiva e/ou polidez negativa), dependendo do aspecto da face (positiva ou negativa) enfatizado.

(ii) O nível indireto convencional – de acordo com Brown e Levinson (1987), nesse tipo de estratégia de polidez negativa, o falante indica o seu desejo de ter realizado o ato, indiretamente, mostrando sua preocupação em honrar o desejo da face negativa do ouvinte, ou seja, o seu desejo de não sofrer imposição. O falante utiliza frases que, por convenção, já não são consideradas ambíguas. A afirmação ou questionamento de uma das condições de felicidade de Searle (1969) necessárias à execução de um ato, como convencionalizado em uma determinada língua, é suficiente para o reconhecimento da força ilocucionária do ato pretendido (exemplo: Você pode me passar o sal?).

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005), há diferentes tipos de formulações indiretas convencionais. Alguns enunciados, por exemplo, funcionam indiretamente apenas em caso de resposta positiva, ou negativa, a seu conteúdo literal, vejamos os exemplos a seguir: “Você tem um cigarro?” (se tiver, me dê

um); “Você tem horas?” (se tiver, me diga que horas são); “Você é francesa?” (se não for, de onde você é?).

A autora acrescenta que a convencionalização também pode atingir em bloco uma seqüência específica em seu léxico e sintaxe, como nos exemplos a seguir: “Não sou surdo” (= fale mais baixo); “Seu pai é vidraceiro?” (= sai da frente, assim não posso ver). Essas expressões idiomáticas apresentam o grau extremo da convencionalização.

A autora diz que é necessário admitir o gradualismo desse fenômeno e a existência de atos indiretos semiconvencionais ou quase-convencionais. Por exemplo, um “Está muito bom”, à mesa, será quase sistematicamente interpretado indiretamente como um “Vou aceitar mais um pouco”, se for pronunciado com uma entonação exclamativa diante do anfitrião. Sobre a relação semântica existente entre os dois enunciados “Está muito bom” e “Eu aceitaria mais um pouco”, podemos verificar que o primeiro enunciado explicita a condição de sinceridade do segundo (“sou sincero ao dizer que aceitaria um pouco mais, pois acho que está muito bom”). De fato, esta é a hipótese de Searle:

realizar um ato indireto consiste geralmente em afirmar ou questionar uma das condições de sucesso às quais está submetido o ato em questão, isto é, em efetuar um deslocamento do próprio ato a uma ou outra das suas condições de sucesso (Kerbrat-Orecchioni, 2005, p.55).

(iii) O nível indireto não convencional – nesse tipo de ato a intenção do falante não é indicada diretamente. Não existe um comprometimento do falante com a interpretação do ato. Assim sendo, a interpretação do ato vai depender de uma inferência mais complexa do ouvinte, e sobretudo do contexto. Brown e Levinson (1987) comentam que o falante pode utilizar diferentes estratégias indiretas, como por exemplo, metáforas, insinuações, ironias, pistas associativas etc (por exemplo: “Que calor!” pode ser igual a “Liga o ar condicionado!”). É importante ressaltar que estes tipos de estratégias violam as máximas conversacionais (de relevância, de quantidade, de qualidade e de modo) propostas por Grice (1975).

Segundo Oliveira (1995), sempre que o pedido puder trazer risco ao equilíbrio da relação, o locutor vai utilizar diferentes recursos para dissimular o teor de desaprovação e de imposição implicado. A indiretividade é uma dessas

estratégias de dissimulação. Citando Brown e Levinson, a autora diz que podemos ser indiretos violando a máxima de modo proposta por Grice. Ser vago, ambíguo e não ser claro são algumas estratégias que utilizamos para evitar um ato de ameaça à face. Os atos de fala indiretos são aqueles em que o falante comunica mais do que ele realmente diz. Ele confia na informação compartilhada entre os participantes, na inferência do ouvinte ou na relação sequencial entre elocução e ato, como é o caso dos pré-pedidos.

Os atos indiretos funcionam através de elementos contextuais e de pressupostos compartilhados pelos falantes enquanto participantes do mesmo jogo de linguagem e, com isso, familiarizados com as crenças, hábitos e práticas um do outro. Assim, uma análise dos atos indiretos deve considerar tanto o caráter dialógico da troca lingüística quanto os elementos contextuais compartilhados entre os falantes (Marcondes, 2005, p.28).

A decodificação dos atos de linguagem indiretos implica um mecanismo muito complexo e a identificação dos valores indiretos está sempre sujeita a mal-entendidos (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p.75). De acordo com os autores, os mal-entendidos que ocorrem na identificação dos valores indiretos são geralmente involuntários, mas às vezes podem ser voluntários. Esses mal-entendidos podem ser decorrentes de (i) uma super-interpretação – quando o ouvinte vê um valor indireto onde o falante pretendeu falar diretamente; (ii) uma subinterpretação – quando o ouvinte não percebe, ou finge não perceber o valor derivado; (iii) uma interpretação errada – quando o ouvinte comete um equívoco sobre o valor, como no seguinte exemplo « Você está de carro ? ». Esta pergunta tem o valor de pedido para o falante, mas pode ser interpretada como um oferecimento pelo ouvinte.

No português do Brasil, os atos de fala são preferencialmente indiretos e o estrangeiro desprovido de intuição lingüística que lhe permita perceber o tipo de ato social embutido em um enunciado indireto pode reagir de forma socialmente inadequada (Meyer, 1996). As formulações de ordens e pedidos explícitos são indesejáveis, sendo consideradas grosseiras no português do Brasil. Os pedidos indiretos são formas preferidas no português do Rio de Janeiro. A autora chama a atenção para o fato de utilizarmos entonação de pergunta em formulações de pedidos como estratégia de polidez, substituindo expressões cristalizadas como, por exemplo, *por favor* (Meyer, 1999).



Os atos de linguagem indiretos, como atenuadores dos « atos ameaçadores das faces » das partes em presença, desempenham, igualmente, um papel decisivo no funcionamento da polidez e na gestão da relação interpessoal (Charaudeau e Maingueneau, 2004, p.76).

Como veremos em nossa análise dos dados, as estratégias que atenuam ou reforçam a imposição do ato diretivo podem ocorrer tanto no ato principal quanto nas seqüências que antecedem ou sucedem o ato principal.

### 2.1.2.1

#### **Polidez**

Antigamente a reflexão sobre a polidez relacionava-se a tratados de caráter normativo como, por exemplo, manuais e outras obras de literatura de etiqueta. Essa abordagem deu lugar, recentemente, a uma multiplicidade de estudos tanto teóricos quanto descritivos que verificam qual o papel que a polidez desempenha nas interações cotidianas, e descrevem os procedimentos utilizados para preservar a harmonia das relações interpessoais. Esses procedimentos são extremamente numerosos e diversos. Além disso, não se trata de simples fórmulas, mas de uma parte importante do material produzido na interação (Charaudeau e Maingueneau, 2004).

Portanto, a polidez não é só uma prática social. Ela também é uma questão de interesse de estudiosos do comportamento lingüístico e social. Oliveira (1995) afirma que são complexos os procedimentos envolvidos na interpretação de uma elocução por um dado ouvinte. A autora diz que talvez a grande questão dos estudos da polidez seja explicar como e por que avaliamos um comportamento como polido ou impolido.

Há dois conceitos de polidez que apresentamos resumidamente a seguir : o conceito de polidez como senso-comum e o conceito técnico. O conceito de polidez, nas ideologias de senso comum, está geralmente associado ao conceito de boas maneiras, educação e civilidade. Nesse caso, refere-se aos comportamentos considerados apropriados, ou seja, que correspondem às normas sociais compartilhadas (Oliveira, 1995). A autora aponta que, assim como é impossível não comunicar, é impossível não ter o nosso comportamento exposto a algum tipo

de julgamento, feito por nós mesmos e/ou pelos outros. Tais julgamentos são orientados pelos valores e convenções sociais do grupo a que se pertence. Os comportamentos polidos são em grande parte aprendidos durante o processo de socialização e estão associados ao respeito e à consideração. A autora ressalta que a polidez é vista como um meio simbólico, baseado em valores sociais, derivados da noção não só de ordem social, mas de identidade social. Dessa forma, ela é um instrumento de discriminação social, um meio de distinguir e, conseqüentemente, condenar os que não têm conhecimento sobre os direitos e obrigações que regem as relações sociais.

O conceito técnico de polidez foi introduzido para tratar de modo científico essa prática social do comportamento. Dentre as principais proposições teóricas que contribuem para a constituição da Polidez, estão os modelos de Lakoff (1973), de Brown e Levinson (1978) e de Leech (1983). Para a nossa pesquisa, focaremos principalmente na obra de Brown e Levinson (1978), uma vez que os autores desenvolveram o quadro teórico mais elaborado e também o mais criticado. Para eles, através do fenômeno da Polidez, podemos compreender melhor a vida social humana.

Antes de apresentarmos as teorias da Polidez, examinamos o Princípio da Cooperação, defendido por Grice (1975), cujos princípios conversacionais influenciaram os autores que estudaram o fenômeno da polidez. Segundo Grice (1975), todo ser racional que participa de uma troca comunicativa, age de acordo com um princípio muito geral, denominado de Princípio da Cooperação: faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado. Sustentado por este princípio, Grice distingue quatro máximas que estabeleceriam as regras da conversação: (i) quantidade: seja informativo como requerido; (ii) qualidade: não diga o que você acredita ser falso e não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada; (iii) relação: seja relevante; e (iv) modo: seja claro. A violação de qualquer máxima produz uma implicatura, ou seja, uma inferência sobre a intenção do falante. Grice ressalta que, mesmo quando as máximas são violadas, elas estão regulando a conduta lingüística, porque, devido à pressuposta cooperação mútua dos participantes, tais máximas estarão sempre sendo de alguma forma observadas.

O Modelo de Polidez de Lakoff (1973) propõe duas regras de competência pragmática: seja claro e seja polido. Quando o falante opta por não ser claro, ele viola uma das máximas conversacionais de Grice e passa uma informação ambígua. Um dos motivos que leva o falante a violar as máximas de Grice é a polidez. De acordo com Lakoff, a polidez é menos importante em gêneros discursivos informativos (quando o foco é a informação), e mais importante nos gêneros interativos (quando o foco é a relação interpessoal). A autora propõe três regras de polidez, a saber: R1. não imponha; R2. dê opções; e R3. faça o outro sentir-se bem, seja amigável. A regra 1 relaciona-se à distância esperada entre os participantes em relações formais. A regra 2 refere-se ao respeito pelo território do outro, e finalmente a regra 3 é a regra da camaradagem, que pode ser sincera ou não. Essa regra pressupõe igualdade entre os participantes.

Outro aspecto importante a considerar no modelo de Lakoff é a relação das regras de polidez a fatores como poder, distância social e cultura. Em relação ao poder, a regra 1 é a mais utilizada em sociedades estratificadas, nas quais as relações são assimétricas. A regra 3 é utilizada como estratégia de polidez quando o falante tem mais poder, no entanto, tem um efeito oposto, ou seja, impolido, quando utilizada por quem detém menos poder. Em relação à distância social, as regras 1 e 2 são usadas principalmente em situações formais. A autora também aponta que as regras de polidez podem variar de acordo com a cultura.

Leech (1983) apresenta um princípio da polidez: « minimize a expressão de crenças impolidas e maximize a expressão de crenças polidas » propondo seis máximas dentro do princípio da polidez: 1. Máxima do Tato – minimize os custos e maximize os benefícios; 2. Máxima da Generosidade – minimize o seu próprio benefício e maximize o benefício do outro; 3. Máxima da Aprovação – minimize o descontentamento e maximize o contentamento do ouvinte; 4. Máxima da Modéstia – minimize o contentamento do eu e maximize o descontentamento do eu; 5. Máxima da Concordância – minimize o desacordo e maximize a concordância entre o eu e o outro; 6. Máxima da Solidariedade – minimize a falta de compartilhamento e maximize o compartilhamento.

Leech estabelece uma ligação entre força ilocucionária e meta social. O autor distingue quatro tipos de funções ilocucionárias : (i) os atos que competem com a meta social, como por exemplo, os diretivos que fazem imposição (exemplo: pedidos); (ii) os atos que coincidem com a meta social – os atos

expressivos e comissivos (exemplo: agradecimentos); (iii) os atos que são indiferentes à meta social (exemplo: uma afirmação); e (iv) os atos que conflitam com a meta social (exemplo: ameaça).

Dentre os principais modelos de polidez, Brown e Levinson (1987) desenvolveram o quadro teórico mais elaborado, por isso, há a necessidade de descrevê-lo com mais detalhes. O modelo de polidez dos autores tem como objetivo apresentar uma ferramenta para descrever a qualidade dos relacionamentos sociais. Os autores consideram que os padrões de construção da mensagem, ou simplesmente o uso da língua, são as partes fundamentais da expressão dos relacionamentos sociais. Segundos os autores, o *ethos* da língua, ou seja, a qualidade afetiva típica da interação dos membros de uma determinada sociedade, está na forma de expressão. Portanto, o conceito de *ethos* é importante na investigação sobre os aspectos culturais que influenciam a maneira dos falantes interagirem. Geertz (1989, p.93) diz que « o *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete ». Assim sendo, podemos relacionar o *ethos* de uma cultura com os comportamentos considerados polidos ou impolidos nessa sociedade.

Brown e Levinson sugerem a polidez como um meio de conciliar o desejo de preservação das faces com o fato de que a maioria dos atos de linguagem são potencialmente ameaçadores às faces dos participantes. Desse modo, a essência do trabalho dos autores consiste em fazer um inventário das diversas estratégias de polidez utilizadas para atenuar os atos ameaçadores da face. Segundo os autores, o falante deve decidir se deve ou não realizar um ato de ameaça à face e, assim, terá as seguintes escolhas disponíveis: (i) realizar o ato com o máximo de eficiência, sendo claro na expressão das intenções; (ii) realizar o ato diretamente, mas com o apoio de estratégias de polidez positiva/negativa; (iii) realizar o ato indiretamente; e (iv) não realizar o ato. Assim sendo, para a realização de alguns atos ameaçadores da face, o falante utiliza estratégias de polidez positiva/negativa.

As estratégias de polidez positiva são dirigidas à face positiva do ouvinte, ou seja, ao seu desejo de ser aprovado e apreciado pelo menos no grupo de referência. Deste modo, o falante valoriza o outro, mostrando que o outro é alguém importante. Como exemplos de algumas estratégias de polidez positiva, podem ser citadas: (i) manifeste atenção para os interesses, desejos, necessidades

e pertences que o ouvinte gostaria que fossem percebidos e aprovados; (ii) exagere na aprovação e simpatia pelo interlocutor; (iii) manifeste interesse pelo interlocutor; (iv) mostre que você e o ouvinte são membros do mesmo grupo, usando marcadores de identidade, como formas de tratamento, gírias, dialeto do grupo, diminutivos; (v) procure acordo; (vi) evite discordância, atenuie opiniões contrárias ao do ouvinte; (vii) pressuponha, aumente a base comum através de bate-papos; (viii) faça brincadeiras para deixar o ouvinte à vontade; (ix) indique que você considera os desejos do ouvinte; (x) ofereça, prometa, (xi) seja otimista em relação à cooperação do outro; (xii) inclua o falante e o ouvinte na mesma atividade; (xiii) assuma reciprocidade; e (xiv) dê presentes para o ouvinte (solidariedade, compreensão, cooperação).

As estratégias de polidez negativa são dirigidas à face negativa do ouvinte, ou seja, à preservação de território do outro. Desse modo, empregam-se expressões que evitam imposições ao interlocutor, como pode ser observado nas sugestões a seguir: (i) seja convencionalmente indireto; (ii) seja evasivo, não se comprometa; (iii) seja pessimista em relação à vontade do ouvinte em lhe atender; (iv) minimize a imposição do ato; (v) mostre deferência; (vi) peça desculpas; (vii) impessoalize o locutor e o interlocutor do ato de ameaça; (viii) faça o ato de ameaça à face como uma norma social; (ix) nominalize; e (x) vá direto ao ponto e assumo o débito ou não coloque o ouvinte em débito.

Em relação ao efeito de polidez ou de impolidez dos atos diretivos, que é o nosso objeto de estudo, Kerbrat-Orecchioni (2005) afirma que esse efeito não está apenas relacionado ao modo de formular o próprio ato, mas depende também de tudo que o cerca e principalmente dos elementos que podem suavizar ou endurecer o ato. Além da prosódia e do “tom” há, por exemplo, morfemas como *por favor* ou seus equivalentes, minimizadores, adutores, desarmadores, ou um acúmulo desses diferentes procedimentos. Segundo a autora, é preciso levar em conta a totalidade do material de que é feito o enunciado para avaliar seu grau de polidez. Por outro lado, para qualificar uma solicitação como impolida, é preciso também que ela seja percebida como uma imposição (uma invasão territorial).

Segundo a referida autora, o grau de polidez de uma solicitação nem sempre aumenta em função da presença de suavizadores, pois em determinadas culturas e circunstâncias, uma formulação direta pode ser considerada mais polida do que uma formulação indireta. A autora acrescenta, ainda, que o

desconhecimento de variações culturais pode afetar o funcionamento das regras de interação e, especificamente em relação aos atos de linguagem, pode ter efeitos desastrosos.

Assim como a aquisição da língua materna inclui a aquisição das regras pragmáticas, estas regras devem ser ensinadas àqueles que aprendem uma língua estrangeira, pois fazem incontestavelmente parte da “competência” dos sujeitos falantes. Mais precisamente:

1. Ensinar uma língua é ensinar também o funcionamento dos atos de linguagem, ou seja, um conjunto de regras de correlações entre estruturas formais e valores ilocutórios.
2. Ensinar os atos de linguagem é ensinar também a utilização, ou seja, um conjunto de regras de correlações entre empregos e condições de emprego. (Kerbrat-Orecchioni, 2005, p.200)

### 2.1.2.2

#### Impolidez

Culpeper (1996) chama a atenção para o fato de que, nos últimos vinte anos, as teorias da polidez se concentraram nas estratégias para manter e promover a harmonia social. Entretanto, há poucos estudos sobre as estratégias comunicativas que causam desarmonia social. O autor faz um estudo sobre a impolidez, ou seja, sobre o uso de estratégias que causam desarmonia social. Essas estratégias são orientadas para atacar a face do interlocutor. Culpeper propõe a construção de um modelo de impolidez em paralelo, mas oposto, ao Modelo de Polidez desenvolvido por Brown e Levinson (1987).

Culpeper comenta que, para Brown e Levinson (1987), em geral, as pessoas cooperam para manutenção das faces dos participantes durante a interação. Entretanto, há circunstâncias em que a vulnerabilidade da face é desigual e a motivação para os participantes serem cooperativos é reduzida. Por exemplo, o participante que detém maior poder tem mais liberdade para ser impolido, porque: (a) ele pode reduzir a habilidade de o participante que detém menos poder revidar com impolidez (por exemplo, através da negação do direito de falar); (b) ele também pode ameaçar uma retaliação mais severa se o participante com menos poder for impolido. Desse modo, a impolidez tem mais chance de ocorrer em situações em que há desequilíbrio de poder.

Ainda de acordo com Culpeper (1996), são complexos os fatores que influenciam a ocorrência de impolidez nas relações entre participantes com igual poder. O autor argumenta que se a falta de polidez está relacionada à intimidade, então a impolidez verdadeira, aquela oposta à zombaria, ocorre com mais frequência em relacionamentos extremamente íntimos. Há evidências que confirmam essa hipótese. O autor comenta que Birchler *et al.* (1975) descobriram que, mesmo em casamentos felizes, marido e esposa são mais hostis um com o outro do que com estranhos. Em relacionamentos familiares há mais oportunidade para o comportamento impolido, já que há o conhecimento de aspectos da face que são particularmente sensíveis a ataques. Além disso, existe maior possibilidade para fomentar contra-ataques. Entretanto, parece absurdo afirmar que quanto mais íntimo alguém fica de outra pessoa, mais impolidez ele utilizará.

Culpeper diz que parte do problema está no conceito de *intimidade*. Por ser um conceito vago, *intimidade* possui variáveis independentes, e não se resume à noção de familiaridade. De acordo com Brown e Gilman (1989), o termo *intimidade* significa que as pessoas que são íntimas possuem muito em comum. Neste sentido, os amigos que são íntimos tendem a compartilhar os mesmos desejos da face. Nesse caso, o comportamento impolido fica reduzido, uma vez que, em circunstâncias normais, pressupõe-se que os participantes desejam evitar danos às faces. Segundo Culpeper, o termo *intimidade*, às vezes, pode significar afeto. Parece extremamente convincente que a impolidez esteja correlacionada ao afeto negativo. Os estudos de Slugoski e Turnbull (1988) evidenciam que as pessoas esperam menos consideração à face quando têm antipatia pelo relacionamento. Por outro lado, quanto mais as pessoas se gostam, mais preocupação elas terão em preservar as faces dos participantes. Dessa forma, os insultos terão mais chance de serem interpretados como zombaria (impolidez sem intenção de causar ofensa) quando são direcionados às pessoas de quem o falante gosta.

O autor aponta que uma das características particulares do comportamento impolido, em relacionamentos entre iguais, é a sua tendência de aumentar. Por definição, nas relações entre iguais não há um mecanismo padrão pelo qual um participante se torne superior. Um insulto pode facilmente conduzir a um contra-insulto e assim por diante. Os estudos de Harris *et al.* (1986) sobre agressão verbal revelam que é um pressuposto comum o fato de a melhor maneira de salvar a face

quando recebemos um ataque verbal ser um contra-ataque. Na verdade, os sujeitos afirmam que a única maneira de terminar uma agressão verbal entre amigos homens tenha sido através de uma interferência externa. Não é surpresa que, às vezes, a agressão verbal se intensifique até culminar em violência física.

O autor diz, ainda, que as circunstâncias mencionadas não esgotam as situações em que a impolidez possa ocorrer. Apresentamos, a seguir, as estratégias de impolidez desenvolvidas por Culpeper (1996). É interessante observar que, para cada estratégia de polidez, há uma estratégia oposta de impolidez. Elas são opostas em termos de orientação para a face. Ao invés de realçar e sustentar a face, as estratégias de impolidez são meios de atacar a face.

Segundo Brown e Levinson (1987), as estratégias de polidez para realizar um AAF são: (i) diretamente - realizar o ato com o máximo de eficiência, sendo claro na expressão das intenções; (ii) polidez positiva - realizar o ato através de estratégias de reparação que atendam às necessidades da face positiva; (iii) polidez negativa - realizar o ato através de estratégias de reparação que atendam às necessidades da face negativa; (iv) indiretamente - realizar o ato indiretamente, através da violação às máximas do Princípio de Cooperação, que sinalizarão para o ouvinte uma intenção pretendida, mas não explicitada claramente; (v) não realizar o ato de ameaça à face.

De acordo com Culpeper (1996), as estratégias de impolidez são: (i) impolidez direta - o AAF é realizado diretamente, sem ambigüidade em circunstâncias nas quais a face não é irrelevante ou minimizada; (ii) impolidez positiva - utilização de estratégias para atingir/destruir os desejos da face positiva do ouvinte; (iii) impolidez negativa - utilização de estratégias para atingir/ destruir os desejos da face negativa do ouvinte; (iv) Sarcasmo ou zombaria - o AAF é realizado com o uso de estratégias que são claramente insinceras; (v) negação da polidez - ausência de trabalho de polidez onde a polidez é esperada.

O referido autor chama a atenção para o fato de que a fórmula desenvolvida por Brown e Levinson (1987) para avaliar o peso do AAF também serve para avaliar as estratégias de impolidez. Quanto maior for o peso do AAF, maior poder e distância do outro, maior será o dano causado pelo ato de impolidez. Apresentaremos, a seguir, as estratégias de impolidez positiva e negativa sugeridas por Culpeper. O autor ressalta que a lista abaixo não é



exaustiva e que as estratégias dependem de um contexto apropriado para serem consideradas impolidas.

Como exemplos de algumas estratégias de impolidez positiva tem-se: (i) ignore o outro – desconsidere a presença do outro; exclua o outro da atividade; (ii) dissocie-se do outro – negue associação ou base comum com o outro; evite sentar junto; (iii) use marcadores de identidade inapropriados – utilize título ou sobrenome em relações de proximidade, utilize apelido em relações distantes; (iv) empregue linguagem obscura – adote jargão ou códigos que são conhecidos para os outros integrantes do grupo, mas que são desconhecidos para quem você quer atingir; (v) busque desacordo – selecione um tópico sensível/polêmico; (vi) faça o outro se sentir desconfortável – não evite o silêncio, brinque ou use bate-papo; (vii) diga palavras tabus - xingue ou use linguagem abusiva ou profana; (viii) chame o outro por nomes depreciativos.

Como exemplos de algumas estratégias de impolidez negativa temos: (i) amedronte – informe que uma ação em detrimento do outro irá ocorrer; (ii) ridicularize – enfatize o seu poder relativo; desdenhe; (iii) não trate o outro com seriedade – diminua o outro (exemplo: use diminutivo); (iv) invada o espaço do outro – literalmente (exemplo: posicione-se mais perto do que a relação com o outro permite) ou metaforicamente (exemplo: pergunte ou fale sobre informações que são muito íntimas para a relação que vocês têm); (v) associe o outro com algum aspecto negativo – personalize, use os pronomes “eu” e “você”; (vi) coloque o outro em débito, diretamente.

No presente trabalho, a identificação e a análise das estratégias de impolidez auxiliam a identificação dos fatores que condicionam as escolhas das construções das ordens e dos procedimentos que agravam o teor de imposição desse ato de ameaça à face.

### 2.1.3

#### **Conceitos do Interculturalismo**

A educação intercultural tende a ser uma exigência das sociedades atuais. Num mundo globalizado, devido à crescente mobilidade humana, torna-se inevitável o contato com pessoas provenientes de culturas diferentes. A educação intercultural tem como objetivo fornecer ferramentas que auxiliem o entendimento

entre pessoas com identidades culturais diferentes. Os interculturalistas apontam para a necessidade de compreendermos os padrões de comportamento, as crenças e os valores do grupo com o qual estamos em contato para que a interação entre as pessoas seja harmoniosa e ocorra de maneira satisfatória.

Adotamos nesse trabalho alguns conceitos desenvolvidos pelo modelo interculturalista, principalmente os conceitos cunhados por Bennet (1998) e por Hall (1990), por nos auxiliarem no entendimento de algumas questões que estão nos valores da cultura brasileira e que aparecem na interação face-a-face.

### **2.1.3.1**

#### **Cultura Objetiva e Cultura Subjetiva**

Milton Bennett (1993) classificou cultura em duas categorias: Cultura Objetiva e Cultura Subjetiva. A Cultura Objetiva engloba as artes, a literatura, a língua, o teatro, a música, a dança (...), ou seja, as manifestações produzidas pela sociedade. Essas manifestações são concretas e podemos ver. A Cultura Objetiva inclui, ainda, os sistemas social, econômico, político e lingüístico de uma sociedade. Já a Cultura Subjetiva engloba o uso da língua, os padrões de crenças, de comportamentos e os valores aprendidos e compartilhados por um grupo de pessoas que interagem. A compreensão da Cultura Subjetiva pode conduzir à competência intercultural. Entretanto, a aprendizagem das estruturas lingüísticas e das regras morfossintáticas não é suficiente para se chegar a essa compreensão.

### **2.1.3.2**

#### **Estilo de Comunicação Linear e Estilo de Comunicação Contextual**

Bennett (1998) afirma que a maneira como pensamos vai aparecer em nosso comportamento comunicativo. Uma vez que as formas de pensar são influenciadas pela cultura, nas situações de cruzamento de culturas, as diferenças nos estilos de comunicação tornam-se evidentes. Para o autor, uma das diferenças na maneira de se comunicar que mais chama a atenção refere-se ao modo de discutir um determinado assunto, seja na língua falada ou na escrita. Segundo o autor, há dois estilos de comunicação: linear e contextual. No estilo de comunicação linear, o assunto é conduzido do ponto *a*, ao ponto *b* e então, ao

ponto c. O falante estabelece ligações de um ponto para o outro e finalmente conclui o assunto. Já no estilo de comunicação contextual, o falante não conduz a discussão de um ponto para o outro. Nesse caso, a comunicação é conduzida de modo circular e, ainda, com muita riqueza de detalhes. Esse estilo de comunicação é característico dos povos latinos, árabes e asiáticos.

O autor comenta que, além de conscientizar o aluno a respeito desses dois estilos de comunicação, é necessário que o mesmo desenvolva competência em ambos os estilos. Os alunos provenientes de culturas com estilo de comunicação linear tendem a interpretar o estilo de comunicação contextual como vago, evasivo e não-lógico. Desse modo, é necessário apontar os pontos fortes e fracos de cada estilo. Os pontos fortes da comunicação linear são eficiência e rapidez, enquanto o seu ponto fraco está no desenvolvimento de relacionamentos. Em oposição à comunicação linear, a comunicação contextual tem como ponto forte a facilidade para formação de equipe. A criatividade também é um ponto forte desse estilo, enquanto a demora é seu ponto fraco.

### **2.1.3.3**

#### **Comunicação de Alto Contexto e Comunicação de Baixo Contexto**

Os conceitos de Cultura de Alto Contexto e de Cultura de Baixo Contexto cunhados por Hall (1998) também são muito importantes para a interpretação dos nossos dados. O autor define comunicação ou mensagem de alto contexto como aquela em que a maior parte da informação está predominantemente no contexto físico ou internalizada pela pessoa, enquanto pouca informação está no código e é explicitada na mensagem que está sendo veiculada. Nesse tipo de comunicação, há muita informação além do enunciado lingüístico. Já na comunicação/mensagem de baixo contexto, a maior parte da informação está predominantemente explícita no código.

## 2.1.4

### Conceitos da Antropologia Social

Adotamos em nosso estudo alguns conceitos desenvolvidos pela Antropologia Social, pois nos auxiliam a identificar e interpretar as interferências culturais que aparecem nas estruturas lingüísticas utilizadas pelos falantes. Os conceitos de casa e rua, indivíduo e pessoa, cordialidade e a expressão *Sabe com quem está falando?*, os quais utilizamos nesta pesquisa, são baseados, principalmente, nos estudos do antropólogo Roberto Da Matta.

#### 2.1.4.1

##### A casa e a rua

Iniciamos a análise do comportamento do brasileiro utilizando a oposição categórica entre a *casa* e a *rua*. A *casa* e a *rua* são categorias desenvolvidas por Roberto DaMatta, mas é importante lembrar que essas categorias não foram criadas por ele, uma vez que já foram utilizadas por outros pesquisadores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda entre outros.

Segundo DaMatta (1987), a *casa* e a *rua* correspondem à divisão entre os dois espaços fundamentais da vida social brasileira. A *casa* é o espaço das relações pessoais. É um espaço marcado por uma forte moral, onde há harmonia e afetividade entre as pessoas. Em *casa* somos “alguém”, somos únicos e insubstituíveis. Na *casa* brasileira, o amor filial deve se estender para os compadres e amigos, para quem as portas da casa estão sempre abertas. Outra peculiaridade da *casa* brasileira é a possibilidade de ter agregados. Pessoas que vivem na casa, embora não façam parte da família. Na *casa* tentamos estabelecer a nossa mais profunda identidade social.

O autor afirma que o espaço da *rua* é o mundo exterior, marcado pelas relações sociais. É o espaço onde trabalhamos, onde existe luta e competição entre as pessoas. Corresponde à “dura realidade da vida”. No mundo da *rua* somos anônimos, ninguém conhece ninguém. Não há consideração, nem respeito, nem amizade entre as pessoas. É um lugar tenso e perigoso, onde nunca estamos

absolutamente à vontade. Na *rua* ninguém nos respeita como “gente” ou “pessoa”. Somos pessoas desconhecidas e apenas compomos a “massa” e o “povo”.

Na *rua* temos apenas grupos desarticulados de indivíduos – a “massa” humana que povoa as nossas cidades e que remete sempre à exploração e a uma concepção de cidadania e de trabalho que é nitidamente negativa (DaMatta, 1984, p.29).

Segundo o referido autor, na vida social brasileira, os espaços sociais da *casa* e da *rua* são complementares. A vida social brasileira é permeada de tensões e compensações. A *rua* compensa a *casa* e a *casa* equilibra a *rua*. A transição entre a *casa* e a *rua* é sempre feita através de um ritual. “Preparar-se para sair de casa” é uma expressão corriqueira e ritualizada, marca a passagem de um lugar seguro, onde existe uma hierarquia, para um lugar mais individualizado, onde somos anônimos. Então, nos ajeitamos e nos arrumamos, de forma que a roupa e a aparência sejam um sinal contra o anonimato e sirvam para estabelecer hierarquias e criar espaços onde as pessoas identifiquem com quem estão falando. A etiqueta social do corpo auxilia a mostrar que o indivíduo é “gente de berço”, que tem “onde cair morto”.

DaMatta (1987, p.93) diz que a sociedade brasileira é dotada de múltiplas esferas de ação e significação social. O autor ressalta que é fundamental a capacidade de se relacionar e de criar uma posição intermediária na relação, que pode ser traduzida numa linguagem de conciliação, negociação e gradação. Esse fato explica a popularidade do malandro e do político populista que estão sempre manipulando com habilidade os dois lados.

Neste trabalho, identificamos e analisamos algumas estratégias discursivas utilizadas pelos falantes que evidenciam a tentativa de transformar os relacionamentos da *rua* em relacionamentos familiares – da *casa*, com o objetivo de obter alguma vantagem na vida social.

#### 2.1.4.2

#### **Indivíduo e Pessoa**

Segundo DaMatta (1997), as noções de indivíduo e pessoa são básicas para compreender o universo social e, então, perceber como atuar nele. A noção de

indivíduo como unidade isolada e autocontida foi desenvolvida no Ocidente, enquanto nas sociedades hierarquizadas e tradicionais, como a brasileira, a noção de pessoa é dominante.

O autor afirma que embora toda sociedade humana seja constituída de indivíduos empiricamente (ou naturalmente) dados, nem toda sociedade tomou esse fato como ponto central da sua elaboração ideológica. Dessa forma, existem sistemas que privilegiam o indivíduo e outros que evidenciam a pessoa. Como indivíduos, exigimos direitos iguais e a aplicação das leis impessoais para todos, uma vez que deveríamos ter os mesmos direitos perante a lei. Como pessoas, desejamos separação e diferenciação social. Desejamos usufruir certos privilégios estabelecidos por nossa posição social.

Segundo o autor, no Brasil, utilizamos ambas as categorias. Podemos expressar a realidade brasileira através de um código duplo. Temos um sistema que é emoldurado por leis universais e que é apresentado como igual para todos, mas que ao mesmo tempo possui um sistema de relações sociais em que a pessoa exige um tratamento diferenciado e privilegiado perante a lei.

Não há brasileiro que não conheça o valor das relações sociais e que não as tenha utilizado como instrumentos de solução de problemas ao longo de sua vida” (DaMatta,1987, p.94).

No universo individualizante estão as leis que foram instituídas para estabelecer igualdade para todos. Elas têm a função de ordenar o mundo massificado dos indivíduos, aos quais as leis devem ser aplicadas. No universo de pessoas encontramos os “medalhões”, as “pessoas-instituições”, a “superpessoa”, que estão acima da lei. Para essas pessoas, os favores não podem ser negados e as leis devem ser modificadas.

De acordo com o autor, no Brasil existem zonas de conflito e de passagem do sistema do indivíduo para o da pessoa. Passamos de pessoa a indivíduos quando ingressamos no mundo da rua, quando começamos a trabalhar, por exemplo. Entretanto, no Brasil, nem todas as pessoas iniciam a sua vida profissional como indivíduos. A passagem de pessoa a indivíduo e depois a pessoa pode ser exemplificada através de um emprego que se torna familiar, no qual se mantêm aspectos de amizade e simpatia.

### 2.1.4.3

#### ***Sabe com quem está falando?***

De acordo com DaMatta (1997), a *rua*, sendo um ambiente impessoal, seria um ambiente que tenta desfazer os privilégios. Entretanto, ao se ver sem o apoio do seu grupo moral e ao se sentir esmagado pelas normas impessoais, o indivíduo deseja mostrar que “é alguém” e então ele utiliza a expressão “*Você sabe com quem está falando?*” O autor ressalta que, se escondermos do estrangeiro as estratégias de navegação social existentes na sociedade brasileira, como o “*Sabe com quem está falando?*”, seria porque esses rituais revelam conflitos e o brasileiro tende a evitá-los. O conflito aberto, que expõe opiniões, é uma característica do igualitarismo individualista, o contrário então do tipo de sociedade hierarquizante existente no Brasil.

Segundo o autor, o rito “*sabe com quem está falando*” implica sempre a separação radical e autoritária de duas posições sociais reais ou teoricamente diferenciadas. Essa maneira de dirigir-se ao outro, embora seja popular entre os brasileiros, não aparece nos roteiros que definem os traços essenciais do nosso caráter como povo e nação, pois não é motivo de orgulho para ninguém e revela um modo indesejável de ser brasileiro.

Segundo o autor, o “*sabe com quem está falando*” reforça a institucionalização do relacionamento na sociedade brasileira. Todos os brasileiros conhecem a força que as relações sociais têm no Brasil; então, os relacionamentos são utilizados como estratégia de poder. Entender e navegar no universo dessas relações requer “jogo de cintura” e “malandragem”. DaMatta diz que o nome de família, o título de doutor, a cor da pele, o bairro onde moramos, o nome do padrinho, as relações pessoais, o ser amigo do Político ou Chefe, tudo isso nos classifica socialmente.

DaMatta chama a atenção para o fato de o *Sabe com quem está falando?* poder ser utilizado por um “inferior” ou subalterno contra outra pessoa qualquer. Nesse caso, ocorre uma *identificação social vertical*, ou seja, o subordinado toma a projeção social do seu chefe, patrão ou empregador, como uma capa de sua própria posição. Por meio da projeção social do chefe, marido etc, a pessoa age como se fosse o próprio superior e assim utiliza laços de subordinação para

inferiorizar um outro indivíduo que, normalmente, ou seja, pelos critérios econômicos gerais, seria igual a ele.

De acordo com o autor, o apadrinhamento, a patronagem e as relações pessoais existentes na sociedade brasileira entram em conflito e contradizem as leis constitucionais. Essa contradição provoca apenas discursos na rua e anedotas em família. DaMatta ressalta que deveríamos ficar mais atentos a esses tipos de comportamentos que são muito evidentes na sociedade brasileira, pois, só assim, poderemos penetrar na dialética da nossa tradição e tentar compreender a razão da nossa tolerância a esses fatos.

DaMatta diz que o “Sabe com quem está falando?” é a negação do “jeitinho”, da “cordialidade” e da “malandragem”, características utilizadas para definir o brasileiro, como fizeram Holanda (1973) e Antonio Candido (1970).

Neste trabalho, identificamos algumas estratégias utilizadas pelos falantes que evidenciam um tipo de *identificação social vertical*, quando um subordinado tenta utilizar o poder social do seu patrão para obter vantagem na vida social.

#### 2.1.4.4

#### **Cordialidade**

A cordialidade é utilizada por muitos pesquisadores, do âmbito da lingüística e da antropologia, como um traço peculiar do caráter brasileiro. Entretanto, há um debate caloroso sobre essa questão, pois existem antropólogos que afirmam que a cordialidade, a afetuosidade etc, fazem parte do mito fundacional do Brasil. Apresentaremos, a seguir, alguns pontos de vista divergentes em relação à cordialidade do brasileiro.

Holanda (1995) diz que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade. Segundo o autor, a hospitalidade e a generosidade representam traços do caráter brasileiro. Entretanto, essas virtudes não significam “boas maneiras” ou civilidade, pois são expressões de um fundo emocional extremamente rico e transbordante.

Segundo o autor, o povo brasileiro tem aversão aos ritualismos. Desse modo, a forma de o brasileiro conviver socialmente é o contrário da polidez. O temperamento brasileiro pode até admitir fórmulas de reverência e bom grado, mas somente se não suprimir a possibilidade de convívio mais familiar. O autor



afirma que a manifestação normal de respeito em outras culturas, no Brasil, em geral, relaciona-se com o desejo de estabelecer intimidade. Holanda aponta que o horror às distâncias parece constituir o traço mais específico do espírito brasileiro. “No Brasil, é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza” (Ibidem, p. 149).

Holanda acrescenta que a vida íntima do brasileiro nem é muito coesa e nem muito disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade. O brasileiro é livre, então, para abandonar todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os muitas vezes sem muita dificuldade.

O autor chama a atenção para o fato de a cordialidade do brasileiro, no domínio da língua, refletir-se no acentuado emprego dos diminutivos. O sufixo – *inho* serve para nos familiarizar mais com as pessoas e com os objetos e, ao mesmo tempo, para enfatizá-los. A utilização de diminutivos faz com que as pessoas e os objetos fiquem mais acessíveis aos sentidos, além de servir para aproximá-los do coração. Holanda diz que certos abusos desse nosso apego aos diminutivos, abusos ridículos, muitas vezes são motivos de zombaria para os portugueses.

DaMatta (1997) concorda com a existência da cordialidade no modo de ser do brasileiro. Entretanto, para este autor, tal cordialidade está dialeticamente relacionada à lógica brutal das identidades sociais. Já a antropóloga Seyferth (2002), em seu estudo sobre a sociedade brasileira, contesta o “mito fundacional da brasilidade” - a miscibilidade e o que se acrescentou a esses conceitos: a cordialidade, a afetuosidade e outros termos que supõem ausência de conflitos. Segundo a autora, o mito continua afirmando uma igualdade e um entendimento que não existem na vida cotidiana do brasileiro.

Ortiz (1994, p.137) comenta que existe na história intelectual brasileira uma tradição que procurou definir a identidade nacional em termos de caráter brasileiro. Holanda buscou as raízes do brasileiro na “cordialidade”, Paulo Prado na “tristeza” e Cassiano Ricardo na “bondade”. O carnaval e a índole malandra do brasileiro também são aspectos com os quais outros escritores procuram encontrar a brasilidade. O autor comenta que a construção da identidade nacional necessita de mediadores que são os intelectuais. Desta forma, a cultura é sempre passível de

interpretação e os intelectuais têm nesse processo um papel relevante, pois são os autores desse jogo da construção simbólica.

### 2.1.5

#### **O tratamento dado às noções de ordem e pedido nas gramáticas tradicionais de PLM e PL2-E**

Ao analisarmos algumas gramáticas tradicionais de PLM e PL2-E, verificamos que as noções de ordem e pedido não são tratadas de maneira satisfatória. Há uma simplificação do assunto, resumindo-o, na maioria das vezes, a questão de uso do imperativo ou de outras formas verbais empregadas para exprimir os valores de ordem e pedido. Apresentamos, a seguir, como as noções de ordem e pedido são tratadas em PLM pelos seguintes autores: Bechara (2001), Cunha e Cintra (2001) e Travaglia (1999). Quanto ao tratamento dessas noções em PL2-E, analisamos as obras de Hutchinson & Lloyd (1996) e Perini (2002).

Bechara (2001) tece comentários sobre algumas questões relacionadas ao uso do modo imperativo. De acordo com o autor, o modo imperativo pode ser substituído pelo infinitivo nas ordens instantes. Usamos o imperativo do verbo *querer* seguido de infinitivo, para suavizar uma ordem. Já para exprimir um desejo feito com suavidade ou com um simples propósito, utilizamos o tempo verbal pretérito imperfeito. O autor comenta que podemos exprimir uma ordem ou recomendação utilizando o futuro do presente, em lugar do imperativo, principalmente nas prescrições e recomendações morais.

Cunha e Cintra (2001) afirmam que, embora a palavra *imperativo* esteja relacionada, pela sua origem, ao latim *imperare*, que significa *comandar*; na maioria das vezes, não é para ordem ou comando que utilizamos esse modo. Existem outros meios mais eficazes do que o modo imperativo para expressarmos a noção de ordem e comando. Segundo os autores, o modo imperativo pode exprimir diversos valores: ordem, conselho, convite, solicitação, súplica ou hipótese. Esses valores vão depender do significado do verbo, do sentido geral do contexto e da entonação que dermos à frase imperativa. Os autores chamam a atenção para o fato de que o tom da voz pode modificar a noção de comando, a qual pode enfraquecer-se até chegar ao tom de súplica.

Os autores apontam ainda para o fato de que a língua nos oferece outros meios para exprimir os diversos matizes apresentados pelo imperativo, como, por exemplo, o uso do presente do indicativo e do futuro do presente para atenuar a rudeza da forma imperativa, ou o uso do imperfeito do subjuntivo para transformar uma ordem em sugestão. Ademais, podemos subordinar o verbo denotador da ação que deve ser cumprida a outro verbo, para marcar a vontade do locutor. Além dos processos mencionados, a língua dispõe de outros recursos para reforçar ou atenuar a vontade expressa pelo imperativo. A eficácia desses recursos está sempre condicionada ao tom de voz. Segundo os referidos autores, por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Para enfraquecer a noção de comando, também utilizamos algumas fórmulas de polidez, como, por exemplo, as expressões: *por favor, por gentileza, tenha a bondade* etc. Entretanto, ainda que sejam utilizadas essas fórmulas de polidez, qualquer frase torna-se rude e seca, ou mesmo insolente, com uma simples mudança de entonação.

Cunha e Cintra ainda tecem comentários sobre o uso do imperfeito de cortesia, ou seja, sobre a utilização do pretérito imperfeito no lugar do presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar o ato de pedir. O uso do presente do indicativo do *verbo ter + preposição de + infinitivo* do verbo principal indica uma ação futura de caráter obrigatório. Os autores dizem, finalmente, que utilizamos o futuro do pretérito como forma polida de presente, em geral, como denotadora de desejo.

Na *Gramática do Português Falado*, vol. III, Travaglia (1999) apresenta um capítulo sobre o uso do futuro do pretérito. Segundo o autor, um dos empregos desse tempo verbal relaciona-se à expressão do desejo. Neste caso, podemos pressupor a presença de uma condição, como, por exemplo, *se eu puder lhe pedir isto, se for possível* ou *se eu lhe pedir isto*. Essa condição é implícita e deduzível, de modo que não precisa ser explicitada. Assim, o emprego do futuro do pretérito como forma polida de solicitação ou desejo é resultado de uma construção condicionada. Entretanto, essa condição não se explicita por ser pressuposta e inferível, segundo a visão do autor (p.677). Tem-se, então, uma vontade expressa de modo polido em oposição ao presente do indicativo, no qual o desejo é mais imposto.

Em relação ao tratamento dado às noções de ordem e pedido em PL2-E, observamos a presença das mesmas lacunas existentes nas gramáticas tradicionais de PLM.

Hutchinson & Lloyd (1996), na *Gramática Essencial do Português*, apresentam um capítulo intitulado « Funções da Linguagem », no qual encontra-se a função « Pedindo aos outros para fazerem algo ». As autoras afirmam que os pedidos são feitos, na maioria das vezes, com o verbo no modo imperativo ou no presente do subjuntivo.

Segundo as autoras citadas, podemos introduzir um pedido através de um conjunto de fórmulas, com o verbo no presente do subjuntivo, as quais apresentamos a seguir: desejo/desejamos que; peço/pedimos que; quero/queremos que; ordeno/ordenamos que; importa-se de? Todos esses pedidos podem vir precedidos ou seguidos das expressões *por favor, se faz favor* etc.

Perini (2002), em *Modern Portuguese, a Reference Grammar*, apresenta, resumidamente, algumas considerações sobre o uso do imperativo. De acordo com o autor, este uso é simples e semelhante ao da língua inglesa e, segundo sua avaliação, o modo imperativo é empregado para expressar ordens, pedidos ou conselhos.

Ainda segundo este autor, a forma do imperativo na língua escrita corresponde ao presente do subjuntivo, enquanto na língua oral há uma variação na terminação do verbo, que é condicionada pelo grau de formalidade da situação. Vejamos os exemplos dados por Perini: *canta, menino* ocorre em uma situação menos formal, enquanto *cante, menino* aparece numa situação mais formal. O autor acrescenta que, para expressar um pedido polido, utilizamos o condicional juntamente com verbos que indicam desejo.

Como pôde ser visto, tanto as gramáticas de PLM quanto as de PL2-E não tratam a complexidade e a diversidade das construções dos atos diretivos, em situações reais de uso. Podemos apontar algumas lacunas existentes nas obras analisadas, tais como: (i) não apresentam a complexidade das construções dos atos diretivos em situações reais de comunicação, (ii) não consideram os fatores contextuais e culturais que condicionam as escolhas feitas pelos falantes, (iii) não descrevem as estratégias discursivas que atenuam ou reforçam o teor de imposição implicado nos diretivos e (iv) não descrevem as partes constitutivas do macro ato

de pedir e de ordenar, ou seja, o pré-pedido, o ato principal, a justificativa e a motivação do pedido.

## 2.2

### Aspectos Metodológicos

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa. Utilizamos os dados de um DVD, de um programa humorístico da Rede Globo de televisão, chamado de A Diarista. O *corpus* da pesquisa é composto de seis episódios do programa (180 minutos de gravação). Escolhemos trabalhar com as cenas desse programa, pois apresentam situações próximas do cotidiano do brasileiro.

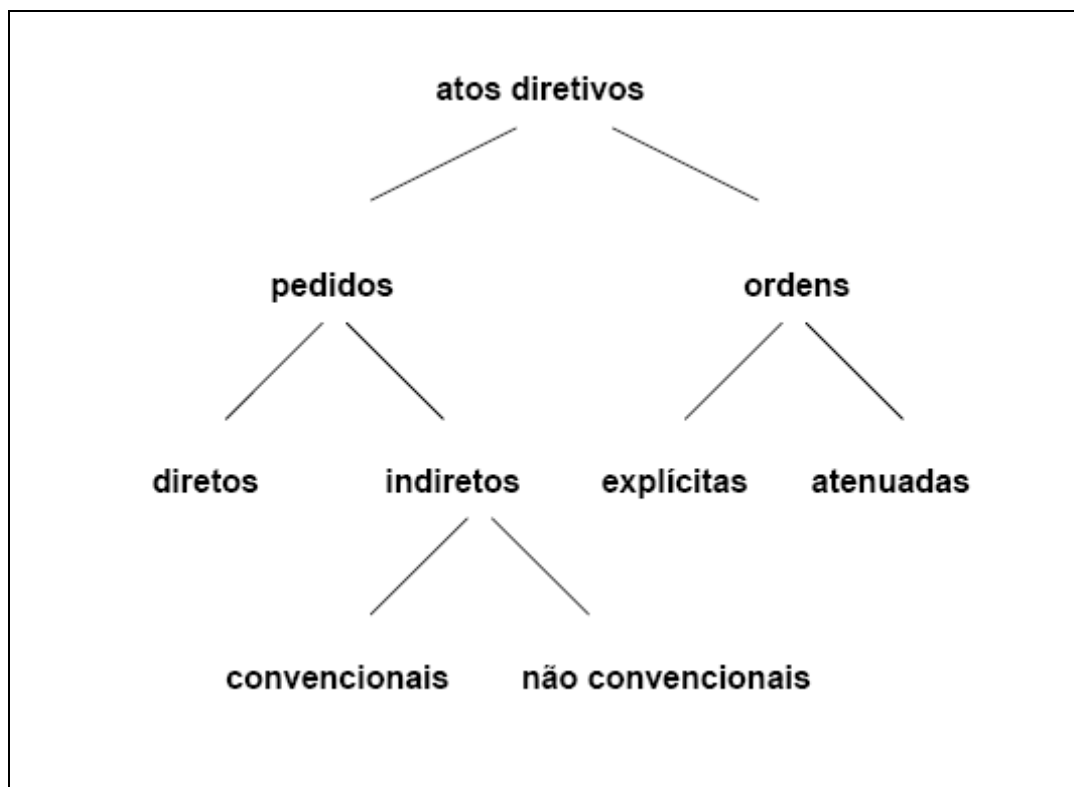
Neste trabalho, nosso objetivo é a análise das estruturas lingüísticas utilizadas pelos falantes na realização dos atos diretivos. Os aspectos prosódicos e não-verbais não foram analisados.

Descrevemos, a seguir, a definição dos conceitos de pedido e ordem que utilizamos em nossa pesquisa, assim como a nossa proposta taxonômica de classificação dos tipos de atos diretivos encontrados em nosso *corpus*. É importante ressaltar que baseamos a nossa classificação nos dados encontrados no *corpus* da nossa pesquisa, o que não esgota a possibilidade de outros tipos de pedidos e ordens.

A partir do apresentado, consideramos um ato de fala diretivo como pedido, quando a relação de poder entre os participantes for simétrica ( $A=B$ ), ou quando quem pede tiver menos poder do que o seu interlocutor ( $A<B$ ). Nesse caso, a não realização da ação solicitada não implicará penalização para quem se pede.

Consideramos um ato diretivo como ordem somente quando os participantes estiverem em posição assimétrica e quem enuncia for alguém que detém maior poder do que o seu interlocutor ( $A>B$ ). Nesse caso, a não realização da ordem implica algum tipo de penalização para o interlocutor, uma vez que a pessoa que recebe a ordem tem uma obrigação social de realizar a ação desejada.

Apresentamos, a seguir, um resumo da classificação dos atos diretivos encontrados em nossos dados.



**Figura 1**

### 2.2.1

#### **Classificação das formulações de pedidos**

Há muitos meios de pedirmos algo a alguém. Dispomos de uma enorme variedade de formulações possíveis para uma determinada solicitação; formulações indiretas não convencionais, mas também formulações indiretas convencionais, que podem ser explicadas pelo caráter eminentemente ameaçador desse ato de linguagem. Ameaçador, sobretudo, para o território do interlocutor (Kerbrat-Orecchioni, 2005).

Dessa forma, apresentamos nossa proposta de classificação dos atos de pedir que foram encontrados no *corpus* analisado. Subdividimos os três níveis de diretividade propostos por Brown e Levinson (1978) em outros subníveis de diretividade, formando assim uma escala de indiretividade.

### 2.2.1.1

#### O Pedido Direto

Chamamos de **pedido direto** quando o ato principal do pedido tem sentido literal, ou seja, ele é realizado de forma direta e sem ambigüidade.

O pedido direto subdivide-se em :

(i) pedido direto ap: constituído apenas pelo ato principal

Exemplo: Ô Di Caprio! Segura aí pra mim. (ap)

(ii) pedido direto pp + ap: constituído pelo pré-pedido + ato principal

Exemplo: Colega qual é a boa aí? (pp) (...) Então, me dá um chiclete. (ap)

(iii) pedido direto ap + mot: constituído pelo ato principal + motivo do pedido

Exemplo: Dá pra ser bem rápido (ap) porque eu peguei um trânsito insuportável?

(mot)

(iv) pedido direto pp + ap + ju: constituído pelo pré-pedido + ato principal justificativa.

Exemplo:

M: Gilibin, sabe aquela senhora simpática que tava do meu lado? (pp)

G: Sei.

M: Me faz um favor? (pp)

G - Faça claro.

M - Quando você encontrar com ela dá um pau naquela velha! (ap) Eu vou matar! Taquara, Taquara Gilibin! Eu pedi Leme eu vou matar aquela velha! (ju)

### 2.2.1.2

#### O Pedido Indireto

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004 ) o ato de fala indireto realiza-se sob a cobertura de um outro ato. Por exemplo, em « Você pode fechar a porta ? », o valor de ordem se exprime através de um ato aparente de interrogação (valor « normal » da estrutura interrogativa). Trata-se, na realidade, de uma solicitação. O locutor pede ao interlocutor para realizar o ato mencionado, mais do que lhe pergunta sobre a sua capacidade de realizar o ato. Desse modo, os atos de linguagem indiretos se assemelham aos tropos – « figuras por meio das quais

atribui-se a uma palavra uma significação que não é precisamente aquela própria da palavra » (Dumarsais, 1968, p.69).

O pedido indireto subdivide-se em: pedido indireto convencional e pedido indireto não-convencional.

### 2.2.1.2.1

#### O Pedido Indireto Convencional

Chamamos de **pedido indireto convencional** quando o falante utiliza um tipo de estratégia de polidez negativa, ou seja, o falante indica o seu desejo de ter realizado o ato indiretamente, mostrando sua preocupação em honrar o desejo de face negativa do ouvinte - o seu desejo de não sofrer imposição.

A afirmação ou questionamento de uma das precondições contextuais necessárias à execução de um ato, como convencionalizado em uma determinada língua, é suficiente para o reconhecimento da força ilocucionária do ato pretendido. Lembramos que as condições contextuais necessárias à execução de um ato referem-se às condições de felicidade cunhadas por Searle (1969): (i) a condição preparatória – pré-requisitos do mundo real, (ii) o conteúdo proposicional – restrições de conteúdo da sentença, (iii) as condições de sinceridade – crenças, sentimentos, intenções exigidas como apropriadas e (iv) a condição essencial – o ponto do ato ilocucionário.

O Pedido indireto convencional subdivide-se em:

(i) pedido indireto convencional ap: constituído apenas pelo ato principal

Exemplo: Dona Edna, por gentileza, a senhora podia assinar esse recibo aqui de entrega, por favor. (ap)

(ii) pedido indireto convencional pp + ap + ju: constituído pelo pré-pedido + ato principal + justificativa

Exemplo: Dá licença! A senhora vai até o ponto final? (pp) Será que quando chegasse no Leme a senhora podia me chamar? (ap) É que eu sou nova no serviço e não quero me atrasar sabe! (ju) Leme! Obrigado.

(iii) pedido indireto convencional ap + ju + mot: constituído pelo ato principal + justificativa + motivo do pedido

Exemplo:

M - Alô, eu podia falar com o Deputado Sinval, por favor? (ap) (...)



Â – Ai meu Santo Antônio.

M - Não colega, olha só, eu já fiz a campanha dele e tudo, distribuí santinho, votei nele, fiz até minha colega Solineuza votar nele também, (ju) é rapidinho eu queria falar com ele.

Â – É totalmente impossível.

M – É que eu tava precisando de um advogado. (mot)

### 2.2.1.2.2

#### O Pedido indireto não convencional

Chamamos de **pedido indireto não convencional** quando a intenção do falante não é indicada diretamente. A interpretação do ato vai depender de uma inferência mais complexa do ouvinte, sobretudo do contexto. O falante pode utilizar diferentes estratégias indiretas, como por exemplo, metáforas, insinuações, ironias, pistas associativas etc.

Em nossos dados, encontramos apenas o pedido indireto não convencional ap.

(i) pedido indireto não convencional ap: constituído apenas pelo ato principal

Exemplo: M: Opa, ô o calor! (ap)

F: Ah, relaxa Marinete, quer que eu ligo o ar pra você, eu ligo?

### 2.2.2

#### Classificação das formulações das ordens

Kerbrat-Orecchioni (2005) diz que a ordem funciona geralmente como um marcador de posição hierárquica. O locutor se coloca em posição superior em relação ao interlocutor ao realizar um ato potencialmente ameaçador para o “território” ou “face” do interlocutor. A relação é dialética entre o contexto e o texto, ou seja, entre os dados institucionais que enquadram a interação e o que se passa durante a interação. O contexto institucional determina em grande medida quais são os atos permitidos ou proibidos a cada interagente.

De acordo com a autora, examinar um ato de linguagem particular, de um ponto de vista descritivo, é ver quais são os efeitos que se espera que a realização do próprio ato vá acarretar sobre a relação interpessoal; mas também ver como esse ato é recebido e se ele tem êxito ou não perlocutoriamente. Uma ordem ou

ameaça constituem em si tentativas de apoderar-se da posição superior, mas se essas tentativas fracassam, o locutor passa do alto do eixo vertical para uma posição mais inferior do que a ocupada antes da infeliz iniciativa.

Segundo a referida autora, o valor de um ato de linguagem provém de seu valor ilocutório intrínseco, mas também, de sua formulação, que pode ser mais ou menos brutal, ou ao contrário, suavizada por um outro procedimento de “figuração” (a prosódia tem um papel determinante nessa relação, assim como o acompanhamento gestual) que são descritos pelos especialistas contemporâneos da “polidez lingüística” (cf. Kerbrat-Orecchioni (2005)).

A seguir, apresentamos uma proposta de classificação das formulações de ordens, as quais subdividimos em ordem explícita e ordem atenuada.

### 2.2.2.1

#### A ordem explícita

Kerbrat-Orecchioni (2005, p.117) afirma que o caráter mais ou menos “brutal” ou, ao contrário, suavizado da formulação não deve ser confundido com o grau de diretividade da mesma formulação. De acordo com a autora, algumas formulações indiretas podem ser muito autoritárias, merecendo serem consideradas como ordens, como nos exemplos a seguir: (i) asserções iniciadas com Eu quero, por exemplo, Eu quero que você fique aqui; (ii) asserções contendo um modalizador deôntico (com valor de obrigação), por exemplo: Você tem que se calar/Você deve se calar; (iii) asserções no indicativo, futuro, por exemplo: Você fechará/vai fechar a porta ao sair, ou presente, por exemplo: Você cala a boca. Trata-se de fato de “tropos ilocutórios”. Nesse caso, de ordens disfarçadas de asserções, de enunciados *indiretos*, portanto, mas que, nem por isso, deixam de ser extremamente *diretivos*.

Segundo a autora, a formulação de uma solicitação, seja ela direta ou indireta, pode ser endurecida por diferentes procedimentos agravadores, morfemas com valor de insistência e impaciência, como podemos verificar nos exemplos a seguir: Sai daqui *imediatamente!* Arruma isso *agora!* Anda, vem! Mas vem *logo!* Você está vindo *ou não?*

De acordo com Oliveira (1992), na realização dos atos diretivos, há elocuições explícitas e diretas que definem quem tem o poder na relação. Essas

formas diretivas, que negam a autonomia do interlocutor na interação, ocorrem quando o locutor detém o poder devido à sua posição, perícia ou recurso e dessa forma não vê riscos em assumir uma alta posição de controle. Dentre as formas diretivas de negação da autonomia do interlocutor, estão a ameaça, as ordens e os pedidos reforçados.

A Ordem explícita subdivide-se em:

(i) Ordem explícita ap: constituída somente pelo ato principal

Exemplo: Delegado: Acalmaram? Muito bem, agora sumam da minha frente. (ap)  
A senhora quando se sentir incomodada mude de lugar e o senhor procure não incomodar. (ap)

(ii) Ordem explícita ap + ju: constituída pelo ato principal + justificativa.

Exemplo: Delegado: A senhora ponha-se daqui pra fora agora, (ap) ou então eu vou mostrar o que é um abuso de autoridade... (ju)

(iii) Ordem explícita ap + mot: constituída pelo ato principal + motivação.

Exemplo: Professor: Eu não tô conseguindo visualizar a parede do estômago (mot). Você que tá aí do lado do monitor, eu quero mais contraste (ap).

(iv) Ordem explícita ap + ju + mot: constituída pelo ato principal + justificativa + motivação.

Â: (...) Hei, hei, per aí, per aí, per aí! Não precisa começar a lavar ainda não! (ap)

M: Desculpa, o senhor pode ser o novo assessor, mas eu sou veterana de diarista. (...)

Â: Mas hoje não. Sua excelência já está acordado e pediu pra você voltar às duas da tarde. (ju)

M – Às duas?

Â – Ele tem uma reunião importante do partido e não quer nenhum tipo de interferência. (mot)

M – Pra quê? Pra eu sair daqui depois de meia-noite? Porque eu sou muito caprichosa, entendeu...

Â – Hoje a senhora só vai lavar a louça. (ap)

(...)

A: (...) Minha filha qualquer coisa desde que você esteja aqui às duas horas em ponto. (ap)

### 2.2.2.2

#### A ordem atenuada

Oliveira (1995, p.80) afirma que embora as relações no ambiente de trabalho sejam assimétricas, nem sempre essa assimetria é marcada na escolha da forma diretiva. Em seu estudo sobre pedidos que emanam de quem tem maior poder na interação, predominam formas diretivas que dissimulam o controle e negociam o poder entre os participantes. A não explicitação do controle evidencia, ao menos formalmente, um desejo de não impor.

Observa-se também, na variedade e frequência das elocuições diretivas que reconhecem – formalmente – a autonomia do interlocutor, um modelo de controle que exige habilidades no campo interpessoal, como a flexibilidade, a capacidade de negociar o controle e administrar conflitos. Tais habilidades requerem uma competência lingüística que se manifesta no uso de estratégias de polidez que minimizam o teor de imposição e de desaprovação implicado num pedido. (Oliveira, 1995, p.85).

A Ordem atenuada subdivide-se em:

(i) Ordem atenuada ap: constituída apenas pelo ato principal

Exemplo: Marinete, meu amor, você vai lá na feirinha comprar umas frutinhas pra mim? (ap) Aqui tá a listinha, o dinheirinho. (...)

(ii) Ordem atenuada ap + mot: constituída pelo ato principal + motivação

Exemplo: Marinete, você me arruma um copinho d'água? (ap) Eu tô morrendo de sede. (mot)

### 3

## **Análise dos Dados**

Na primeira parte da nossa análise, apresentaremos um quadro sinótico, no qual descreveremos os diferentes tipos de formulações de pedidos e ordens que foram encontradas em nossos dados. Faremos, em seguida, uma análise interpretativa dos dados estabelecendo um cruzamento entre os fatores contextuais e culturais que condicionam as escolhas dos falantes. Optamos por apresentar apenas um exemplo de cada tipo de pedido e ordem (exemplo 01) no corpo da análise. Outros exemplos encontram-se disponíveis no anexo 1.

Na segunda parte da nossa análise, apresentaremos as estratégias discursivas utilizadas pelos falantes que atenuam ou reforçam o teor de imposição implicado nos atos diretivos.

## 3.1

## Quadro sinótico das formulações de pedidos

Quadro 1

PEDIDO DIRETO	PEDIDO INDIRETO	
	CONVENCIONAL	NÃO CONVENCIONAL
<p><b>(i) pedido direto ap</b></p> <p>exemplo:</p> <p>Marinete: Ô Di Caprio! Segura aí pra mim <b>(ap)</b></p> <p>Cobrador: Tá seguro.</p>	<p><b>(i) pedido indireto convencional ap</b></p> <p>exemplo:</p> <p>Figueira – Dona Edna, por gentileza, a senhora podia assinar esse recibo aqui de entrega, por favor. <b>(ap)</b></p> <p>Edna – Ta aqui prontinho.</p>	<p><b>(i) pedido indireto não convencional ap</b></p> <p>exemplo:</p> <p>Marinete – Opa, ô o calor! <b>(ap)</b></p> <p>Figueira – Ah, relaxa Marinete, quer que eu ligo o ar pra você, eu ligo?</p>
<p><b>(ii) pedido direto pp + ap</b></p> <p>exemplo:</p> <p>Marinete: Colega, qual é a boa aí? <b>(pp)</b></p> <p>Vendedor: Tem jujubinha...</p> <p>M: (...)</p> <p>V: (...)</p> <p>M: Então, me dá um chiclete. <b>(ap)</b></p> <p>(...)</p> <p>V: Demoro.</p>	<p><b>(ii) pedido indireto convencional pp + ap + ju</b></p> <p>exemplo:</p> <p>Marinete – Dá licença! A senhora vai até o ponto final? <b>(pp)</b> Será que quando chegasse no Leme a senhora podia me chamar? <b>(ap)</b> É que eu sou nova no serviço e não quero me atrasar, sabe! Leme! <b>(ju)</b> Obrigado.</p> <p>Passageira – (sorri)</p>	
<p><b>(iii) pedido direto ap + mot</b></p> <p>exemplo:</p> <p>Segurança: Tem algum objeto de metal?</p> <p>Figueira: Dá pra ser bem rápido <b>(ap)</b> porque eu peguei um trânsito insuportável? <b>(mot)</b></p> <p>S: São só recomendações padrões, amigo.</p>	<p><b>(iii) pedido indireto convencional ap + ju + mot</b></p> <p>exemplo:</p> <p>Marinete - Isso não vai ficar assim, não. Eu tenho meus contatos. Alô, eu podia falar com o Deputado Sinval, por favor?</p> <p><b>(ap)</b></p> <p>Ângelo – Ai, meu Santo Antônio.</p> <p>M – Não, colega, olha só, eu já fiz a campanha dele e tudo, distribuí santinho, votei nele, fiz até minha colega Solineuza votar nele também, <b>(ju)</b> é rapidinho, eu queria falar com ele.</p> <p>Â – É totalmente impossível.</p> <p>M – É que eu tava precisando de um “adevogado”. <b>(mot)</b></p>	

## 3.2

### Análise Interpretativa das Formulações dos Pedidos

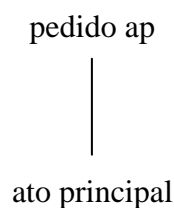
Consideramos um ato de fala diretivo como pedido quando a relação de poder entre os participantes for simétrica ( $A=B$ ), ou quando quem pede tiver menos poder do que o seu interlocutor ( $A<B$ ). Nesse caso, a não realização da ação solicitada não implicará penalização para quem se pede.

#### 3.2.1

##### O Pedido Direto

Chamamos de **pedido direto** quando o ato principal do pedido tem sentido literal, ou seja, ele é realizado de forma direta e sem ambigüidade.

##### (i) O Pedido Direto ap



Chamamos de **pedido direto ap** quando o macro ato de pedir é constituído apenas pelo ato principal. O ato principal tem sentido literal.

Exemplo 01:

No exemplo a seguir, o enquadre é pessoal, a fala é simétrica, ou seja, os falantes detêm igual poder e a distância social entre eles é pequena. O falante pede ao cobrador do ônibus para guardar um assento para ele.

Marinete – Ô Di Caprio! **Segura aí pra mim.**  
Cobrador – Tá seguro.

Nessa ocorrência, a estrutura interna do ato principal é constituída pelo verbo *segurar* no tempo verbal presente do indicativo + indicação da localização (aí) + indicação do beneficiário (pra mim). Cunha e Cintra (2001) dizem que o uso do presente do indicativo nas formulações de pedidos atenua a rudeza da forma imperativa. O brasileiro, ao menos da região sudeste e sul, evita usar a forma verbal de imperativo, substituindo-a pelo presente do indicativo. No português do Rio de Janeiro, o emprego da forma imperativa para ordens, pedidos e sugestões é considerado uma atitude autoritária e desprovida de polidez (Meyer, 2000).

Em relação aos indicadores de localização (aí) e do beneficiário (pra mim), Ferreira Brito e Macedo (1985) afirmam que esses recursos atenuam a imposição do pedido. Segundo as autoras, as partículas *ó, aí, ali, aqui*, que indicam localização, atenuam o ato de pedir e situam espacialmente o objeto solicitado em relação aos interlocutores, estabelecendo um elo maior entre os dois. Essa estratégia é usada com o propósito de voltar a atenção do interlocutor para o local onde está o objeto, persuadindo-o a realizar a ação desejada, sem lhe dar tempo de contrapor.

De acordo com Brown e Levinson (1987), um ato realizado de modo direto e sem ambigüidade, normalmente realiza-se dessa forma se o falante não temer uma retribuição do ouvinte. Esse tipo de ato ocorre em algumas circunstâncias, como por exemplo, em ocasiões em que os interlocutores concordam que o trabalho de face deve ser colocado de lado em interesse da urgência e eficiência. Os autores acrescentam ainda que, se o risco de um ato de ameaça à face (AAF) é baixo, o falante tende a realizar o ato diretamente e de forma transparente “*on Record*”. Nesse exemplo, podemos observar que a urgência em pedir para guardar o assento e a informalidade entre os falantes, também marcada pelo tipo de endereçamento (Di Caprio) são fatores que influenciam na escolha do pedido direto.

Wierzbicka (1991) diz que os traços culturais de uma sociedade terão inúmeros reflexos no léxico utilizado pelos falantes. Nessa ocorrência, percebemos que a informalidade, considerada uma característica da cultura brasileira, influencia a escolha da formulação do ato de pedir. Podemos considerar uma interação como informal quando os interlocutores dispensam qualquer

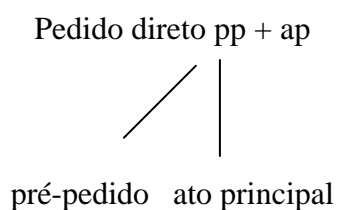


demonstração excessiva de respeito. Nesse tipo de interação, as construções favorecem a familiaridade, a amizade e a igualdade (Wierzbicka, 1991).

Outro recurso utilizado pelo locutor é a regra da camaradagem, cunhada por Lakoff (1973) – faça o outro sentir-se bem, sendo amigável. Através dessa estratégia, o locutor faz com que o interlocutor perceba que eles são iguais. Nesse exemplo, o locutor utiliza essa estratégia para criar proximidade e envolvimento com o interlocutor e assim obter um tratamento diferenciado. Há uma tentativa de persuadir o trocador do ônibus para conseguir um assento.

Podemos relacionar a regra da camaradagem com aspectos da cultura brasileira, como por exemplo, o englobamento da *rua* pela *casa*. Segundo DaMatta (1997), no Brasil, englobamos a *rua* na *casa*, tratando a sociedade brasileira como se ela fosse uma “grande família”. Esse englobamento e tratamento familiar no mundo da rua, onde deveríamos ser uma pessoa como outra qualquer, com direitos iguais, facilita a navegação social e a obtenção de pequenos privilégios no dia-a-dia, como por exemplo, um assento no ônibus. Como pôde ser visto, o englobamento da *rua* pela *casa* facilita a obtenção do favor. Segundo o referido autor, o favor é uma característica básica de uma sociedade na qual as relações assumem uma posição central, sendo um domínio institucionalizado na vida social.

## (ii) O Pedido Direto pp + ap



Chamamos de **pedido direto pp + ap** quando o macro ato de pedir é constituído de pré-pedido + ato principal. O ato principal tem sentido literal.

Exemplo 01:

Neste exemplo, o enquadre é profissional, a fala é assimétrica e a distância social entre os participantes é grande. O locutor faz um pedido de compra.

Marinete – **Colega, qual é a boa aí?**

Vendedor – Tem Jujubinha pras chuchuinha e pão de mel com canelinha pra minha abelha rainha.

M – Alá, desde quando tu é poeta?

V – Eu sou poeta só pra você, Marinete.

M – **Então, me dá um chiclete.** (...)

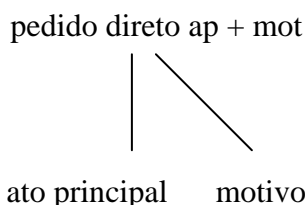
V – Demorô.

Nesta ocorrência, o tipo de pré-pedido utilizado pelo locutor (Colega, qual é a boa aí?) é uma expressão muito utilizada na língua falada. Essa estrutura pode exprimir diferentes valores que vão depender do contexto. Neste contexto, podemos fazer uma equivalência entre “Colega, qual é a boa aí?” = “O que você tem aí para vender?”

O ato principal (Então, me dá um chiclete) é realizado de forma direta, sem a utilização de recursos atenuadores. No português do Brasil, utilizamos inúmeras expressões que exprimem o valor de pedido de compra: “Me vê / me dá / me arruma / me arranja” etc.

A informalidade é marcada pelo endereçamento (Colega) e pela construção (qual é a boa aí?). Segundo DaMatta (1987), a informalidade é uma marca peculiar da maioria das relações da sociedade brasileira, tanto no domínio da casa, quanto no domínio da rua. Embora haja profundas desigualdades sociais no Brasil e um sistema hierarquizado, a lógica da estrutura das relações sociais permite e estimula a existência de tal nível de informalidade, quer seja entre superiores e inferiores, quer seja entre desconhecidos.

### (iii) O Pedido Direto ap + mot



Chamamos de **pedido direto ap + mot** quando o macro ato de pedir é constituído de ato principal + motivo do pedido. O ato principal tem sentido literal.

## Exemplo 01:

No exemplo a seguir, o enquadre é profissional, a fala é assimétrica e a distância social entre os participantes é grande. O locutor faz um pedido ao segurança enquanto está sendo revistado.

Segurança – Tem algum objeto de metal?

Figueira – **Dá pra ser bem rápido porque eu peguei um trânsito insuportável?**

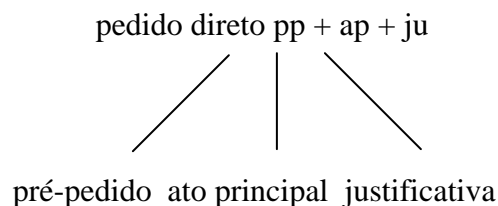
S – São só procedimentos padrões, amigo.

Nesta ocorrência, o ato principal (Dá pra ser bem rápido) é constituído pela expressão formulaica Dar pra + SV. No português falado do Brasil, é comum a utilização de expressões formulaicas que têm como base o verbo (dar). Segundo Alencar (2004), essas fórmulas ou combinações de palavras associadas têm o objetivo de auxiliar o falante na comunicação diária, evitando que seja produzida uma seqüência original todas as vezes que o falante deseja elaborar um enunciado.

O ato principal é realizado de forma direta e sem ambigüidade. Segundo Oliveira (1992) a expressão direta e precisa ocorre quando o locutor não tem a intenção de reparar a face positiva do interlocutor ou porque não precisa, devido ao seu poder na relação, ou porque não considera grave o teor de risco que está apresentando.

A motivação do pedido (porque eu peguei um trânsito insuportável) comunica ao interlocutor o fato que levou o locutor à necessidade de realizar o pedido – o atraso do locutor devido ao trânsito e, conseqüentemente, a necessidade de atendimento do pedido. A motivação do pedido não é apenas um ato adjunto do pedido, ou seja, de reforço. A motivação é um ato indispensável à realização do ato de pedir e funciona como uma senha que permite/condiciona a entrada no território do outro (Oliveira, 1992).

#### (iv) O Pedido Direto pp + ap + ju



Chamamos de **pedido direto pp + ap + ju** quando o macro ato de pedir é constituído pelo pré-pedido + ato principal + justificativa. Neste caso, a estrutura interna do ato principal tem sentido literal.

##### Exemplo 01:

Na ocorrência abaixo, a diarista pede um favor ao trocador do ônibus. O enquadre é profissional, a relação é simétrica, ou seja, eles detêm igual poder e a distância social entre eles é pequena, os participantes têm intimidade.

Marinete – Gilibin, **sabe aquela senhora simpática que tava do meu lado?**

Gibilin – Sei.

M – **Me faz um favor?**

G – Faço, claro.

M - **Quando você encontrar com ela dá um pau naquela velha! Eu vou matar! Taquara, Taquara, Gilibin! Eu pedi Leme, eu vou matar aquela velha!**

Nesta ocorrência, temos o ato principal constituído pela expressão formulaica Dar + SN (dá um pau), (Alencar, 2004). O falante precede o ato principal com dois pré-pedidos. O pré-pedido 1 (Gibilin, sabe aquela senhora que tava do meu lado?) é um pré-anúncio e tem a função de verificar as condições necessárias para a realização do pedido. Esse pré-pedido funciona como uma abertura de texto. Através dele, o locutor retoma uma informação compartilhada com o seu interlocutor. Em seguida, o falante faz o pré-pedido 2 (Cê me faz um favor?) que é uma tentativa de obter um compromisso do ouvinte. Através desse ato, o falante verifica a disponibilidade do interlocutor para o atendimento do pedido. Os pré-pedidos são formas de reter o tempo e/ou introduzir razões para manifestar a preocupação do falante com a interação. Uma das vantagens dos pré-

pedidos é checar a aceitação da ação a ser feita e, caso o falante não obtenha um sinal favorável do ouvinte, ele não realiza a ação.

A justificativa (eu vou matar aquela velha!), nesse caso, tem valor de ameaça. Outro aspecto importante a considerar é que, embora o locutor tenha utilizado os dois pré-pedidos como estratégia de polidez negativa e mais uma justificativa, o ato principal é feito de forma direta e informal, o que evidencia intimidade entre os falantes.

Aqui também podemos verificar algumas características da cultura brasileira que influenciam na escolha da formulação do pedido. A intimidade entre os falantes é marcada pelo uso da expressão (*Dá um pau*) e pelo endereçamento (Gibilim é o apelido do trocador do ônibus). A expressão (*Dá um pau*) marca uma linguagem coloquial e indica uma grande intimidade entre os falantes.

Observamos também, a utilização de um tratamento afetivo, que evidencia proximidade e intimidade entre os interlocutores. Segundo Tannen (1993), o tratamento afetivo pode ser usado como estratégia de persuasão, pois ele limita a liberdade e a independência do interlocutor.

### 3.2.2

#### O Pedido Indireto

Chamamos de **pedido indireto** quando o ato de fala de pedir realiza-se sob a cobertura de um outro ato. Uma das formas de o falante minimizar a imposição implicada no pedido é através da escolha de uma estratégia indireta, em vez de uma direta.

Searle (1932) afirma que os atos indiretos funcionam basicamente através de elementos contextuais e de pressupostos compartilhados entre os interlocutores enquanto participantes do mesmo jogo de linguagem e, com isso, familiarizados com as crenças, hábitos e práticas um do outro.

O pedido indireto subdivide-se em: pedido indireto convencional e pedido indireto não-convencional.

### 3.2.2.1

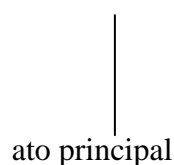
#### O Pedido Indireto Convencional

A indiretividade convencional é um tipo de estratégia de polidez negativa. Neste caso, o falante utiliza uma frase ou sentença que embora não tenha sentido literal, ela é compreensível naquele contexto devido a sua convencionalização.

A afirmação ou o questionamento de uma das pré-condições contextuais necessárias à execução de um ato, como convencionalizados em uma dada língua, é suficiente para o reconhecimento da força ilocucionária do ato pretendido.

#### (i) O Pedido Indireto Convencional ap

pedido indireto convencional ap



Chamamos de pedido indireto convencional ap quando o macro ato de pedir é constituído apenas pelo ato principal.

#### Exemplo 01:

Nesta ocorrência, o enquadre é profissional, a fala é assimétrica e a distância social entre os participantes é grande. A interação ocorre entre um dono de agência de empregadas e uma enfermeira que contratou uma empregada desta agência.

Figueira – **Dona Edna, por gentileza, a senhora podia assinar esse recibo aqui de entrega, por favor.**

Edna – Ta aqui, prontinho.

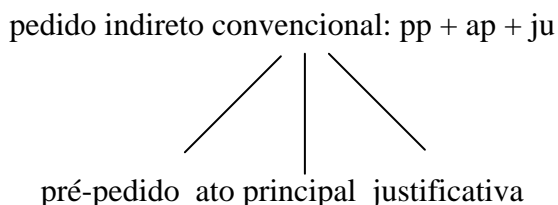
Nesta ocorrência o ato principal (a senhora podia assinar esse recibo de entrega, por favor) questiona uma das condições de felicidade propostas por Searle. Temos uma estrutura interrogativa contendo o verbo modalizador “poder”, no pretérito imperfeito do indicativo, que pergunta sobre a capacidade do

destinatário de realizar o ato solicitado. Então, o valor derivado (solicitação) substitui totalmente o valor literal de pergunta. Temos uma inversão da hierarquia dos níveis de conteúdo, ou seja, o apagamento do conteúdo literal em proveito do conteúdo derivado - tropo ilocutório (Kerbrat-Orecchioni, 2005) .

O falante repara o ato de ameaça à face negativa do interlocutor, ou seja, ele indica o seu desejo de ter realizado o ato indiretamente, mostrando sua preocupação em honrar o desejo de face negativa do ouvinte - o seu desejo de não sofrer imposição.

Além disso, o falante utiliza outras estratégias que atenuam a imposição do ato, como a indicação da localização (aqui) e o uso de duas expressões cristalizadas de polidez (por favor e por gentileza). O endereçamento (Dona Edna) marca deferência e distanciamento social entre os participantes. Segundo Brown e Levinson (1987) quanto maior for a distância entre os interlocutores, mais suavizadores são convenientes.

## (ii) O Pedido Indireto Convencional: pp + ap + ju



Chamamos de pedido indireto convencional pp + ap + ju quando o macro ato de pedir é constituído pelo pré-pedido + ato principal + justificativa. Neste caso, a estrutura interna do ato principal questiona uma das condições de felicidade propostas por Searle.

### Exemplo 01:

Na ocorrência abaixo, os participantes estão em um ônibus. O locutor pede ao interlocutor (uma passageira) para lhe chamar quando o ônibus chegar no Leme. O enquadre é pessoal, a relação entre os participantes é simétrica e a distância social entre eles é grande.

**M – Dá licença! A senhora vai até o ponto final? Será que quando chegasse no Leme a senhora podia me chamar? É que eu sou nova no serviço e não quero me atrasar sabe! Leme! Obrigado.**

P – (sorri)

Nesta ocorrência, o falante, primeiramente, utiliza um pré-pedido (A senhora vai até o ponto final?) para verificar as condições necessárias para realizar o ato de pedir. Dessa forma, se o interlocutor não puder atender ao pedido, o locutor evita o ato, e assim, evita a recusa, que é uma forma não-preferida de resposta. Blum-Kulka *et. al* (1984) classifica esse tipo de pré-pedido como testagem da disponibilidade (*checking on availability*) - o falante prefacia o ato principal verificando a condição necessária para a realização do pedido.

O ato principal (Será que quando chegasse no Leme a Senhora podia me chamar?) questiona uma das condições de sucesso relativas ao destinatário. Embora o enunciado apresente estrutura de pergunta, temos uma solicitação indireta. A estrutura do ato principal contém a expressão “Será que” e o verbo modalizador “poder” no tempo verbal pretérito imperfeito do indicativo, ou seja, pergunta sobre a capacidade do interlocutor para realizar o ato solicitado. Com isso, o falante utiliza uma estratégia de polidez negativa, ou seja, indica sua preocupação com o desejo do interlocutor de não sofrer imposição. Esse exemplo ilustra uma tentativa de atenuar os efeitos embaraçosos do ato de imposição com o acúmulo de expressões que significam “possibilidade”.

A justificativa (É que eu sou nova no serviço e não queria chegar atrasada) é uma estratégia persuasiva. Através dela, o locutor reforça a necessidade do interlocutor realizar o que se pede. De acordo com Oliveira (1992), ao apresentar as razões para o pedido, o locutor, aumenta a obrigação do atendimento ou suas chances de sucesso para o ato de imposição. A utilização de justificativas expressa também preocupação com o equilíbrio da relação. O locutor reconhece que deve explicações ao interlocutor pelo ato de imposição

No português do Brasil, as formulações de ordens e pedidos explícitos são indesejáveis, sendo consideradas grosseiras. Os pedidos indiretos são formas preferidas no português do Rio de Janeiro (Meyer, 2000). A autora comenta que o estrangeiro, desprovido de intuição lingüística que lhe permita perceber o tipo de ato social embutido em enunciado indireto, pode reagir de forma socialmente inadequada.



Ao utilizar um pré-pedido e uma justificativa, o falante marca a sua fala com um estilo de comunicação contextual. Podemos observar que o falante não vai direto ao que é relevante, ou seja, à proposição do pedido. Ele organiza a sua fala. Primeiramente, ele verifica as condições necessárias para o atendimento do pedido, em seguida, ele modaliza a proposição do pedido e então a justifica. Segundo Bennett (1998), o pensamento contextual é típico das culturas latina, árabe, asiática e africana. Nesse tipo de comunicação, o falante conduz a fala de forma circular, ou seja, ele não vai direto ao ponto. Além disso, a fala é rica em detalhes. Bennett diz que um dos pontos positivos desse estilo de comunicação é que facilita a criação de relacionamentos pessoais, e a demora é considerada um ponto negativo.

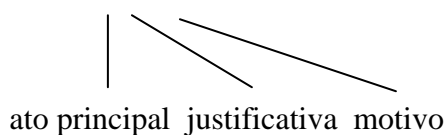
No português do Brasil, o pronome de tratamento “senhora” normalmente é utilizado para marcar formalidade e distanciamento entre os falantes. Nessa ocorrência, o pronome “senhora” reflete a distância etária entre os falantes e uma grande distância social, pois os falantes são desconhecidos.

Podemos constatar que na situação onde há maior intimidade entre os falantes, a proposição do pedido foi realizada de forma direta: “*Dá um pau*”. Já em situações nas quais os falantes são desconhecidos, notamos uma maior preocupação com a face negativa do interlocutor, ou seja, uma preocupação em não impor, como podemos verificar nos exemplos a seguir: “Por gentileza, a senhora podia assinar esse recibo aqui de entrega, por favor” e “Será que quando chegasse no Leme a senhora podia me chamar?” Podemos constatar que, quanto maior for a distância social entre os falantes, maior será a preocupação com a face negativa do ouvinte e, conseqüentemente, o falante tenderá a utilizar mais estratégias de polidez negativa.

Nesta ocorrência podemos ressaltar a indiretividade, a modalização e a entonação de pergunta como algumas das estratégias de polidez utilizadas para atenuar o ato de ameaça à face negativa do interlocutor.

### (iii) O Pedido Indireto Convencional: ap + ju + mot

pedido indireto convencional: ap + ju + mot



O pedido indireto convencional ap + ju + mot é constituído pelo ato principal + justificativa + motivação do pedido. Neste caso, a estrutura interna do ato principal afirma ou questiona uma das condições de sucesso propostas por Searle.

#### Exemplo 01:

No exemplo abaixo, temos uma conversa telefônica entre uma diarista e o assessor do seu patrão. O enquadre é profissional, em relação ao sistema de polidez hierárquico, os participantes estão em posição assimétrica, com desigualdade de poder. A distância social entre os participantes é grande.

M - Isso não vai ficar assim não. Eu tenho meus contatos. **Alô, eu podia falar com o Deputado Sinval, por favor? (...)**

Â - Ai, meu Santo Antônio.

M - **Não, colega, olha só, eu já fiz a campanha dele e tudo, distribuí santinho, votei nele, fiz até minha colega Solineuza votar nele também, é rapidinho, eu queria falar com ele.**

Â - É totalmente impossível.

M - **É que eu tava precisando de um “adevogado”.**

Nesta ocorrência, o ato principal (Alô, eu podia falar com o Deputado Sinval, por favor?) é uma abertura de conversa telefônica e funciona como um pedido de permissão. Este enunciado questiona uma das condições de sucesso referentes ao locutor. Temos uma estrutura interrogativa na primeira pessoa, contendo o verbo modalizador *poder* no tempo verbal pretérito imperfeito do indicativo, ou seja, o locutor pede permissão para falar com o seu chefe. O locutor utiliza, ainda, a expressão cristalizada (por favor) como recurso atenuador do ato de pedir.

Em seguida, o locutor justifica o pedido (Não, colega, olha só, eu já fiz a campanha dele e tudo, distribui santinho, votei nele, fiz até minha colega Solineuza votar nele também). Depois o falante minimiza o custo do pedido (É rapidinho). Blum-Kulka *et. al* (1984) classifica esse tipo de ato adjunto como minimizador de custo (*cost minimizer*) – o falante indica consideração pelo custo envolvido no atendimento do pedido. Então, o falante refaz o pedido de forma indireta convencional (eu queria falar com ele) - asserção na primeira pessoa, contendo o verbo “querer”, no pretérito imperfeito, ou seja, afirmação da condição de sinceridade referente ao locutor.

Mesmo após a exposição da justificativa seguida de um segundo pedido precedido de minimização de custo, o interlocutor se recusou a realizar o pedido; então, o locutor explicita o motivo do seu pedido (É que eu tava precisando de um “adevogado”). Através dessas estratégias o locutor tenta persuadir o interlocutor para realizar a ação desejada.

Podemos também observar algumas características culturais da sociedade brasileira nesta ocorrência: O falante utiliza uma estratégia que revela algumas regras de interação do “jeitinho brasileiro”. Há uma tentativa de *troca de favores* quando o falante expõe que já fez a campanha do patrão e que votou nele. Na sociedade brasileira é comum esse tipo de comportamento, que pode ser reforçado com o uso da expressão “uma mão lava a outra”. É interessante observar que antes de iniciar a conversa telefônica, o falante utiliza a expressão “*Eu tenho meus contatos*” para informar que vai recorrer ao poder social do seu patrão, para tentar resolver um problema particular. Na sociedade brasileira são utilizadas inúmeras expressões para demarcar diferenças hierárquicas e, assim, obter vantagens na vida social. Neste caso, a expressão “*Eu tenho os meus contatos*” é utilizada por um subordinado que usa laços de subordinação para inferiorizar outra pessoa que, normalmente, seria igual a ele (DaMatta, 1997).

Segundo o autor, o subordinado pode tomar a projeção social do seu chefe como uma capa de sua própria posição. Neste caso, temos uma identificação social vertical. O autor comenta que são inúmeros os exemplos em que o empregado utiliza este tipo de ritual de afastamento.

### 3.2.2.2

#### O Pedido Indireto não convencional

Ao realizar um pedido indireto não convencional o locutor não diz ao ouvinte o que deve fazer, ele o informa apenas sobre um fato e deixa que o outro decida o que há a ser feito; mas, naturalmente, o locutor fala para que o ouvinte tome uma decisão (Buyssens, 1970).

#### (i) O Pedido Indireto não convencional ap

pedido indireto não convencional ap

|  
ato principal

Chamamos de pedido indireto não convencional ap quando o macro ato de pedir é constituído apenas pelo ato principal.

Nesse tipo de elocução o falante passa a responsabilidade pela interpretação do ato para o ouvinte. A interpretação desse tipo de pedido depende de uma inferência mais complexa do ouvinte, sobretudo do contexto. O falante pode utilizar diferentes estratégias indiretas, como por exemplo, metáforas, insinuações, ironias, pistas associativas etc. Esses tipos de estratégias violam as máximas conversacionais propostas por Grice (1975).

#### Exemplo 01:

Nesta ocorrência o enquadre é profissional, os participantes da interação são um empregador (o dono de uma agência de diaristas) e um empregado (a diarista). Embora o enquadre seja profissional, a distância social entre eles não é grande, a interação revela marcas de intimidade entre ambos. A relação é assimétrica. Os interlocutores estão no carro.

Marinete – **Opa, ô o calor!**

Figueira – Ah, relaxa Marinete, quer que eu ligo o ar pra você, eu ligo?

Nesta ocorrência, o falante não indica diretamente a intenção do seu ato. Cabe ao ouvinte a interpretação do ato através de inferências, principalmente

contextuais. O pedido é realizado através de uma pista (ô, o calor!). Oliveira (1995) diz que as pistas simulam reconhecimento da autonomia do outro. O locutor presume a capacidade do interlocutor, em função de um conhecimento lingüístico e cultural compartilhado, de identificar a força pretendida. O locutor passa a responsabilidade de interpretação do ato para o interlocutor, colocando-se a salvo do ato de imposição.

Esta pista é entendida como uma estratégia de polidez negativa e viola uma das máximas conversacionais propostas por Grice (1975), a máxima do modo – *seja claro* . A violação de qualquer máxima produz uma implicatura – uma inferência sobre a intenção do falante.

Segundo Brown e Levinson (1987), se o falante quer fazer uma ato de ameaça à face e escolhe ser indireto, ele deve dar ao ouvinte algumas pistas e ter a esperança de que o ouvinte irá pegá-las e assim, conseguirá interpretar o que o falante pretende dizer. Deve haver certa cumplicidade entre os participantes, para que as pistas sejam compreendidas. Em uma cultura de alto contexto como a brasileira, há muita informação compartilhada entre os falantes. Nesse tipo de comunicação, há muita informação além do enunciado lingüístico. Podemos notar que pouca informação está no código e a maior parte da informação está no contexto.

Brown e Levinson (1987) dizem que muitos casos de atos de fala indiretos são realizados através de pistas que consistem em « levantar » algum ato desejado, por exemplo, dizer o motivo ou a razão para fazer algo. É importante lembrar que para construir um enunciado indireto, o falante diz algo que pareça mais geral, ou seja, com menos informação. O falante comunica ao ouvinte mais do que ele realmente diz ou o falante diz algo diferente do que ele pretende que seja entendido. Neste caso, o ouvinte deve inferir. As inferências do ouvinte é que vão recuperar aquilo que o falante realmente pretende comunicar.

Os autores apontam que, no processo da indiretividade, há sempre um gatilho que serve para o ouvinte perceber que alguma inferência deve ser feita. Há um estranhamento. Uma opção para o gatilho/sinalização (faça o seu processo inferencial para entender o que o falante quer dizer) é a violação de alguma máxima de Grice (1975).

Charaudeau e Maingueneau (2004:270) dizem que pode acontecer de o enunciado “Faz calor” significar somente que faz calor. Entretanto, no contexto

comunicativo, com muita freqüência, o significado deste enunciado poderia ser, entre outros: “abra a janela”, “desligue o aquecedor”, “posso tirar o casaco?” (...) Os autores comentam que a maior parte dos enunciados tem, além do conteúdo explícito, um ou vários conteúdos implícitos. A literatura pragmática e semântica menciona numerosas variedades de conteúdos implícitos – inferências, implicações e implicaturas, alusões e insinuações etc. Os conteúdos implícitos só podem ser compreendidos graças aos fatores, em princípio, contextuais e sua decifração implica algumas intervenções, algumas das quais mencionaremos a seguir: (i) a intervenção de certas informações prévias, (ii) a intervenção das máximas conversacionais de Grice (1975) (tendência automática a aumentar a taxa de informação ou o grau de relevância dos enunciados). A interpretação do conteúdo implícito consiste em combinar as informações extraídas do enunciado com certos dados contextuais.

Os autores acima referidos comentam ainda que, (apud Kerbrat-Orecchioni, 1996), o cálculo dos subentendidos é um processo complexo, que faz intervirem diversas competências, e que pode fracassar ou levar a resultados errôneos. Quando o subentendido não é percebido (versão fraca), acontece uma pequena catástrofe para a comunicação, porque ocorre com os conteúdos implícitos o mesmo que ocorre com o jogo de esconde-esconde, que Wittgenstein define como um jogo em que “estar escondido é um prazer, mas não ser encontrado é uma catástrofe”. Já a versão forte é considerada mais catastrófica ainda: é o mal-entendido, ou seja, um erro de cálculo cometido pelo destinatário.

A organização da conversa, de forma geral, apresenta uma boa quantidade de comunicação indireta que necessita de inferência. Brown e Levinson (1987) acreditam que a premissa mais importante usada para fazer inferência é o motivo que leva o falante a ser indireto. Para os autores, a preservação da face é o motivo mais importante.

## 3.3

## Quadro sinótico das formulações das ordens

Quadro 2

A Ordem explícita	A Ordem atenuada
<p>(i) A Ordem explícita ap</p> <p>exemplo:</p> <p>Delegado – Acalmaram? Muito bem, agora sumam da minha frente <b>(ap)</b>. A senhora quando se sentir incomodada mude de lugar e o senhor procure não incomodar <b>(ap)</b>.  Marinete – Ai, que bom, viu, seu delegado porque...  D – Fora daqui, fora!</p>	<p>(i) A Ordem atenuada ap (indireta convencional)</p> <p>exemplo:</p> <p>Patroa: Marinete, meu amor, você vai lá na feirinha comprar umas frutinhas pra mim? <b>(ap)</b>  Aqui tá a listinha, o dinheirinho. (...)</p>
<p>(ii) A Ordem explícita ap + ju</p> <p>exemplo:</p> <p>Delegado: A senhora ponha-se daqui pra fora agora <b>(ap)</b>, ou então eu vou mostrar o que é um abuso de autoridade <b>(ju)</b> ...  Marinete: Muito obrigada, seu delegado...</p>	<p>(ii) A Ordem atenuada ap + mot</p> <p>exemplo:</p> <p>Patroa: Marinete, você me arruma um copinho d'água? <b>(ap)</b> Eu tô morrendo de sede. <b>(mot)</b>  Marinete: A senhora quer gelada ou misturada?</p>
<p>(iii) A Ordem explícita ap + mot</p> <p>exemplo:</p> <p>Professor - Eu não to conseguindo visualizar a parede do estômago <b>(mot)</b>. Você que tá ai do lado do monitor, eu quero mais contraste <b>(ap)</b>.</p>	
<p>(iv) A Ordem explícita ap + ju + mot</p> <p>exemplo:</p> <p>Ângelo: Hei, hei, peraí, peraí, peraí! Não precisa começar a lavar ainda não!<b>(ap)</b>  M – Desculpa, o senhor pode ser o novo assessor, mas eu sou veterana de diarista. (...)  Â – Mas hoje não. Sua excelência já está acordado e pediu pra você voltar às duas da tarde. <b>(ju)</b>  M – Às duas?  Â – Ele tem uma reunião importante do partido e não quer nenhum tipo de interferência. <b>(mot)</b>  M – Pra quê? (...)  Â – Hoje a senhora só vai lavar a louça. <b>(ap)</b> M - (...)  A: Minha filha, qualquer coisa, desde que você esteja aqui às duas horas em ponto. <b>(ap)</b></p>	

### 3.4

#### **Análise Interpretativa das formulações das Ordens**

Consideramos um ato diretivo como ordem, somente quando a relação entre os interlocutores for assimétrica e quem enuncia for alguém que detém maior poder do que o seu interlocutor ( $A > B$ ). Neste caso, a não realização da ordem implica algum tipo de penalização para o interlocutor, uma vez que a pessoa que recebe a ordem tem uma obrigação social de realizar a ação desejada.

#### 3.4.1

##### **A Ordem Explícita**

As ordens explícitas são atos em que o locutor não dá opção ao interlocutor para ficar livre para agir. Segundo Oliveira (1995), na realização dos diretivos, há elocuições explícitas e diretas que definem quem tem o poder na relação. Essas formulações ocorrem em situações nas quais o falante detém um poder inquestionável com relação ao interlocutor, que emana da sua posição, perícia ou recurso, e não vê riscos em assumir essa alta posição de controle.

##### **(i) A Ordem Explícita ap**

ordem explícita ap

|

ato principal

Chamamos de ordem explícita ap quando a formulação da ordem é constituída apenas pelo ato principal.

Exemplo 01:

No exemplo a seguir, o enquadre é profissional, a fala é assimétrica e a distância social entre os participantes é grande. A interação ocorre numa delegacia e os participantes são um delegado, uma diarista e um religioso fanático.



Delegado – Acalmaram? Muito bem, **agora sumam da minha frente. A senhora quando se sentir incomodada mude de lugar e o senhor procure não incomodar.**

Marinete – Ai, que bom, viu, seu delegado (...)

D – **Fora daqui, fora!**

Nesta ocorrência, a primeira ordem (agora sumam da minha frente) é constituída pelo verbo *sumir* no tempo verbal imperativo. Em sua escala de diretividade e polidez dos atos diretivos, Blum-Kulka (1976) considera o imperativo como a forma mais direta e transparente de pedir e também a menos polida. O verbo (sumir) funciona como um intensificador da ordem. O locutor através dessa estratégia de explicitação de poder, que emana da sua posição hierárquica, nega a autonomia dos interlocutores e exercita um tipo de coerção para que a ordem seja atendida. Em seguida, o locutor acrescenta mais duas ordens (A senhora quando se sentir incomodada mude de lugar e o senhor procure não incomodar). É importante observar que todas as elocuições são feitas no tempo verbal imperativo, sem acompanhamento de atenuadores, o que marca uma postura autoritária do falante.

No segundo turno do delegado, ele interrompe a fala da diarista e repete a ordem (Fora daqui, fora!). Segundo Brown e Levinson (1987), a interrupção da fala do outro é um ato de ameaça à face em si. Essa ordem tem valor de expulsão. Temos uma elocução de “não-opcionalidade”.

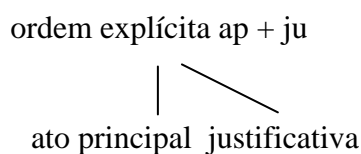
Kerbrat-Orecchioni (2006) diz que os agravantes têm a função de reforçar o ato de fala e de aumentar o seu impacto. De acordo com a autora, os recursos disponíveis para os agravantes parecem tão vastos quanto para os suavizantes. Entretanto, com exceção do caso de trocas com caráter fortemente conflituoso, os agravantes são muito mais raros e “marcados” do que os suavizadores, quando acompanham um AAF.

Nesse contexto em que a vulnerabilidade da face é desigual, podemos observar que a motivação para os falantes serem cooperativos é reduzida. Em situações nas quais há grande desigualdade de poder entre os participantes, o comportamento impolido tem mais chance de ocorrer (Culpeper, 1996). Como pôde ser visto, o locutor reduz a habilidade do interlocutor de revidar através da negação do direito de falar. Além disso, ele utiliza estratégias de impolidez, cujo objetivo é atacar a face do interlocutor, para amedrontar e coagir os interlocutores

através de agravadores e de um tom de voz ameaçador. Conforme pode ser constatado neste exemplo, o comportamento impolido nega o reconhecimento do outro como uma pessoa igual.

Segundo Oliveira (1992), as construções dos diretivos que revelam menor consideração às necessidades de não imposição ocorrem quando o locutor tem certeza de que o seu poder não corre risco. Essas construções são menos freqüentes e restritas a situações em que o locutor tem o controle do outro e supõe que este não poderá de algum modo prejudicá-lo.

### (ii) A Ordem Explícita **ap + ju**



A formulação da **ordem explícita ap + ju** é constituída pelo ato principal + justificativa.

Exemplo 01:

No exemplo a seguir, o enquadre é profissional, a fala é assimétrica e a distância social entre os participantes é grande. Temos uma interação entre um delegado e duas mulheres que foram fazer uma reclamação na delegacia.

Delegado: **A senhora ponha-se daqui pra fora, agora, ou então eu vou mostrar o que é um abuso de autoridade...**

Marinete: Muito obrigada, seu delegado...

Nesta ocorrência, a primeira ordem (A senhora ponha-se daqui pra fora, agora) é constituída pelo verbo *pôr* no tempo verbal imperativo reflexivo (ponha-se). O endereçamento (senhora) marca distanciamento social entre os falantes.

A formulação de uma solicitação, seja ela direta ou indireta, pode ser endurecida por diferentes procedimentos agravadores, morfemas com valor de insistência e impaciência (ex: agora, imediatamente, já, etc) (Kerbrat-Orecchioni, 2005)

Através das estratégias escolhidas (camaradagem, autoridade, etc) os interlocutores constroem entre si um certo tipo de relação (de distância ou de proximidade, de hierarquia ou de igualdade, de conflito ou de convivência) que evolui ao longo da interação. A referida autora afirma que na relação assimétrica, o papel dos atos de linguagem é ainda mais evidente. Uma ordem formulada brutalmente, como no exemplo acima, rebaixa e humilha o interlocutor.

A justificativa tem valor de ameaça e é feita diretamente através da forma lingüística introduzida por *ou então* (ou então eu vou mostrar o que é um abuso de autoridade). A ameaça pode constituir-se na própria estratégia de pedir, em casos em que o locutor considera esgotadas outras etapas da negociação, ou ela pode entrar como ato adjunto marcando o início de uma negociação mais dura com o interlocutor. A ameaça corresponde à postura mais autoritária do locutor. Através dessa estratégia o locutor nega a autonomia do interlocutor, coagindo-o para que a ação seja feita (Oliveira, 1992).

Nesse tipo de contexto, onde há grande desigualdade de poder entre os falantes, quem detém maior poder tem mais liberdade para ser impolido, porque ele pode reduzir a habilidade do participante que detém menos poder para revidar com impolidez (como, por exemplo, através da negação do direito de falar). Além disso, o locutor pode ameaçar uma retaliação mais severa se o participante com menos poder for impolido (Culpeper, 1996).

### (iii) A Ordem Explícita *ap + mot*

ordem explícita *ap + mot*



A formulação da **ordem explícita *ap + mot*** é constituída pelo ato principal + motivação/razão da ordem.

Exemplo 01:

No exemplo a seguir, o enquadre é profissional, a fala é assimétrica e a distância social entre os participantes é grande. Temos uma interação entre um médico/professor e um aluno durante uma cirurgia num hospital.

Professor - Eu não tô conseguindo visualizar a parede do estômago. Você que tá aí do lado do monitor, **eu quero mais contraste**.

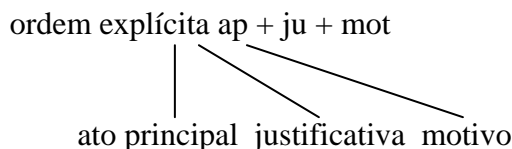
Nesta ocorrência temos a explicitação do motivo da ordem (Eu não tô conseguindo visualizar a parede do estômago) seguida do endereçamento (Você que tá aí do lado do monitor) e do ato principal (eu quero mais contraste).

O ato principal (eu quero mais contraste) explicita a vontade do emissor. Algumas formulações indiretas, como as asserções iniciadas com “eu quero”, as asserções contendo modalizadores com valor de obrigação (você tem de se calar/você deve se calar) e as asserções no indicativo, futuro (você fechará a porta/vai fechar a porta) ou presente (você cala a boca) são consideradas como ordens. Trata-se de tropos ilocutórios (ordens disfarçadas de asserções), de enunciados indiretos, mas que nem por isso deixam de ser extremamente diretivos (Kebrat-Orecchioni, 2005).

A autora diz que a relação é dialética entre o contexto e o texto, ou seja, entre os dados institucionais que enquadram a situação e o que ocorre durante a interação. O contexto institucional determina em larga medida quais são os atos permitidos ou proibidos a cada participante. O peso da ameaça à face depende do quadro comunicativo e do “contrato” que existe entre os participantes, ou seja, do sistema de direitos e deveres que é estabelecido por esse quadro. No exemplo acima, temos uma relação entre professor e aluno em que é esperado o atendimento da ordem com base no papel ocupacional dos interlocutores. O peso da ameaça à face é diminuído tendo em vista o contrato social que existe entre os participantes.

Nesse tipo de diretivo, em que a ação pretendida está prevista na rotina ou num quadro prévio que define direitos e deveres, o ato de imposição é neutro. Nesse contexto, não há sentimento de perda de liberdade, invasão de território ou coerção, uma vez que as regras do jogo são estabelecidas previamente (Oliveira, 1992).

#### (iv) A Ordem Explícita ap + ju + mot



A formulação da ordem explícita ap + ju + mot é constituída pelo ato principal + justificativa + motivação da ordem.

##### Exemplo 01:

Nesta ocorrência o enquadre é profissional, a relação entre os participantes é assimétrica e a distância social entre eles é grande. Temos uma interação entre uma diarista e o secretário do seu patrão.

Ângelo – Bom dia!

Marinete – Bom dia!

Â- Você deve ser a diarista!

M – Marinete, e o senhor?

Â- Ângelo, mas pode me chamar de Dr. Ângelo. Eu sou o novo assessor parlamentar de sua excelência. **Hei, hei, perai, perai, perai! Não precisa começar a lavar ainda não!**

M – Desculpa, o senhor pode ser o novo assessor, mas eu sou veterana de diarista. Eu conheço meu eleitorado. Seu Sinval acorda, a primeira coisa que ele gosta de ver é a cozinha limpa.

Â – **Mas hoje não. Sua excelência já está acordado e pediu pra você voltar às duas da tarde.**

M – Às duas?

Â – **Ele tem uma reunião importante do partido e não quer nenhum tipo de interferência.**

M – Pra quê? Pra eu sair daqui depois de meia-noite? (...)

Â – **Hoje a senhora só vai lavar a louça.**

M – Ah é! Então tá! Duas eu volto. Mas perai, são oito e meia da manhã, o que vou fazê até às duas?

(...)

Â – Vem cá, você não precisa tirar uma segunda via da carteira de trabalho, não? Ou então ir a um posto de saúde bater uma chapa? Não, porque toda empregada que eu conheço adora bater uma chapa. **Minha filha, qualquer coisa, desde que você esteja aqui às duas horas em ponto.**

Neste exemplo, temos a primeira ordem (Não precisa começar a lavar ainda não!) precedida de uma expressão formulaica (Perai) que é formada pela

contração do verbo *esperar* com o advérbio *aí*, formando um único grupo, característico da linguagem oral (Alencar, 2004:58).

A primeira ordem (Não precisa lavar ainda não!) é uma declaração da não necessidade de realizar a ação pretendida. Essa estratégia não dá opção para o interlocutor ficar livre para agir, entretanto, ele argumenta. Podemos observar o controle da relação nas seqüências que sucedem a ordem. A ordem é reforçada através de uma justificativa (Sua excelência já está acordado e pediu pra você voltar às duas da tarde) e da motivação da ordem (Ele tem uma reunião importante do partido e não quer nenhum tipo de interferência). As seqüências (justificativa e motivação) agravam o ato de imposição.

Após a retaliação do interlocutor, o locutor dá a segunda ordem (Hoje, a senhora só vai lavar a louça) e, então, ele intensifica a terceira ordem (Minha filha, qualquer coisa, desde que você esteja aqui às duas horas em ponto). O locutor nega a autonomia do interlocutor e explicita a ação que deverá ser realizada através do tempo verbal imperativo (esteja). Podemos perceber uma tensão conflituosa nessa ordem. O locutor cria este tipo de frase com tensão conflituosa para mostrar que, caso a sua solicitação não seja satisfeita, pode passar à sanção (Mateus, 2003). O endereçamento (minha filha) rebaixa e humilha o interlocutor.

De acordo com Brown e Levinson (1987) e Oliveira (1995), uma das circunstâncias em que o ato de ameaça à face se realiza dessa forma, direto e sem reparo, é quando o falante é muito superior ao ouvinte em termos de poder. Observamos que a construção da ordem não leva em consideração as necessidades das faces positiva e negativa do interlocutor. Além disso, o locutor utiliza estratégias de impolidez para atacar a face do interlocutor, pois o seu poder não será ameaçado e ele supõe que o interlocutor não poderá prejudicá-lo.

É interessante observar que as relações de poder, além de interferirem sobre o modo de pedir, também condicionam a possibilidade de uma reiteração de solicitação, o número de reiteraões e até a realização de uma ameaça, como forma de pressão. Nas estratégias de negação da autonomia, que podem ser determinadas pelo poder hierárquico, a força do diretivo vem de uma condição do contexto que legitima o locutor a determinar um curso de ação, regular o comportamento do outro ou cobrar a ação desejada (Oliveira,1992).

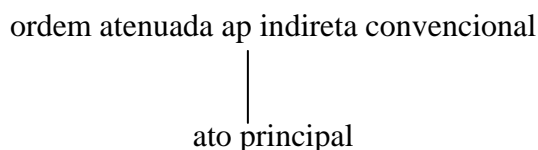
### 3.4.2

#### A Ordem Atenuada

Embora as relações no ambiente de trabalho sejam assimétricas, nem sempre essa assimetria é marcada na escolha da forma diretiva. Quem tem maior poder na interação, muitas vezes, utiliza formas diretivas que dissimulam o controle e negociam o poder entre os participantes. A não explicitação do controle evidencia um desejo de não impor (Oliveira, 1985).

Segundo a autora, esse modelo de controle exige habilidades no campo interpessoal, como, por exemplo, a flexibilidade, a capacidade de negociar o controle e administrar conflitos. Essas habilidades requerem uma competência lingüística que se manifesta no uso de estratégias de polidez que minimizam o teor de imposição e de desaprovação implicado no ato diretivo.

#### (i) A Ordem Atenuada ap indireta convencional



Neste caso, a formulação da ordem é constituída somente pelo ato principal.

#### Exemplo 01:

Na ocorrência a seguir temos uma ordem da patroa para a empregada. O enquadre é profissional, a relação entre os participantes é assimétrica e a distância social entre eles é média.

**S – Marinete, meu amor, você vai lá na feirinha comprar umas frutinhas pra mim? Aqui tá a listinha, o dinheirinho.** Olha, se a melancia não der dentro do carrinho você trás num saco. Você sabe onde é que tem um saco?

**M –** Até sei, sim, senhora.

Nesta ocorrência, o ato principal (você vai lá na feirinha comprar umas frutinhas pra mim?) é uma asserção no futuro e refere-se a uma das condições de

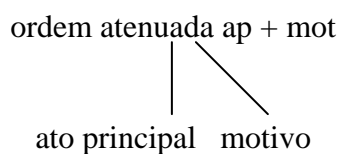
felicidade propostas por Searle. Trata-se de um tropo ilocutório, neste caso, de uma ordem disfarçada de asserção. O endereçamento (meu amor) denota afetividade. O tratamento afetivo, ao criar proximidade e intimidade, limita a liberdade e a independência daquele que detém menor poder na relação (Tannen, 1993).

Podemos observar que as instruções são enunciadas de forma que infantilizam o interlocutor. A fala do patroa é toda marcada pelo uso de diminutivos (feirinha, frutinha, listinha, dinheirinho). Segundo Holanda (1995), a cordialidade do brasileiro se reflete na língua, como, por exemplo, no acentuado emprego dos diminutivos. No português do Brasil, o sufixo *-inho* serve para nos familiarizar mais com as pessoas e com os objetos e, ao mesmo tempo, para enfatizá-los. De acordo com o autor, ao utilizarmos o diminutivo, fazemos com que as pessoas e os objetos fiquem mais acessíveis aos sentidos, além de servir para aproximá-los do coração.

Nesse exemplo verificamos uma transposição da relação da *casa* para a *rua*. A patroa muda a fala profissional para a pessoal. Através dessa estratégia a patroa busca obter a solidariedade da empregada para realizar a ação desejada, sem que seja necessário utilizar estratégias de explicitação de poder. Meyer (2000) afirma que, no Brasil, estamos sempre procurando estender as confortáveis relações pessoais, com toda a sua carga de afetividade e emotividade, para outros tipos de relações.

A polidez funciona como uma máscara para proteger as faces dos interlocutores e esconder a verdadeira intenção do locutor. Na cultura brasileira, o enfoque às relações pessoais, influencia a simulação da regra camaradagem – seja amigável, utilizada como atenuador da imposição do ato diretivo e instrumento de controle.

## (ii) A Ordem Atenuada *ap + mot*





Neste caso, a formulação da ordem é constituída pelo ato principal + motivação/razão da ordem.

Exemplo 01:

Nesta ocorrência, temos uma ordem da patroa para a empregada. O contexto é profissional, a relação entre os participantes é assimétrica e a distância social é grande.

**S – Marinete, você me arruma um copinho d'água? Eu tô morrendo de sede.**

**M – A senhora quer gelada ou misturada? (...)**

Neste exemplo, temos o ato principal (você me arruma um copinho d'água?) constituído pelo endereçamento (você) + a indicação do beneficiário (me) + o verbo (arrumar) no tempo verbal presente do indicativo + SN (um copinho d'água). Como vimos em Meyer (1999), o brasileiro (ao menos da região sudeste e sul) evita o uso do imperativo, substituindo-o pelo presente do indicativo. As formulações de pedidos com o uso do tempo verbal imperativo são consideradas autoritárias, para os falantes dessa região do Brasil. Além de atenuar a imposição da ordem com o uso do tempo verbal presente do indicativo, o falante utiliza o diminutivo (um copinho) para minimizar o que está sendo solicitado.

Este exemplo também evidencia que, no Brasil, muitas vezes, o universo do trabalho, ou seja, da *rua* é englobado pelo universo da *casa*. De acordo com Meyer (2000), a patroa finge pedir aquilo que à empregada não é permitido negar. O brasileiro mascara as relações sociais da rua, neste caso, relações hierárquicas de trabalho, com relações pessoais, da casa. Com essa estratégia, o locutor protege as faces dos interlocutores, dissimula a imposição da ordem e negocia o seu poder.

A negociação do controle da relação continua na seqüência após o ato principal. A motivação (Eu tô morrendo de sede), justifica porque o pedido está sendo feito, e com isso, minimiza a imposição do ato. A motivação é o ato que comunica a ocorrência de um fato que levou à necessidade de realização do pedido.

Utilizando diferentes estratégias para dissimular a ordem, o locutor cria a ilusão de ser não autoritário e amigável, através do parecer. Pode-se observar que a polidez é mais do que uma estratégia para manter boas relações. É um instrumento poderoso para a manutenção do poder, do locutor e de todos, para a não alteração do *status quo* (Oliveira, 1992).

Apresentamos, a seguir, dois quadros com as principais estratégias que foram utilizadas pelos falantes para atenuar ou reforçar o teor de imposição dos atos diretivos.

### 3.5

#### Estratégias que atenuam o teor de imposição dos atos diretivos

Apresentamos, a seguir, as principais estratégias atenuadoras da imposição implicada nos atos diretivos que encontramos em nossos dados.

**Quadro 3**

Expressões formulaicas com (dar) (exemplo: Dá pra ser bem rápido...)
Expressões formulaicas com (será) (exemplo: Será que eu posso dar uma palavrinha com o senhor seu delegado?)
Diminutivos (exemplo:... vai lá na feirinha...)
Entonação de pergunta. (exemplo: Você me arruma um copinho d'água?)
Expressões cristalizadas de polidez (exemplo: por favor, por gentileza)
Condicional (exemplo: a senhora podia assinar esse recibo aqui de entrega, por favor)
Indicação da localização (exemplo: aí, alí, aqui etc)
Indicação do beneficiário (exemplo: pra mim, me)
Vocativos (exemplo: querido, meu amor etc)
Minimizador de custo (É rapidinho)
Pré-pedido (função: obtenção de compromisso. Exemplo: Me faz um favor?)
_____ (função: testagem de disponibilidade. Exemplo: A senhora vai até o ponto final?)
Justificativa (exemplo: É que eu sou nova no serviço e não queria chegar atrasada)
Motivação do pedido (exemplo: É que eu tava precisando de um advogado)

### 3.6

#### Estratégias que reforçam o teor de imposição dos atos diretivos

Apresentamos, a seguir, as principais estratégias que agravam a imposição dos atos diretivos que encontramos em nossos dados.

**Quadro 4**

Repreensão (exemplo: Bruna, vai já pro seu quarto!)
Comando (exemplo: Sei, sei, muito papo e pouco som, ao trabalho).
Imperativo (exemplo: Jamais fique na frente das máquinas, não use nada do hospital, nunca ande de elevador, sempre de escada, e não converse com ninguém não autorizado. Compreendeu?)
Ameaça (exemplo: A senhora ponha-se daqui pra fora agora ou então eu vou mostrar o que é um abuso de autoridade).
Necessidade do atendimento da ordem (exemplo: Marinete, o rodapé tá imundo, você não tá vendo, não? Eu não pedi pra você limpar cada cantinho desse rodapé?)
Asserção da obrigação (exemplo: agora vocês têm que me desejar X.)
Reforço da ordem anterior (exemplo: você não sabe que não pode deixar subir estranhos?).

## 4

### Conclusão

Neste estudo sobre a realização dos atos diretivos, em língua oral, no português do Brasil, utilizamos uma abordagem interdisciplinar, englobando aspectos lingüísticos e culturais, para demonstrar a pluralidade de construções possíveis para a realização dos atos de pedir e ordenar. Podemos relacionar essa diversidade com o fato de esses atos serem potencialmente ameaçadores às faces dos interlocutores e serem ricos em implicações sociorrelacionais. Sendo assim, há uma tendência à utilização de diversos procedimentos protetores da face na realização dos mesmos.

Esta pesquisa mostrou que as práticas protetoras da face utilizadas pelos participantes podem ocorrer no ato principal, ou seja, na proposição do pedido, ou nas seqüências que antecedem ou sucedem o ato de pedir (pré-pedido, justificativa, motivação). Dentre as estratégias que atenuam o ato de ameaça à face (AAF) e que ocorrem no ato principal, destacamos a indiretividade convencional e não convencional; a utilização de diminutivos; a entonação de pergunta; as expressões cristalizadas de polidez; as expressões formulaicas com *dar* e *será*; indicação da localização e do beneficiário; e o uso de vocativos que denotam afeto. Observamos que são freqüentes os atos de pedir indiretos, ou seja, atos que assumem aparência de outros atos, como atenuadores dos atos ameaçadores de face. Assim, há necessidade de distinguir a estrutura formal e o valor ilocutório dos atos diretivos. Dentre as estratégias atenuadoras, externas ao ato principal, destacamos o pré-pedido, a justificativa, a motivação do pedido e os minimizadores de custo.

Foram registradas também estratégias que reforçam o teor de imposição da ordem. Dentre os procedimentos agravadores que ocorrem no ato principal, destacamos: o uso do tempo verbal imperativo, os elementos lexicais que denotam impaciência (ex: agora, já etc), a reiteração da ordem, a interrupção da fala do interlocutor e a asserção da obrigação de cumprir a ordem. Dentre os procedimentos agravadores externos ao ato principal, destacamos a justificativa, a motivação da ordem e a ameaça explícita.

Além disso, constatamos que a escolha das construções e dos procedimentos que agravam ou atenuam o ato de imposição está condicionada ao contexto, ao contrato social entre os participantes, ou seja, ao sistema de direitos e deveres que é estabelecido pelo contexto, e à intenção do falante em ser mais ou menos direto. Percebemos que as construções dos atos diretivos, além de refletirem a maneira como os participantes se tratam, influenciam a reação ao ato solicitado assim como a relação interpessoal.

Destacamos também as variáveis “poder” e “distância social”, propostas por Brown e Levinson (1987), como fatores que interferem na maneira como as formulações são construídas. Em relação à variável “poder”, nas relações assimétricas, foram registradas tanto formas autoritárias quanto dissimuladoras. As formas mais autoritárias, ou seja, mais diretas e explícitas, foram utilizadas em situações com desafio e muita desigualdade de poder, como, por exemplo, na fala do delegado com a diarista e do secretário do chefe da diarista com ela (Cf.p.75,78). Ainda nesse contexto, observamos a utilização de estratégias de impolidez, como, por exemplo, a ameaça explícita, a interrupção da fala do interlocutor e a expulsão, que são atos de ameaça à face em si.

Ainda nas relações assimétricas, foram registradas construções que dissimulam a imposição do ato diretivo e o poder entre os falantes. Na relação entre patroa e empregada, por exemplo, quem detém maior poder utiliza estratégias de envolvimento com muita frequência. A patroa mitiga o seu poder e o teor de imposição da ordem, através da regra da camaradagem – “seja amigável”. Com isso, ela faz com que o subordinado se sinta bem e parece não ser autoritária. Nesse contexto, observamos, ainda, formulações de ordens ricas em diminutivos, as quais infantilizam quem está sendo controlado. O nosso estudo evidencia que a utilização de recursos afetivos na expressão das ordens cria uma relação de intimidade e de proximidade no trabalho e, assim, protege as faces dos participantes, possibilitando o exercício do poder sem que seja necessária a explicitação de marcadores de relação assimétrica.

Em relação ao fator distância, um ponto importante que observamos foi que a distância social entre os interlocutores, muitas vezes, é reduzida através da transferência da fala profissional para a fala pessoal, numa tentativa de transpor as relações da *rua*, nesse caso, a relação de trabalho, por relações da *casa*. Essa estratégia utilizada para negociar o controle da relação no ato de pedir foi utilizada

por falantes que detêm maior poder, principalmente por mulheres, como uma máscara para dissimular o poder, envolver o interlocutor e, conseqüentemente, persuadi-lo.

Quanto à abordagem dos atos diretivos nas gramáticas de PLM e PL2-E, observamos que o tema não é tratado de maneira satisfatória. As gramáticas analisadas focalizam as estruturas lingüísticas, sem tratar os aspectos contextuais e culturais que permeiam toda a negociação dos atos diretivos. Além disso, as gramáticas analisadas não mostram a complexidade da organização estrutural das formulações. Não há informação sobre os atos individuais (pré-pedido, ato principal, justificativa, motivação) que compõem o macroato de fala de pedir/ordenar. Sendo assim, neste estudo, procuramos mostrar a organização das partes constitutivas dos atos diretivos. Além disso, propusemos uma classificação desses atos de acordo com o nível de diretividade. Essa classificação nos permitiu observar que há muitos meios de suavizar ou de agravar a realização de um ato de ameaça à face. Procuramos demonstrar que as estratégias discursivas utilizadas para atenuar ou agravar o AAF (ex: proximidade, camaradagem, englobamento da *rua* pela *casa*, autoridade etc) refletem a maneira como os interlocutores se posicionam no relacionamento com o outro.

Como apontamos em nossa análise, os procedimentos suavizadores do AAF, ou seja, as estratégias de polidez utilizadas consistem num conjunto de recursos lingüísticos, que o locutor utiliza para minimizar o teor de imposição implicado nos diretivos. Nossos resultados mostram que algumas estratégias de polidez relacionam-se com aspectos da cultura brasileira. Podemos destacar, por exemplo, a regra da camaradagem – seja amigável, que é uma regra da polidez cunhada por Lakoff (1973), com a estratégia de englobar a *rua* com a *casa*, que consideramos uma peculiaridade da cultura brasileira. Constatamos que, através da transferência da fala profissional (*rua*) para a fala pessoal (*casa*), o locutor que detém maior poder simula proximidade e amizade com quem está sendo controlado, para que a ação desejada seja realizada sem imposição. Dessa forma, o locutor preserva as faces dos participantes, minimiza o ato de imposição e parece ser amigável. Observamos também a utilização de um tipo de estratégia de navegação social, com a qual o subordinado toma a projeção social do seu patrão para inferiorizar outro indivíduo, que é igual a ele, e obter vantagens na vida

social. Também foram registradas estratégias do favor ou do jeitinho, como uma forma de obter um tratamento diferenciado na vida social.

Ainda focalizando a questão cultural, podemos relacionar as estratégias autoritárias registradas no ato de ordenar com aspectos da sociedade brasileira. Segundo o antropólogo DaMatta (1987), vivemos numa sociedade hierárquica, que separa os indivíduos e tenta manter as classes sociais afastadas e sujeitas a um tratamento diferenciado na vida social. Normalmente, não divulgamos para o estrangeiro as atitudes autoritárias que fazem parte da vida social do Brasil, pois, além de não serem motivo de orgulho, essas atitudes se contrapõem aos traços utilizados para definir o nosso modo de ser, como por exemplo, a cordialidade, a afetuosidade, o jeitinho e a malandragem. A partir da nossa análise, podemos esboçar um perfil comunicativo ou *ethos* da sociedade brasileira, ou seja, a maneira de o brasileiro se comportar durante a interação.

Em relação ao ensino/aprendizagem dos atos diretivos como L2-E, é importante ressaltar a importância de o aluno estrangeiro aprender as formas preferidas de comunicação da cultura brasileira. Dessa forma, a abordagem de ensino deve englobar aspectos lingüísticos e culturais, como, por exemplo, os motivos sociais que influenciam as escolhas das construções dos atos diretivos. Precisamos formar falantes reflexivos, que sejam capazes de escolher as formulações dos atos diretivos mais apropriadas às situações comunicativas.

Outro aspecto importante em relação ao ensino/aprendizagem de PL2-E é que o estilo de comunicação utilizado na cultura brasileira, em geral, contextual, ou seja, conduzido de modo circular e, ainda, com riqueza de detalhes, pode causar estranhamento ao aluno estrangeiro proveniente de uma cultura cujo estilo de comunicação é linear. Principalmente em situações nas quais existe ameaça à face dos interlocutores, como no caso dos atos verbais de pedir, é esperado que o falante não vá direto ao ponto. Então, no português do Brasil, utilizamos inúmeras estratégias para minimizar o teor de imposição do ato, antes de pronunciarmos o pedido propriamente dito. Prefaciamos o ato principal com diferentes tipos de pré-pedidos, e, freqüentemente, expressamos a razão do pedido para, finalmente, explicitarmos o que queremos que o nosso interlocutor faça. Sendo assim, é fundamental que o aluno estrangeiro aprenda a reconhecer e utilizar essas estratégias comunicativas atenuadoras do teor de ameaça implicado no ato de

pedir, para que o seu procedimento seja adequado ao padrão de polidez da cultura na qual ele está sendo inserido.

Ainda com relação ao ensino/aprendizagem de PL2-E, sabemos que, através do uso que os falantes fazem da língua, eles constroem determinadas identidades sociais. A identidade lingüística que o aluno estrangeiro construir durante a interação vai influenciar a sua inserção na cultura brasileira. Então, é importante que o aluno estrangeiro aprenda as regras da polidez lingüística da cultura brasileira, pois essas regras regulam a negociação das identidades dos indivíduos. A utilização de procedimentos lingüísticos polidos na realização dos atos diretivos, além de preservar as faces dos participantes e reduzir os conflitos que possam surgir durante a interação, é uma ferramenta importante para o aluno estrangeiro atingir os seus objetivos.

O estudo que apresentamos revela a complexidade e a diversidade de construções possíveis para os atos diretivos, em situações de comunicação. Sendo assim, apontamos a necessidade de se aprofundar o tema em questão e sua relação com a polidez e impolidez na cultura brasileira. Enfim, acreditamos que este estudo lança luz sobre aspectos lingüístico-culturais da sociedade brasileira e contribui para a descrição dos atos diretivos, em língua oral, no português do Brasil, auxiliando no ensino de PL2-E.



## Referências bibliográficas

- AUSTIN, J.L. (1982) *How to do things with words*. Londres: Oxford University Press.
- ALENCAR, R.B. (2004) *E aí? Uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português L2 para estrangeiros*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC.
- BECHARA, E. (2003) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- BENNETT, M. (1998) *Basic concepts of intercultural communication*. USA: Intercultural Press.
- BIRCHLER, G.; WEISS, R. and VINCENT, J. 1975. Multi-method analysis of social reinforcement exchange between maritally distressed and non-distressed and spouse and stranger dyads. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31: 349-360.
- BLUM-KULKA, S. (1987) Indirectness and politeness in requests: same or different? *Journal of Pragmatics*, v. 11, p.131-146.
- and OLSHTAIN, E. Requests and apologies: a cross cultural study of speech act realization patterns. *Applied Linguistics*, 5 (3), p. 196-212.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. (1987) *Politeness: some universals in language usage*. 2ª ed., Cambridge, CUP.
- BROWN, R. (1960) Indirect rule as politic of adaptation. In: From tribal rule to modern government. The thirteen conference proceedings of the Rhodes-Livingstone Institute for Social Research.
- and GILMAN, A. (1989). Politeness theory and Shakespeare's four major tragedies. *Language in Society*, 18: 159-212.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. (2004) "Language and Identity" In DURANTI, A. (ed.) *A Companion to Linguistic Anthropology*. Malden: Blackwell Publishing.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. (2004) *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto.

CUCHE, D. (1999) *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução Viviane Monteiro. Bauru: EDUSC.

CULPEPER, J. (1996) Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, 25: 349-367.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. (2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DAMATTA, R. (1997) *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores (a primeira edição é de 1979).

———. (1987 b) *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

———. (1984) *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.

FERREIRA BRITO, L.; MACEDO, A. (1985) Características dos pedidos em português. *Anais do Encontro Nacional de Linguística*, PUC-Rio.p. 397-410.

GEERTZ, C. (1989) *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. LTC

GOFFMAN, E. (1959) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

———. (1980) A Elaboração da face, uma análise dos elementos rituais na interação. IN: FIGUEIRA, S (ORG.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Tradução J. Russo Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves S.A., p. 76-114.

———. (1967) *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Pantheon Books, p. 47-95.

GRICE, H.P. (1975) Logic and conversation. In.: COLE, P.; MORGAN, J. (org) *Syntax and Semantics*, v. 3: Speech acts, N.Y.

GUNDARA, J.S. Multiculturalism in Canada, Britain and Australia: the role of intercultural education. *London Journal of Canadian Studies*, 2001/2002, vol. 17, p. 40-59.

HALL, E.T. (1990) *The silent language*. New York: Anchor Books editions.

———. (1989) *Beyond Culture*. New York: Anchor Books editions.

———. (1990) *The Hidden dimension*. New York: Anchor Books editions.

HALL, E.T.; HALL, M.R. (1990). *Understanding cultural differences: Germans, French and Americans*. Yarmouth: Intercultural Press. Part 1: “Key concepts: understanding structures of culture”.

HOLANDA, S.B. de (1995). *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

HANDY, C.B. (1978) *Como compreender as organizações*. Rio de Janeiro: Zahar.

HARRIS, L.; GERGEN, K.; LANNAMAN, J. (1986). Aggression rituals. *Communication Monographs*, 53: 252-265.

HOUAISS, A. *et al.* (2001) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 1ª ed.

HUTCHINSON, A.P.; LLOYD, J. (1996) *Portuguese: An essential grammar*. London and New York: Routledge.

KERBRAT-ORECHIONI, C. (2005) *Os atos de linguagem no discurso*. Tradução de Fernando Afonso e Irene Dias. Niterói: EdUFF.

———. (2006) *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial.

KOIKE, D.A. (1992) *Language and social relationship in Brazilian Portuguese: the pragmatics of politeness*. Austin: University of Texas Press.

LAKOFF, R.T. (1973) The logic of politeness; or minding your ps and qs. *In Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*. Chicago. p. 292-305.

LEECH, G. (1983) *Principles of Pragmatics*. New York, Longman.

LARAIA, R. de B. (1986) *Cultura: Um conceito antropológico*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

LEECH, G. (1984) *Principles of Pragmatics*. N.Tork, Longman.

LEVINSON, S. (1983) *Pragmatics*. Cambridge, Cambridge Univ.

LIMA, R. (2003) *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

MARCONDES, D. (2005) *A Pragmática na Filosofia Contemporânea*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

MATEUS, M.H.M. *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa. Editora Caminho.

MEYER, R.M.B. (2002) “Cultura brasileira e língua portuguesa: do estereótipo à realidade” In CUNHA, M.J.; SANTOS, P. (orgs). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora da Unb.

———. Da polidez do inglês à cordialidade em português. Trabalho apresentado na mesa-redonda *Português para falantes de inglês: alguns aspectos interculturais*. Puerto Rico, 2000.

———. (2002) Do inglês ao português: questões de comportamento cultural lingüístico. Palestra apresentada no 5º Seminário Anual da SIPLE, Campinas.

NEVES, M.H. de M. (2000) *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Pontes.

NEVES, M.H. de M. (org.) (1999) *Gramática do Português Falado*, vol. 3. Campinas: Editora Unicamp.

OLIVEIRA, M.C.L. (1992) *Polidez, uma estratégia de dissimulação. Análise de cartas de pedido de empresas brasileiras*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC.

———. (1995) Manda quem pode. Ou quem não tem juízo. Um estudo de diretivos no discurso empresarial brasileiro. In HEYE, Jürgen. (org.) *Flores Verbais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ORTIZ, R. (1994) *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense.

PEREIRA, M.G e BASTOS, L.C. (2002) Afeto, poder e solidariedade em encontros de serviço em uma empresa brasileira. *Revista Palavra*, nº.8. Departamento de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Trarepa.

PERINI, M. (2002) *Modern Portuguese: a reference grammar*. Yale University Press.

SEARLE, J.R. (1969) *Speech Acts*. London, Cambridge Univ. Press.

———. Indirect Speech Acts. In: *Syntax and Semantics*, vol. 3, ed. Cole & Morgan. N.York, Academic Press, 1975.

———. (1989) How performatives works. In: *Linguistic and Philosophy*, 12.

SEYFERTH, G. (2002) O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre racismo. In OLIVEIRA, SILVA, PINTO e HADDAD (orgs.). *Racismo no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, ABONG.

———. (2005) Imigração, preconceitos e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos. *In* TRAVESSIA, Revista do Migrante. São Paulo, ano XVIII, 51: 5-15.

SILVA, G.F. (2003) Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação. *In* FLEURI, R. M. (org). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A.

SINGER, M.R. (2000) The role of culture and perception in communication. *In* WEAVER, G.R. (ed.). *Culture, communication and conflict – readings in intercultural relations*. Rev. 2<sup>nd</sup>. Ed. Boston: Pearson Publishing.

SLUGOSKI, B. and TURNBULL, W. (1988) Cruel to be kind and kind to be cruel: Sarcasm, banter and social relations. *Journal of Language and Social Psychology*, 7: 101-121.

TARALLO, F.A (2003) *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Editora Ática.

VAN DIJK, T.A. (1977) *Text and Context*, London, Longman.

———. (1981) *Studies in the Pragmatics of Discourse*. The Hague, Mouton.

WIERZBICKA, A. (1991) *Cross-Cultural pragmatic – the semantics of human interaction*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

———. (1985) Different Cultures, different languages, different speech acts. Polish vs. English. *Journal of Pragmatics*, 9. North Holland, p. 145-178.

## Anexo 1

### Exemplário

#### O pedido direto

#### O pedido direto ap

Exemplo 02

Flávio –... **Cadê minha cerveja Nanci (ap)?**

#### O pedido direto ap + mot

Exemplo 02

Marinete – **E ó, fecha essa boca de caçapa heim (ap), pra não agourar meu serviço aqui (mot).**

S– Poxa vida Marinete, uma coisa boa dessa e eu não posso contar pra ninguém.

#### O pedido indireto

#### O pedido indireto convencional ap

Exemplo 02

Solineuza – Puxa vida, **eu queria ver tanto o Fabio(ap).**

Marinete – Vem comigo, mas olha engole a língua heim!

#### O pedido indireto convencional: pp + ap + ju

Exemplo 02

Segurança – **Doutora desculpa incomodar a senhora (pp), mas eu queria aquele remedinho que a senhora ficou de dar daquela vez (ap). A senhora se lembra, eu não posso ficar sem meu equipamento (ju).** A senhora sabe como é que é?

## A ordem explícita

### A ordem explícita ap

Exemplo 02

Delegado – Calma! **Fala um de cada vez (ap)!**

Marinete – Eu to com um problema pra resolver...

(...)

D – **Bota todo mundo pra fora (ap)!** **Vai tomar um chá de cadeira (ap)!** Chá de cadeira!

### A ordem explícita ap + ju

Exemplo 02

Nanci – **Você não vai sair daqui enquanto não acabar o teu trabalho (ap)** porque o seu emprego é aqui viu (**ju**), e vai passar bem sem nenhum vinquinho.

### A ordem explícita ap + mot

Exemplo 02

Nanci – **Marinete, pelo amor de deus, para de cantar essa música (ap)!**

Marinete – Desculpa

N – essa música me deixa louca Marinete (**mot**).

### A ordem atenuada

#### A ordem atenuada ap + mot

Exemplo 02

Juliana – Ah sim, **eu queria que você não mexesse nas coisas dele, ta (ap)**. Eu sei Marinete que você não faria isso, mas é que o Osvaldo, ele odeia quando descobre que alguém mexeu nos seus objetos (**mot**).

Marinete – Tô entendendo, sei.

## Anexo 2

### Episódio 1: Sua Excelência o Ócio

#### Em casa

Marinete – (sonhando) Também te amo, te amo , te amo, pára só porque é artista tu acha que pode tudo é? Mas você pode, pode.

Dalila – Ah! Marinete tu ficou louca que é isso cara?

Marinete – O que que tu tá fazendo aqui?

Dalila – Tu não tá não tá lembrada? Eu vim fumar um cigarrinho escondida e tentei voltar pra casa e o Cavalão não me deixou entrar!

Marinete – Não tô lembrada fui cobrir o serviço de uma colega lá no banco de Realengo e cheguei mais de duas da manhã, cheguei os galos já tinha cantado e tinha ido dormir de novo.

Dalila – Marinete tu escutou o que eu tô te falando eu to achando que tu tá é com encosto hein!

Marinete – Encosto? Eu tô é com encoxo de sonhar a noite inteira com o Vladimir Brigida me encoxando!

Dalila – Tu não tá me ouvindo! Não tá me ouvindo né! Escuta o que eu tô te falando, escuta se tu quiser tu tá com uma coisa ruim aí dentro.

Marinete – Tem uma coisa ruim aqui dentro. Fome! Ontem eu jantei um pastel de vento e tive que fazer até pesquisa pra achar a carne lá dentro, tinha tanto vento que eu fiquei até com medo de pegar uma gripe.

Dalila – Abre teu olho hein! Tô te falando tu tá com encosto!

#### No Ônibus

Marinete – Dá licença! A senhora vai até o ponto final? Será que quando chegasse no Leme a senhora podia me chamar? É que eu sou nova no serviço e não quero me atrasar sabe! Leme! Obrigado.

(Passageira gritando)- Mãe, manhê tá me ouvindo?, vamos descer aqui! Vamos descer aqui hein!

Motorista – Marinete! já chegamo já tamo no ponto final!

Marinete – Obrigada senhora! Taquara? Gilibin sabe aquela senhora simpática que tava do meu lado?

Gibilin – Sei.

Marinete – Me faz um favor?

Gibilin - Faço claro.

Marinete - Quando você encontrar com ela dá um pau naquela velha! Eu vou matar! Taquara, Taquara Gilibin! eu pedi Leme eu vou matar aquela velha!

(na casa do patrão)

Marinete - Ah! Palhaçada da correntinha aí, depois eu toco a campainha reclama que tava dormindo.

Ângelo – Bom dia!

Marinete – Bom dia!

Ângelo- Você deve ser a diarista!

Marinete – Marinete, e o senhor?

Ângelo– Ângelo, mas pode me chamar de Dr. Ângelo. Eu sou o novo assessor parlamentar de sua excelência. Ei, ei, perai, perai, perai não precisa começar a lavar ainda não!



Marinete – desculpa, o senhor pode ser o novo assessor mas eu sou veterana de diarista, eu conheço meu eleitorado, seu Sinval acorda a primeira coisa que ele gosta de ver é a cozinha limpa.

Ângelo – Mas hoje não, sua excelência já está acordado e pediu pra você voltar as duas da tarde.

Marinete – As duas?

Ângelo – Ele tem uma reunião importante do partido e não quer nenhum tipo de interferência.

Marinete – Pra quê? Pra eu sair daqui depois de meia-noite? Porque eu sou muito caprichosa, entendeu, eu tenho que limpar a cozinha, eu tenho que descer com o lixo, eu tenho que subir com as cartas, eu tenho que deixar tudo separado lá embaixo o lixo, tenho que limpar as geladeiras, eu tenho que aspirar a casa toda, tenho que limpar as vidraças, tenho que lustrar os móveis, tenho que separar a roupa, tenho que passar, eu tenho que lavar, eu tenho que cozinhar, eu tenho que deixar uma sopinha *diet* pra ele entendeu, porque eu não fujo de serviço não colega.

Ângelo – Hoje a senhora só vai lavar a louça.

Marinete – Ah é! Então tá! duas eu volto. Mas peraí são oito e meia da manhã, o que ou fazê até as duas?

Ângelo – Isso não é problema meu, dedique-se ao ócio por exemplo.

Marinete – Dedicar a quem?

Ângelo – Ócio, ao ócio, a doce arte de não fazer nada ou só fazer coisas agradáveis tipo ir bater perna no shopping, ir a praia.

Marinete – Shopping, praia, terça feira eu tenho cara de madame colega?

Ângelo – vem cá, você não precisa tirar uma segunda via da carteira de trabalho não? Ou então ir a um posto de saúde bater uma chapa, não porque toda empregada que eu conheço adora bater uma chapa, minha filha qualquer coisa desde que você esteja aqui às duas horas em ponto.

Marinete – Chaaato, me dedicar a como é que é mermo? Ao tal do ócio, oito e quarenta da manhã aí cabo, vô fazê o que nesse meio tempo?

Marinete - (No celular)Alô, Solineuza! Adivinha onde é que eu tô? Tô no ócio. Não Solineuza eu não tô indo pro ócio eu já tô no ócio. O C I O. É, não sei eu acho que eu vou lá no pai Niltinho sabe, pra tomar uma benção, pra tomar uns passe dele, pra aproveitar e tirar esse encosto que eu tô. Ih! eu não te contei não, Dalila minha vizinha, todo dia quando eu chego em casa Solineuza ela vem com uma história e eu já fico achando que isso é papo furado dela sabe. Não Solineuza, eu já tô no ócio mas eu tô na praça, não dá pra conversar contigo não Solineuza porque tu é muito ignorante viu!

(Um homem com microfone e bíblia na mão) – Irmãos, é chegada a hora, que mundo é esse em que vivemos irmãos? Nós da ordem do quarto milênio temos as respostas, ouçam a voz do quarto milênio.

Marinete – Já não basta ouvir a tua voz e ainda tem que ouvir a voz do quarto milênio é?

Homem– Está chegando a hora, o apocalipse, o breu total, o mundo vai acabar.

Marinete – O mundo começou a acabar pela geladeira lá de casa.

Homem – Está chegando a nossa hora de nos livrarmos da energia do mal

Marinete – Eu também acho, vamos pedir pro governo distribuir sal grosso pra todo mundo.

Homem – Vozes do mal irmãos tentam tirar nossa concentração interrompendo com perfídias nossa reunião.

Marinete – Ah! Mas isso é uma reunião, tá muito desanimada, bota um sonzinho aqui nessa caixa ó.

Homem – Irmãos é a voz da besta!

Marinete – Olha aqui besta é a tua mãe!

Homem – a senhora tá me atrapalhando.

Marinete – atrapalhando é você que tá me atrapalhando, tu chegou aqui eu tava quieta no meu ócio, chegou aqui com esse negócio nessa caixa começou a berrar no meu ouvido o que que é?

Homem – Que que é isso minha senhora! Que que isso, é por causa de pecadores como a senhora que o mundo vai acabar sabia

Marinete – Vai, vai o mundo vai acabar mermo mas tu não vai ver não porque eu vou acabar contigo antes entendeu?

Homem – A senhora parece que tá com um encosto minha senhora.

Marinete – Tô, tô com encosto o meu encosto é tu! (Pega o microfone) Olha aqui gente! Vamo parar, pode parar a palhaçada aí acabou porque eu tava quieta aqui no meu ócio entendeu, vem um histérico do meu lado me perturbar a paciência, pode todo mundo dispersar.

Homem – Me dá isso aqui!

Marinete – Eu não acabei! quem quiser ficar quietinho curtindo o ócio pode ficar e tem outra coisa o mundo não vai acabar e se o mundo não vai acabar a gente tem que andar bem vestidinho, então pra quem não tem tempo de comprar as coisas eu tenho aqui umas roupinhas que eu to vendendo é baby look, é sainha, tem...

Homem – Me dá isso aqui minha senhora, POLICIA, POLÍCIA, por favor essa maluca aqui tá interrompendo aqui!!!

Marinete – Me larga! Me larga! Eu sou trabalhadora eu tenho carteira de trabalho! não ta assinada mas eu tenho, me larga, me larga! Eu sou honesta! me larga!

Deu sorte, deu sorte, me agrediu seu delegado! Me agrediu a praça inteira viu.

Delegado - Calma! Assim fica difícil de entender.

Marinete – É tudo mentira dele viu seu delegado, eu tava na praça aproveitando o meu ócio, ele chegou começou a ligar os parangolé começou a berrar que o mundo ia acabar e todo mundo vendo, se eu fosse o delegado eu botava ele em cana!

Homem – Não é verdade.

Delegado – mas como a senhora não é o delegado

Homem – Olha doutor. querer salvar o mundo não é motivo pra ser agredido por uma neurótica.

Marinete – E desde quando salvar o mundo é alguma coisa? Vai trabalhar vagabundo! Quem é você achando que vai salvar o mundo?

Delegado – Calma! Fala um de cada vez!

Marinete – Eu tô com um problema pra resolver lá no pai Niltinho sabe por quê? A Dalila a minha vizinha toda vez que eu chego em casa...

Homem – Além de desequilibrada é macumbeira doutor.

Marinete – Macumbeira é a tua mãe! Eu sou eclética, eu sou eclética, ele é um ignorante seu delegado, é um ignorante.

Delegado – Bota todo mundo pra fora! Vai tomar um chá de cadeira! Chá de cadeira!

Marinete – Isso não vai ficar assim não, eu tenho meus contatos. Alô, eu podia falar com o Deputado Sinval por favor? Quem tá falando? O assessor dele, que assessor? Ah eu sei o narigudinho mais antipático.

Ângelo – Ai meu Santo Antônio.

Marinete - Não colega, olha só, eu já fiz a campanha dele e tudo , distribui santinho, votei nele, fiz até minha colega Solineuza votar nele também, é rapidinho eu queria falar com ele.

Ângelo – É totalmente impossível.

Marinete – É que eu tava precisando de um advogado.

Ângelo – Sua excelência tá no meio de uma reunião.

Sinval - Ângelo o que que houve heim Ângelo?

Ângelo – Ah é uma enjoada, diz que fez sua campanha e tá precisando de um advogado, tá precisando de ajuda.

Sinval – Ah! Meu anjo no Brasil todo mundo precisa de um advogado, ela não é exceção não tá, faz o seguinte diz pra ela que eu tô em Brasília, Brasília não, diz que eu tô em Singapura e só volto no final do ano que vem. No final do ano que vem!

Ângelo – Alô, minha filha a sua excelência...

Marinete Diz pra sua excelência que é pra quando voltar de Singapura pra ir pra...

Ah! Desgraçado!

Da próxima vez eu vou votar direto na prostituta, perdi tempo votando no filho dela.

(Horas depois)

Delegado – Acalmaram? Muito bem agora sumam da minha frente, a senhora quando se sentir incomodada mude de lugar e o senhor procure não incomodar.

Marinete Ai que bom viu seu delegado porque eu ainda tenho que pegar a senha lá com o pai Niltinho porque a Dalila toda vez...

Delegado – Fora daqui, fora!!

Na casa do Deputado

Marinete Aí só pode ser sacanagem!

Ângelo – A senhora tem noção de que horas são?

Marinete – Duas e pouco mais ou meno, mas é que eu tive assim um perrenguezinho.

Ângelo – Desculpe eu desconheço esse vocabulário.

Marinete Ah é! Tu conhece é mamata, propina né, agora dá licença que eu preciso fazer o meu serviço.

Ângelo – eu acho que o deputado não precisa mais dos seus serviços.

Marinete - Que é isso! Tu agora é a patroa da casa é? Olha aqui tu é empregado que nem eu a diferença é que eu lavo os prato e tu lava o dinheiro, dá licença.

Ângelo – A senhora ta dispensada.

Marinete - Que é isso, agora é assim é, na hora da eleição eu tive que votar nele, até convenci Solineuza minha colega de votar nele fiz até aquele filmezinho pra campanha tu lembra? Sinval o seu representante ideal. Agora é assim, agora chega e me dispensa.

Ângelo – Olha minha filha eu acho que a gente não tem nada pra conversar não.

Marinete – Olha aqui tu toma cuidado comigo abre o teu olho! Sabe quem é o meu primo?

Ângelo – Hã!

Marinete – É o segundo secretário da Banda da Sá Ferreira, e quem come salsichão sabe o chucrute que tem!

(Na rua)

Mas eu não tô com encosto não, eu tô com um encostão, e esse telefone desse pai de santo que só dá ocupado, só pode ser um sina. Ai bosta!

Marinete - ô porca, porca!! Ei, ei!!

Mulher - O amor to sem trocado!

Marinete - Que trocado maluca?

Mulher - Então ta faz aquele númerozinho de malabarismo com a bolinha de tênis que eu te dou 1 real mas rapidinho que eu to com pressa.

Marinete - Que malabarismo eu não sou pedinte não. Eu sou trabalhadora.

Mulher - É sempre a mesma história, ô povo sem imaginação.

Marinete - Teu cachorro fez cocô no meu pé.

Mulher - Quem?

Marinete - Teu cachorro.

Mulher - William? William você fez cocô no pé dela, feio, feio, feio, quer ficar dodói? Vou te botar no chão heim, feio, feio feio.

Marinete - Olha ele não fez coco no meu pé não, ele fez cocô na rua e eu pisei, mas a culpa é tua que não limpa a sujeira dele.

Mulher - Já limpou o pezinho? Então nós vamos embora porque nós temos muito o que fazer.

Marinete - ô sua sem educação tu não vai nem me pedir desculpa não? Vai deixar esse cachorro por ai fazendo cocô em tudo quanto é calçada pros outros pisar é?

Mulher - Cachorro não. William.

Marinete - Que mané William isso é um porco.

Mulher - Porco não ele é um maltêz legitimo.

(Chuta o cachorro as duas se atacam e vão pra delegacia)

Mulher - Eu nunca pisei numa delegacia.

Marinete - Ah é normalmente tu vem carregada né.

Mulher - Abusada!

Marinete - Mal educada!

Mulher - Povão!

Marinete - Porca!

Mulher - Pobre!

Delegado - Esse vira lata.

Mulher - Como assim vira lata não, William, William o que o senhor ta fazendo é abuso de poder eu vou ligar pro meu advogado.

Delegado - Esse vira lata fez cocô na delegacia inteira.

Marinete - Ele devia ser preso é por causa do cocô desse vira lata que eu to aqui.

Mulher - Cocô não cacá, o William não faz cocô faz cacá.

Delegado - A senhora ponha-se daqui pra fora agora ou então eu vou mostrar o que é um abuso de autoridade, e a senhora também e dessa vez não volte mais.

Marinete - Muito obrigada seu delegado eu vou aproveitar até o meu ócio e vou até, lembra que eu falei do pai Niltinho...

(No cemitério)

Marinete - Agora sim, cercada de ócio por todos os lados.

(Uma barata entra na calça dela que começa a se esfregar numa estátua e todos do enterro ficam olhando)

Homem - É a besta!

Marinete - Besta é tu!

(Todos saem correndo atrás dela e delegacia de novo com o homem da praça.)

No telefone

Marinete - Solineuza, se alguém te mandar viver o tal do ócio tu foge é pior do que encosto se puder escolher escolhe o imposto. Qual é a graça de ficar olhando

as coisas que tu não pode comprar, olha isso é bem coisa de rico mermo. Quer saber, chega de ócio!

A(travessa a rua e é atropelada)

Vladimir – Desculpa, você ta bem?

Marinete – tô bem Vladimir Brígida e você tá bem?

Vladimir – Eu tô bem, tô.

Marinete – Vladimir Brígida, o da novela?

Vladimir – Britcha.

Marinete – Ai meu deus eu sou sua fã, aí eu não acredito você é muito mais bonito pessoalmente, olha eu sonhei com você, eu to até com vergonha de te contar isso, eu sonhei com você tem dois dias, porque eu tenho uma foto tua do lado da minha cama, eu tenho uma foto, aquela que tu ta com o peito assim de fora sabe aquela camiseta florida que tu tem, então eu tenho essa foto e eu também sonhei que tu tava nas novela toda ao mermo tempo comigo, sabe comigo, então você indo lá com o peitão de fora, de índio quando você tava loiro, tava lindo loiro.

Vladimir – de índio não esse...

Marinete – De adeogado com aquele ternão assim com aquela pasta, e com o camelão, em cima do camelo naquele deserto como você tava bonito, nossa!

Vladimir – Não esse também não fui eu não, você me desculpa ta, você me desculpa eu tava distraído tá.

Marinete – Desculpo, desculpo, tudo bem acontece, distração acontece.

Vladimir – Eu tava distraído tá.

Marinete – O Vlad, Vlad posso te chamar de Vlad?

Vladimir – Pode claro.

Marinete – O Vlad tu tá no ócio heim Vlad tu sumiu das novela, tu ta no ócio.

Vladimir – Não, na verdade...

Marinete – Quando tu voltar lá pras novela e precisar de alguém pra te ajudar em casa eu sou diarista viu, prazer Marinete eu sou diarista, eu vou deixar meu telefone com você porque se você precisar você só me liga que eu te atendo, é só você me ligar aqui nesse número e eu atendo e vou lá, lavo, passo, cozinho, faço tudo, só um minutinho.

Vladimir – Porque?

Marinete – Só pra anotar o número aqui, é porque eu não tenho onde apoiar e porque eu não quero tirar o olho de você, eu quero ficar mais perto de você, dá licença.

Vladimir – Cuidado pra não me machucar tá.

Marinete – Não machuca imagina você é o fortão das novelas.

Vladimir – Isso é novela é trabalho é diferente.

Marinete – Vou botar aqui o meu nome e o meu número qualquer coisa você me chama.

Vladimir – Se eu precisar eu vou ligar.

Marinete – Me liga, olha aqui eu to sempre com isso, eu que atendo, se você ligar eu mermo que atendo, eu também vendo umas roupinhas umas coisa assim baby lupi...

Vladimir – Se eu precisar eu vou ligar você não se preocupar não ta, e mais uma vez foi sem querer eu tava distraído não queria lhe machucar você me dá licença.

Marinete – Ô Vlad! Me dá um abraço.

Vladimir – Um abraço. Pode vir, Opa, olha só ta vendo, bom muito bom, pronto obrigado. Marinete.

Marinete – Guardou meu nome!

Vladimir – Isso ele ta anotado. Olha é o meu telefone eu preciso atender. Alguém!!!

(Na delegacia)

Marinete – Dá licença, será que eu posso dar uma palavrinha com o senhor seu delegado?

Delegado – Se eu disser que não isso vai mudar alguma coisa? Fala logo antes que eu tenha um infarto.

Marinete – É que eu fui atropelada.

Delegado – A senhora, atropelada.

Marinete – Hum hum, pelo Vladimir Brígida.

Delegado – Pelo Vladimir Britcha.

Marinete – Hum hum o ator das novela.

Delegado – E a senhora ta querendo prestar uma queixa?

Marinete – Não, não, não é que eu tava louca pra contar pra alguém, foi assim, desculpa eu vim aqui mas é porque eu achei que eu vim tanto e a gente garrou um coleguismo não garrou? É que eu vendo minhas mercadoria ta até aqui e eu tava com as minha bolsa e ele não me viu ele veio com o carro e eu também não vi ele então ele me pegou com o carro e não machucou nada, não machucou nada e eu tinha sonhado, o senhor acredita que eu tinha sonhado...

(Em casa.)

Marinete – Que que é heim criatura?

Dalila – Tava louca pra fumar um cigarrinho.

Marinete – Fica o dia inteiro com o olho no buraco da fechadura pra ver que hora que eu chego é ?

Dalila – Ué eu sinto a tua presença, precisava mesmo falar com você.

Marinete - Não, mas hoje não colega, hoje não que eu to precisando de um pouco de ócio tá.

Dalila – Ócio eu não tenho mas eu tenho uns contato que pode arrumar pra você.

Marinete – O quê?

Dalila – Fiquei preocupada com o jeito que você saiu ontem pra trabalhar e abri teu jogo. Tua lua ta em aquário. Tu sabe o que isso significa.

Marinete – Que a minha lua ta em aquário.

Dalila – Não que você tem que olhar por onde anda.

Marinete – No meu caso por onde eu piso.

Dalila – Se você precisar de ajuda quem precisar te ajudar vai te deixar na mão.

Marinete – Brigada, brigada pelas previsões quando você tiver as de ontem vem aqui e me avisa ta colega, agora não.

Dalila – Peraí eu to na metade do cigarro.

Marinete – E eu to na metade do meu sono né Dalila tchau.

Dalila – Tu pode encontrar o homem dos teus sonhos.

Marinete – Hum Hum

Dalila – O que que tu quer saber?

Marinete – se o homem dos meus sonhos vai contratar os meus serviços.

FIM

## **Episódio 2: Quem vai ficar com Marinete?**

No ônibus

Marinete – ô Di Caprio! Segura aí pra mim.

Cobrador – Ta seguro.

Marinete – dá Licença, desculpa, dá licença aí. E aí tudo bom? Que sorte heim! Na próxima encarnação eu quero voltar no setor praia

Cobrador – Ah! Tu fala assim mas tu não trabalha o tempo todo Marinete, tem gente que só vive parado, tem gente que queria ser que nem você. Inteligente.

Marinete – Inteligente, olha a suposição, por exemplo, tu tá indo pra praia né?

Mulher – To.

Marinete – Eu to indo pro serviço, quem aqui é inteligente?

Mulher – Eu só to indo pra praia porque não consigo passar em uma entrevista de emprego.

Marinete – Ah porque não deve saber responder as perguntas né, desculpa tá na tua lata, mas não deve saber, se eles perguntam duas qualidade e dois defeito, as qualidade não serve pra nada e os defeito é pra tu saber porque que o patrão vai te odiar pro resto da vida. Suas qualidades, por exemplo?

Cobrador – Bonita e gostosa.

Marinete – Seus defeitos?

Mulher – Ah perfeccionista e...

Marinete - E cara de pau, porque perfeccionista não é defeito não colega eu vou te dizer uma coisa, tem que arrumar defeito de verdade, por exemplo tem que chegar lá e falar eu tenho defeito, eu sou desastrada, eu sou preguiçosa, tenho o cabelo liso...

Cobrador – Quer morar comigo amor. A pior coisa do mundo é ter patrão.

Marinete – Pior do que ter um patrão é ter vários, eu já tive vários, o patrão Barrichello por exemplo tu fica esperando o dinheiro o dinheiro não sai, o patrão banheiro quer receber e tá sempre ocupado e o patrão tipo boi, geralmente é gordão assim e tu pede um aumento e o cara faz Mummm.

Cobrador – E qual é o tipo hoje Marinete?

Marinete - Hoje é a Nanci, patroa tipo setenta, setenta um aumento e não sai. Ô

Mulher pentelha. Tu fica na praia quanto tempo?

Mulher – Uma média de meio dia.

Marinete – Meio dia, e eu que sou inteligente, e tu ficou quando tempo?

Cobrador – hahahahaha

Marinete - quer ficar assim negona né.

Na casa da patroa

Nanci – Marinete!!!

Marinete - ô dona Nanci aconteceu alguma coisa?

Nanci – Marinete o rodapé tá imundo você não tá vendo não, eu não pedi pra você limpar cada cantinho desse rodapé com palitinho e algodão?

Marinete - Pediu,.

Nanci – Então?

Marinete – Olha aqui eu fiz mas sabe o que acontece a senhora vai ter que me pagar duas diárias porque se eu começar a limpar isso com palitinho e algodão eu só vou sair daqui amanhã né.

Nanci – Você é muito engraçadinha né Marinete?

Marinete – dona Nanci que bom que a senhora me chamou...

Nanci – Não, não

Marinete – Perai Dona Nanci é uma coisa importante.

Nanci – Não, não sei o que é mas já disse não, meu deus do céu será que você não sabe trabalhar em silêncio ô gente pra conversar! Escuta você já limpou as vidraças?

Marinete – Limpei.

Nanci – Mas elas continuam imundas.

Marinete – Era isso que eu queria falar com a senhora...

Nanci – Não, não e não, já não basta você me enrolar no serviço e ainda vive me pedindo coisas, meu deus faça me o favor Marinete.

Marinete – É eu só ia pedir uma peruca e um nariz vermelho, porque coração de patroa é igual a circo sempre tem um lugar pra uma palhaça.

Toca a campainha.

Marinete – Já to indo. A doméstica já tá indo. Oi Bruna! agora que a casa vira pagode de verdade.

Bruna – Oi Marinete essa daqui é a Suzana a mulher do meu pai.

Marinete – Parabéns

Suzana – Então tá né meu amor, tchau minha princesinha eu vou ficar morrendo de saudade de você meu doce!

Marinete – Dona Nanci essa daqui é a dona Suzana mulher do seu Fulvio que era o seu marido e agora é ex e ela a atual.

Nanci – Bruna já chega vá tomar seu banho.

Bruna – Eu não, mãe banho é coisa primitiva os europeus não tomam banho.

Suzana – E aí tudo bem?

Nanci – Tudo ótimo, não podia estar melhor!

Marinete – Ah não podia mesmo ceuzão, praião solzão, e eu aqui só no limpezão.

Nanci – A Bruna se comportou bem?

Suzana – Imagina a sua filha é um doce de criança né Bruninha. Sabia que eu e o Fulvio a gente tá pensando em dar um irmãozinho pra Bruna?

Nanci – Ah mas a Bruna vai adorar, eu só espero que agora o Fulvio tenha mudado um pouco e ajude alguma coisa porque quando a Bruna nasceu ele saía de casa as sete da manhã e só voltava as sete.

Suzana – Da noite?

Marinete – da manhã do dia seguinte, tomava um banho e saía de novo, desculpe.

Suzana – mas o Fulvio mudou muito sabia?

Nanci – Ah ele parou de beber?

Suzana – Não, mas ele...

Nanci – Então ele não mudou nada. A Bruna comeu alguma coisa?

Suzana - Uma pizza gigante e um ovo de páscoa né Bruninha?

Bruna – Na geladeira da casa do meu pai só tem cerveja e pilha Marinete.

Marinete – Isso é porque tu ainda não provou aqui do empadão da Marinete, empadão de galinha, diz que as franga sai no tapa pra virar empadão sabia?

Nanci – É a Marinete cozinha muito bem mesmo, com a minha supervisão claro.

Suzana – Marinete você não tem uma irmãzinha querendo trabalhar não?

Marinete – Não senhora, a forma que me fez quebrou.

Suzana – eu não dou sorte com empregada eu to desesperada eu não agüento mais cozinhar, lavar e passar.

Marinete – Eu também não agüento não, cozinhar, lavar e passar, ainda bem que me pagam porque se fosse de graça eu já tinha ficado louca.

Nanci – ô Marinete vai acabar seu serviço lá dentro por favor.

Suzana – Você tem sorte de ter a Marinete sabia?

Nanci – É ela é ótima mesmo mas é um pouco folgada, hoje em dia a gente tem que ficar de olho viu porque esses empregados são um perigo, são folgados e espaçosos sabe.

Suzana – Ah mas ela parece tão inofensiva. É limpinha né

Bruna – quer ajuda Marinete ?



Marinete – Vai aí Bruna.

Bruna – Minha mãe é super exigente, ninguém percebe uma sujeirinha no rodapé mas ela percebe.

Marinete – Mas todo mundo percebe sujeira em criança, tu tomou banho ontem?

Bruna – Não.

Marinete – e anteontem?

Bruna – também não.

Marinete – E vai tomar algum dia?

Bruna – Talvez não.

Marinete – talvez é melhor do que só não né, tua mãe só fala não. Abre teu olho heim Bruna tua barra vai ficar suja heim.

Bruna – Mas eu não vou tomar banho nem por reza.

Suzana – A Bruninha tem personalidade como o Fulvio.

Nanci – Vai tomar banho criatura!!

Suzana – É comigo?

Nanci – Não, é com a Bruna, Suzana com licença mas é que eu vou ter que enfiar essa personalidadezinha embaixo do chuveiro. Vem cá Bruna vem tomar banho!

Bruno – Que saco mãe eu não quero tomar banho.

Suzana – Marinete você me arruma um copinho d'água eu to morrendo de sede?

Marinete – A senhora quer gelada ou misturada? É só isso? Água não engorda não heim?

Suzana - Sabe o que que é Marinete, a sede só um pretexto pra ficar sozinha com você.

Marinete – Como assim?

Suzana - Sabe o que que é? Você não quer trabalhar lá em casa? Meu amor você não precisa ficar com medo, sabe eu não sou assim chata e exigente como a

Nanci - não.

Marinete – Não mas é que eu.

Suzana – Olha meu amor o apartamento é aqui no prédio mesmo.

Marinete – Eu sei mas é que o único dia livre que eu tinha era esse que a dona Nanci pegou porque eu to com a lotação esgotada.

Suzana – Ah mas é exatamente esse dia que eu quero meu doce. Lindinha! Eu pago o dobro!

Em casa

Marinete – Tu acha que eu aceito a oferta da mulher?

Solineuza – Tem que ter muito peito, sei lá pensa bem.

Marinete – Eu já pensei mas preciso pensar as vezes com outra cabeça. O que que tu tem dentro dessa cabeça heim Solineuza é excesso de creme de alisamento é?

Solineuza – Tu quer uma opinião sincera? Tu não tem que aceitar.

Marinete – Me dá um motivo.

Solineuza – Ai eu tenho que pensar mais um pouco.

Marinete – Então eu vou te dar um. As duas moram no mesmo prédio onde a filha de uma é enteada da outra. Ta bom pra ti?

Solineuza – Então fica com a jararaca.

Marinete – Mas a dona Nanci é a patroa mais rabugenta que eu já tive.

Solineuza – É melhor você ficar com uma patroa rabugenta conhecida do que uma boazinha que você não conhece, tu vai trocar seis por meia dúzia heim.

Marinete – a minha sacola de encrenca já tá cheia né.

Solineuza – Tu tem que agradecer aos céus que tu tem emprego na casa de uma mulher chata mas que paga, tu podia tá na rua.

Marinete – eu podia era tá na praia. Aqui ó é o meu número esse rosa.

Nanci – Marinete, socorro! Socorro!

Solineuza – Essa mulher deve tá com algum problema via lá logo.

Marinete – Ela devia era tá na ópera, ô mulher gritalhona viu.

Nanci – Depressa Marinete! É uma barata enorme!

Marinete – Fala sério Solineuza eu tenho cara de inseticida tenho? Eu sou diarista eu não sou paga pra ficar matando barata não!

Solineuza – É melhor tu ir, vai logo!

Marinete – guarda isso tudo aí se não a jararaca me pega no shopping.

Nanci – Ai socorro Marinete! A barata tá subindo na minha pernaaa!

Marinete – a coitadinha da barata. To indo dona Nanci, to indo!

#### No tanque

Marinete – (começa a cantar)

Nanci – Marinete pelo amor de deus para de cantar essa música!

Marinete – Desculpa

Nanci – essa musica me deixa louca Marinete.

Marinete – ô Dona Nanci.

Nanci – Não

Marinete – Dona Nanci mas eu só queria...

Nanci – Não, eu sei você vai me pedir um monte de coisa que eu já disse que não, principalmente cantar essa musiquinha horrorosa, essa música me deixa louca!

Marinete – Ta louca? Então tira as calças pela cabeça!

Nanci – Que é isso Marinete isso é jeito de falar comigo?

Marinete – Não senhora tá errado eu devia gritar mais alto como a senhora fala comigo e com todo mundo.

Nanci – ô Marinete você tá indo longe demais.

Marinete – Não longe é o lugar que eu ia mandar a senhora mas como eu sou muito educada eu não vou dizer onde é que é.

Nanci – Escuta aqui Marinete ou você retira tudo o que você disse ou eu não vou te dar outra chance de você pedir desculpas. O que é que você me diz?

Marinete – Eu digo? Que eu to de saco cheio da senhora. (começa a cantar)

Na casa da Suzana

Marinete – Aquele negócio de pagar o dobro ainda tá de pé?

Suzana – Querida aqui é como se você estivesse na sua casa.

Marinete – então não vai prestar dona Suzana porque eu quando eu to em casa eu não trabalho.

Suzana – Meu amor você não vai se arrepender de ter me escolhido como patroa no lugar da Nanci.

Marinete – Não não é isso não, eu só to tentando salvar o meu dia de trabalho. O que que tem que fazer?

Suzana – Tudo.

Marinete – Sabia.

Suzana – Mas olha você começa do jeito que você quiser, por onde você quiser, eu só quero que você não se estresse tá bom querida, e se não der pra fazer tudo hoje não tem problema fica pra próxima. Se quiser ligar pra namorado ou pras amiguinhas o telefone tá liberado.

Marinete – Olha lá heim, não cutuca onça com telefone sem fio não dona Suzana. E a comida?

Suzana – Ah você pode comer à vontade, só que você vai ter que fazer porque eu não cozinho nem ovo.

Marinete – Ah já sei a senhora é patroa tipo peixe, a gente abre a geladeira e nada.

Suzana – Ai você não sabe como é que eu to feliz, finalmente depois de muitos anos eu vou voltar a minha vida normal, a trabalhar, sair de noite e o melhor de tudo, não vou mais lavar as cuecas do Fulvio.

Fulvio (bêbado) – Tão falando de mim! Cadê minha cerveja Nanci?

Suzana – Suzana, meu nome é Suzana! Essa é a Marinete a nossa nova diarista.

Marinete – Tudo bem seu Fulvio?

Fulvio – Eu?

Suzana – Ah com ele tá tudo sempre bem né Marinete, casa arrumada, comida, cueca lavada.

Fulvio – Cervejinha gelada.

Suzana – Francamente Fulvio!

Fulvio – calma, calma, calma, eu só quero tomar uma cerveja amorção só.

Suzana – Suzana, meu nome é Suzana.

Fulvio – Suzana é Suzana, mas você não é a melhor amiga da Nanci?

Suzana – Porque você não sai daqui antes que eu te jogue na máquina de lavar? Isso é um traste, é um traste!

Marinete – desculpa eu me meter na sua vida mas porque você não se livra desse homi dona Suzana?

Suzana – Hum e dar o gostinho de vitória pra Nanci? Nem morta! Eu já te contei como eu roubei o Fulvio da Nanci?

Marinete – Não mas eu nem quero saber.

Suzana – Não querida eu vou te contar!

Na casa da Nanci

Nanci – Eu não devia ter brigado com a Marinete viu, agora ela foi embora e eu aqui. Ô filha me ajuda filha!

Bruna – Não posso não.

Nanci – Porque?

Bruna – Por causa do artigo 60 do estatuto da criança e do adolescente. Mãe é proibido qualquer tipo de trabalho a menores de 16 anos de idade salvo na condição de aprendiz só a partir dos 14 anos, mãe eu ainda só tenho 10, não posso não, sinto muito mas eu não posso ajudar tá.

Nanci – Ai que ódio da minha língua quilométrica. Marinete! Marinete não adianta se esconder não que eu to te vendo aí, Marinete o que você tá fazendo aí? Marineteee!!

Marinete – Não sou eu não, é a Marineusa a irmã dela.

Nanci – Marinete sai daí!

Marinete – Eu não to podendo falar agora porque tá tendo muita interferência depois a gente se fala colega!

É claro que eu tenho certeza que a mulher me viu Solineuza, eu sei que isso ia acontecer algum dia mas aconteceu rápido demais, e agora o que que eu faço? Ai meu pai!

Suzana – Quem era?

Marinete – Meu pai. De santo.

Suzana – A que ótimo. Marinelza meu amor você por favor...

Marinete – É Nete Marinete.

Suzana – Ah desculpa! Marinete meu amor você vai lá na feirinha comprar umas frutinhas pra mim aqui tá a listinha o dinheirinho, olha se a melancia não der dentro do carrinho você trás num saco, você sabe onde é que tem um saco?

Marinete – Até sei sim senhora.

Nanci – Achei!

Bruna – Pra que esse saco mãe?

Nanci – Dessa vez ela foi longe demais.

Bruna – ela quem?

Nanci – Ta certo que ela me roubou o marido agora me roubar a empregada isso eu não vou admitir.

Bruna – A Suzana! Ela roubou a Marinete também? Que abuso! O que que a senhora pensa em fazer?

Nanci – Roubar a Marinete de volta claro!

Bruna – essa eu pago pra ver!

Nanci – quieta aí, quieta aí naninca não se mexe, não reage que eu to armada.

Marinete – Me solta, me solta, você tá me machucando, me solta, onde é que eu to?

Nanci – você tá no seu trabalho sua traidorzinha insolente, pode tirar o capuz.

Marinete – Dona Nanci.

Nanci – Você não vai sair daqui enquanto não acabar o tu trabalho porque o seu emprego é aqui viu, e vai passar bem sem nenhum vinquinho.

Marinete – Na perai mas foi a senhora que me dispensou a senhora esqueceu disso, ô dona Nanci eu to falando com a senhora, ô dona Nanci o que que é isso é um seqüestro é?

Nanci – Entenda como quiser!

Marinete – Ai meu deus louca, será que eu sou a única pobre seqüestrada no Brasil? Alô portaria, fio cortado, meu celular.

Bruna – é o da Marinete, você não vai atender não mãe?

Nanci – Deixa tocar, a partir de agora ela vai trabalhar sem celular.

Bruna – você é quem manda.

Marinete – dona Suzana, dona Suzana, socorro aparece aí na área.

Mulher – Cala a boca, usa o interfone que saco!

Marinete – você acha que eu to gritando porque eu quero é colega, eu fui seqüestrada to presa aqui a mais de 10 minutos.

Mulher – Tu tá no lucro colega e eu que to aqui há 10 anos e a mulher não deixa nem eu ir na rua.

Marinete – ô dona Suzana! Ô meu deus do céu prédio barulhento heim. Dona Suzana!

Suzana – Gente onde se meteu aquela maluca com as minhas frutas? Ô Fulvio ei eu estou falando com você ou tem mais alguém aqui nessa sala?

Fulvio – Amorzinho eu me propus a comprar mas você não quis.

Suzana – E eu sou lá mulher de confiar em você pra comprar fruta, fruta com você dá o que? Tonel de caipirinha, por falar nisso aonde se meteu aquela caipira? Vem cá onde você vai heim?

Fulvio – aonde que eu vou, aonde você vai, aonde você vai, eu to com sede vou tomar uma água, amorzinho eu posso ficar com um poquinho de sede, um poquinho.

Marinete – Bruna, ô Bruninha tu tá aí?

Bruna – O que que você quer Marinete, minha mãe tá lá no quarto.

Marinete – Não eu quero falar contigo mermo abre a porta aí pra mim Bruna a gente é amiga. Quem é que faz o pudim de leite que tu gosta?

Bruna – Teu pudim me enjoa.

Marinete – quem é que faz a tua limonadinha no capricho?

Bruna – Tua limonada é azeda.

Marinete – quem é que faz o bifinho com batata frita pra você heim?

Bruna – Seu bife é ruim.

Marinete – Azeda não é minha limonada não, é você o mal criada.

Nanci – Que conversa é essa aqui heim Bruna? Bruna vai já pro seu quarto!

Bruna – Não vou.

Nanci – Vai!!

Marinete – o meu bife é ruim porque a tua mãe é unha de fome e só compra carne de segunda tá legal, reclama com ela Bruna.

Nanci – Olha olha aqui, por causa dessa gracinha agora você vai ficar a pão e água ouviu desafortada. Volta pro seu trabalho!

Marinete - Eu preciso sair dessa senzala!

Seu Fulvio, seu Fulvio, seu Fulvio aqui seu Fulvio ó. Ai meu deus olha lá e pensar que tem duas mulher brigando por causa de um pinguço desse. Seu Fulvio! Mas não vai ouvir, peraí que eu vou mandar um bilhete, eu vou escrever um bilhete, socorro fui seqüestrada Dona Nanci me salve, salve com u não, eu sei que é com L mas estou nervosa.

(Joga o bilhete e o seu Fulvio desmaia)

Marinete - Ai minha nossa senhora da vidraça. Vou ter que me esconder.

Suzana – Mas o que que tá acontecendo aqui? Sabia que só podia ser o beberão mesmo, ai meu deus do céu que eu não to agüentando mais. Fala alguma coisa infeliz! Levanta daí seu esponja, aí meu deus e a Marinete que não chega.

Marinete – Dona Suzana, dona Suzana sou eu.

Suzana – Marinete o que você tá fazendo ai.

Marinete - Foi a pomba-gira que me seqüestrou e me trouxe pra cá. Eu escrevi um bilhete pra senhora fui jogar ai que eu botei na batata e o pinguço caiu porque ele tinha bebido porque eu vi ele mamando.

Suzana – Eu não to entendendo nada.

Marinete – Eu falei pra senhora que a pomba-gira. Eu não queria vim pra cá ela me pegou eu escrevi um bilhete pra senhora.... eu quero sair daqui.

Suzana – O quê? Aquela truqueira seqüestrou a minha empregada. Peraí Marinete que eu vou resolver.

Marinete – Agora a giripoca vai piar.

Nanci – Marinete! Marinete que balbúrdia é essa aí heim?

Marinete – Não é nada não dona Nanci. Eu to aqui na minha senzala então na senzala eu faço o que eu quiser eu só to aqui cantando.

Nanci – Ah não! Pode parar Marinete. Marinete pára, essa música insuportável não, trabalho não é piquenique. Chega! Chega Marinete! Aaiiii para com isso, chega! Aaiiii pára você vai me deixar louca.

Marinete – Alô Dona Nanci a campainha está tocando gostaria de auxílio? Dona Nanci quer ajuda?

Nanci – você?

Suzana - porque tava esperando quem meu amor a polícia?

Nanci – qual é a tua heim Suzana?

Suzana – A minha, e você, vem cá ô Nanci você vai continuar escondendo o jogo vai?

Nanci - Escondendo o jogo o quê eu não sou mulher de duas caras não.

Suzana – Acredito porque se tivesse duas não ia usar justamente essa.

Nanci – Escuta aqui sua perua indigesta, você merece sabe o que, você merece um tapa na sua testa!

Bruna – Marinete, Marinete as duas vão se matar o que que eu faço ajuda Marinete.

Marinete – eu preciso salvar a minha pele psiu.

Nanci - (do seu passado) você gosta de uma vida fácil!

Suzana – Antes fácil do que fósfil como você, bananeira que já deu cacho. Olha aqui Nanci você não tinha o direito de roubar a minha empregada.

Nanci – Sua empregada desde quando, ela é minha empregada.

Suzana – você está mantendo ela em cárcere privado e o pior é trabalho escravo, Nanci minha querida isso dá cadeia.

Nanci – escuta aqui a Marinete... Marinete o que você tá fazendo aí?

Marinete – ô Dona Nanci, dona Suzana, desculpa ai eu me meter aí na briga de vocês duas mas é que pra mim já deu, eu prefiro faxinar um hospício do que ficar no meio desse fogo cruzado de vocês duas tá, é muita brabeira pra minha personalidade.

Bruna – Pra minha também.

Suzana – Péra lá, péra lá, e o nosso combinado heim e as vantagens todas que eu te ofereci?

Nanci – Vantagens, que vantagens, escuta aqui você vai estragar a minha empregada.

Bruna – vai estragar.

Marinete – Não nada haver, é melhor do que ficar limpando rodapé com cotonete, ficar matando barata por causa do medinho dos outros, ficar pendurada na janela né.

Bruna – pensando por esse lado tá tudo bem.

Marinete – Sem falar no preço da diária, depois eu te falo.

Nanci – Pois eu ofereço isso e muito mais.

Suzana – pois eu dobro a parada.

Marinete – opa a negociação tá começando a ficar quente .

Bruna – Já até vi quando eu crescer quero ser diarista, já até vejo no meu futuro duas patroas brigando por mim.

Marinete – Continuando... nada de filé só pra patroa e capa de file pra diarista, ou come todo mundo ou não come ninguém, quem faz o meu prato sou eu ok? Outra coisa, nada de me usar pra se livrar de velharia arregaçada, quer me dar um presente? Ou me dá uma coisa nova ou uma coisa que funciona ok? Outra coisa, pagamento só em dinheiro vivo e saltitante, não aceitamos cheque, cartão de crédito e muito menos promessa ok?

Suzana – Eu topo!

Nanci – Por mim tá fechado!

Bruna – Por mim também!

Marinete – Eu ainda não acabei. Eu posso cantar o que eu quiser, na hora que eu quiser, no volume que eu quiser, no cômodo em que eu estiver ok?

Todas – Ok

(começa a cantar)

Nanci – Ah não, não, não pelo amor de deus.

Suzana – dançou, dançou querida, a Marinete é minha.

Nanci – Marinete pelo amor de deus você não pode ficar com ela, essa descarada já me roubou o marido.

Suzana – Pois saiba que quem ficou no prejuízo fui eu.

Bruna – aquilo é um traste.

Suzana – E mesmo o Fulvio tá caindo pelas tabelas, aquilo lá é uma lata velha movida a álcool.

Nanci – Escuta aqui eu acho melhor você lavar a sua boca antes de falar mal do meu ex marido.

Suzana – Muito bem querida ex marido porque agora ele é meu e eu escolhambo o quanto eu quiser.

Marinete – Opa vamos parar, vamo organizar o barraco que tem criança aqui na sala aprendendo besteira.

Bruna – Vamo organizar o barraco!

Marinete – você fica quieta também. Olha aqui eu vou dizer uma coisa, eu me admiro vocês duas, duas patroas top de linha brigando feito duas cangaceiras por um Alan.

Bruna – que Alan?

Marinete – alambique teu pai. Desculpa.

Nanci – Foi ela que começou

Suzana – deus do céu eu não tenho mais degrau pra descer.

Nanci – Escuta aqui, você roubou o Fulvio de mim sabia?

Suzana – Roubei? Pois agora eu devolvo.

Marinete - opa, olha aí, olha aí a solução vamo fazer um rolo entre a gente pra ficar tudo bem? A dona Suzana devolve seu marido que agora é ex e vai voltar a ser marido e a dona Nanci devolve a diarista que no caso sou eu pra dona Suzana e ai fica tudo bem e o rolo pronto acabou fica tudo certo, entendeu?

Bruna – completamente entendido.

Nanci – A gente marcou a troca pra 5:15 será quer a jaracaca desistiu ou será que ela vai aplicar o golpe?

Marinete – É ruim heim, a senhora pode esperar sentada me desculpa, mas eu não fico nem mais cinco minutos aqui.

Nanci – Escuta aqui se a Suzana não aparecer você fica comigo até o fim viu?

Marinete – Alá, ai graças a deus o pinguço está chegando e olha vem em entrega especial.

Suzana – Tá aqui o traste.

Nanci – Olha a boca!

Marinete - olha lá não vamos começar pelo amor de deus heim!

Fulvio – Eu gosto de você pra caraça.

Marinete – Não, não é comigo não amigo, é ela, ela que te quer ó!

Nanci – Sou eu meu amor a Nanci, vem comigo vem, nós vamos viver uma segunda lua de mel.

Fulvio – Mel, que drink é esse é novo?

Nanci – vem meu amor, a gente vai ter muito tempo pra conversar sobre isso.

Suzana – E quem disse que raio não cai duas vezes no mesmo lugar?

Marinete – É, ninguém segura esse Brasil. Dona Suzana, dá licença viu mas por hoje chega pra mim tem muita coisa acumulada e eu não sou escrava não, semana que vem eu volto tá?

Suzana – Ah mas eu vou esperar ansiosa. Marinete você é tão pura, você é o anjinho que caiu do céu pra organizar a minha casa e a minha vida, graças a você

eu to livre de educar enteada pentelha e de educar marido também, o que é muito pior.

Marinete – Eu sei mas pra mim o trabalho fica dobrado.

Suzana – eu sei mas por isso você vai ganhar olha o dobro.

Marinete – Obrigada, poxa obrigada pela preferência e a gerência agradece.

Em casa

Solineuza – Vai fazer o que com a grana heim Marinete?

Marinete – Não sei to pensando em ir lá pra Bahia sabe, preciso tomar um banho de pipoca na igreja de São Lázaro e São Roque.

Solineuza – você devia era dar queixa na delegacia isso sim.

Marinete – Ah dá um tempo tá, o que passou, passou eu to encarando como experiência e depois eu me senti o máximo parecia que eu era o último biscoito do saco.

Solineuza – Hum mas e as baixaria que tu escutou?

Marinete – Isso aí é que nem bala perdida, entra por um ouvido e sai pelo outro, e é que nem dizia o meu avô: se o fim é doce o que importa se o início amargo fosse.

Solineuza – Você não é de levar desaforo pra casa.

Marinete – mas eu cresci né.

Solineuza – cresceu onde.

Marinete – Olha aqui da próxima vez que tu vier aqui tu trás uma lata. Encostada.

Solineuza – criança.

Marinete – encostada.

Solineuza – criancinha

Marinete – É meu.

Solineuza – Hummm

Marinete – Cuspi.

FIM

### **Episódio 3: EMBARAZADA**

No ônibus

Marinete – Bom dia moçada! Eu não estou roubando, não estou matando, estou pedindo apenas um minuto da sua atenção, eu to fazendo aqui uma promoção do meu brechó infantil, tem aqui uma camisinha de pagão, em qualquer estabelecimento você encontra esse mermo produto de 3,50 e 7,90, na minha mão é 1 real a camisinha de pagão.

Mulher – Amor será que isso cabe na Brunieli? Psiu! Eu vou levar um macacão!

Homem – Não vai levar roupa nenhuma não, pelo amor de deus não vamos gastar dinheiro mais não, por favor heim!

Marinete – Quem vai levar é você! Tu não é o Emerson? Tu vai levar uma chuva de bolsada na cara!

Mulher – Como ela sabe o seu nome heim?

Homem – Eu não sei, não sei como ela sabe meu nome.

Marinete – ô Solineuza, aqui teu namorado tá aqui ó!

Solineuza – Emerson!

Mulher – E tu sua cachorra, eu vou dar na tua cara é agora tá pensando o que? (confusão)

Solineuza – Eu não sabia que ele era casado.

Marinete – Para de chorar pôia.

Marinete – Idiota, ignorante, bunda mole, pornográfico Solineuza, ignóbil, IGNOBIL decorei no dicionário quer dizer que o cara é desprezível. Aqui! Tu



ainda tá chorando? Tu guarda essas lágrima heim Solineuza, guarda porque quando eu morrer no meu enterro tu não vai ter lágrima pra chorar e isso sim é importante tá.

Hector – Marineteeeeeee!!

Marinete – Já vou! Aí tenho que desligar que meu patrão tá chamando. Gostou da voz? Não se anima não palhaça o cara é gay, aqui vive de mesada da mãe a mãe manda um dinheirão pra ele a gringona, acha que ele é casado Solineuza. Aqui, eu tenho que desligar Solineuza eu não tenho a tua vida não.

Hector – Só que tava melhor do lado de cá.

Tavinho – Não, não, não Hector o quadro tem que ficar num campo de visão que dê pra pessoa olhar sem ter um torcicolo.

Hector – Marinete mostra pra ele.

Tavinho – Não, não, não não me gusta.

Marinete – Eu posso continuar minha faxina ou tenho que continuar com esse papel de prego?

Hector – Aí me gusta.

Tavinho – Eu também gostei. Aí Marinete criando tendências.

Marinete – É mas eu prefiro a minha tendência em forma de dinheiro tá. Aqui, esse telegrama aqui no chão pode jogar fora? É uma tal de Mercedes.

Hector – Mamãe.

Tavinho – Eu esqueci, chegou ontem e eu esqueci de falar.

Hector – Francamente Tavinho. Não acredito!!!

Marinete – Morreu alguém?

Hector – A minha mãe, a minha mãe está chegando hoje de Buenos Aires. Diz que vai ficar apenas um dia mas faz questão de conhecer a minha esposa.

Marinete – Que esposa?

Tavinho – Adivinha?

Marinete – Tu qué uma peruca, eu tenho lá no meu brechó?

Hector – você tinha que ter me mostrado isso ontem, e se a Marinete não tivesse encontrado o telegrama?

Tavinho – Mas qual é o problema ?

Hector - O problema é que se minha mãe descobre que eu sou casado com você, ela para de mandar dinheiro. E aí como é que a gente vai viver?

Marinete – Desculpe, já ouviram falar de uma coisa chamada trabalho?

Tavinho – Hector, Hector, Hector nós temos que assumir esse casamento.

Marinete – Isso eu também acho. Tem duas bicha lá perto da minha casa que a gente trata elas como se fosse assim que nem gente normal, isso não pega.

Hector – Como é que eu vou explicar pra uma pessoa careta como a minha mãe uma coisa dessa?

Marinete – ô seu Hector a felicidade da mãe é ver o filho feliz tu vai chegar e falar assim: Mi mãe esse ser Tavinho mi namorado, soi boiola!

Hector – Ah que buena idéia daí ela corta la mesada e ainda tem um infarto.

Marinete – E aí tu vive da herança.

Hector – A gente tem que pensar em alguma coisa e rápido que ela deve estar chegando aí a qualquer momento.

Marinete – Aqui, porque que tu não arruma assim uma namorada de fachada que nem Michael Jackson ? ele fez isso.

Hector - Será?

Tavinho – Mas quem vai ser prestar a esse papel ridículo?

Marinete – Ah não me olha não heim colega!

Hector – Por favor Marinete jo te peço pelo amor de Deus me ajuda eu e o Tavinho vamos ser eternamente agradecidos.

Tavinho – A Marinete? Sua Mulher? Hahahaha, eu aposto os cílios postiços da Elke Maravilha como isso não vai dar certo.

Hector – Não faça isso não Tavinho. Marinete eu te peço por favor, solamente hoje por favor.

Marinete – Tá bom seu Hector o senhor se deu bem porque o meu coração é mole que nem geléia, só vou mentir hoje, mas tem uma coisa, tem um adicional na diária.

Hector – Bueno, tá perfeito, lo plano es perfeito, você finge minha mulher, minha mãe chega de viagem fica feliz e vai embora amanhã para a Argentina de volta.

Marinete – Tá certo. Mas olha aqui, vocês vão manter essa decoração é?

Tavinho – E qual o problema com a minha decoração?

Marinete – Não, é porque quando a tua mãe, tua sogra chegar aqui vai ver que a boiologem tá comendo solta né, casa de homem solteiro não é essa arrumação toda não, eu sei porque eu sou especialista no assunto.

Hector - E o que que a gente faz a gente espalha unas roupas pelo chão?

Marinete - Deixa comigo, tá ai, eu nunca ganhei pra desarrumar uma casa.

Tavinho – ôpa, ôpa, Ôpa o pôster da Marilyn fica!

Marinete - Peraí é melhor trocar por uma gostosona, Juliana Paes por exemplo.

Tavinho – Nem pensar!

Hector – Não!

Marinete – Olha a pinta pelo amor de Deus. Que é isso gente? Vocês vão precisar de umas aulas, vai que a tua mãe decide assim dar uma festinha e aí, como é que vocês vão se comportar?

Parou, tá ridículo! Será que é a tua mãe?

Solineuza – Marinete da minha alma!

Marinete – O que foi Solineuza?

Solineuza - eu acho que eu to grávida!

Marinete – Como acha que tá grávida? Tu não usa camisinha não pôia?

Solineuza – Eu uso mas o Everson veio com aquela conversa mole veio falando no pé do meu cangote Marinete e aí na hora H. Não briga comigo pelo amor de Deus o que que eu faço agora?

Marinete – Tu tem o que nessa cabeça Solineuza? Como é que eu vou te ajudar? Tu tem certeza disso?

Solineuza – Eu não tenho certeza, eu trouxe aqui aquele teste da farmácia pra fazer me ajuda minha amiga.

Hector – Graças a Deus que dessa vez ainda não é a mamãe.

Tavinho – Mas peraí quem que é essa moça aí?

Marinete – Essa daqui é a Solineuza minha colega é que ela tá com um problema sabe.

Tavinho – Nós todos estamos cheios de problemas aqui Marinete não é hora de você receber alguém em casa.

Solineuza – Eu sei eu já tava de saída.

Marinete – Peraí Solineuza, eu também vou embora.

Hector – Não, não, não, peraí Marinete, você não disse que ia ajudar a gente?

Marinete – Pois é eu falei mas é que a minha colega tá com problema e pra mim em primeiro lugar os amigos.

Hector – você não podia resolver os dois problemas?

Marinete - Ei perai se eu tenho que fazer o papel de patroa aí com o senhor né, alguém precisa fazer o papel de empregada e é tu.

Solineuza – Eu, empregada?

Marinete – É isso mermo, é calar a boca e aceitar senão não dá pra te ajudar. E aí?

Hector - Tá Bueno, tá contratada.

Marinete – Bom aqui tá escrito que uma faixa azul é negativo e uma rosa o seu neném é gay.

Solineuza – Não brinca numa hora dessas Marinete.

Marinete – Rosa.

Solineuza – Mentira! Marinete o que que eu vou fazer?

Marinete – ô Solineuza pena no lado bom, eu to vendendo umas roupinhas de bebê tudo na promoção e pra você eu faço financiado assim em nove meses.

Hector – Mamá que linda! Entra! Bienvenida mama.

Mercedez – Sin agrados Hector que jo não tengo dinheiro.

Hector – fez buen viaje mama.

Mercedez – É sua casa?

Tavinho – Nossa casa!

Hector – Este es Tavinho um amigo meu estilista que está hospedado aqui em casa.

Mercedez – Mucho gusto, Mercedez Prado e Banes de Queiroz.

Tavinho – Luiz Otávio da Silva mesmo.

Hector – Vamos sentar!

Mercedez – Acá?

Tavinho – Eu também não gosto desse somier é retro já foi, porque a senhora não senta naquele dali que é parecido com o da Julia Roberts em Uma Linda Mulher.

Mercedez – Bueno, donde está tu esposa Hector?

Hector – Um momentito mamá. Marinete, Marinete mama chegou.

Marinete – Solineuza agora eu tenho que ir fazer o papel de esposa depois a gente resolve essa história tá, fica aqui.

Hector – Mamá, esta es minha mulher Marinete.

Mercedez – No lo puedo creer.

Marinete – Não entendo nada do que ela diz posso responder?

Marinete – Prazer em conhecer Marinete, é a mamãe linda do meu maridão.

Mercedez – Então essa outra moça é a namorada de Tavinho?

Tavinho – A Solineuza não é minha noiva não é a diarista.

Marinete – Solineuza leva as coisas da sogrona lá pro quarto.

Hector – Mamãe não quer conhecer a casa?

Mercedez – Si, donde esta el baño?

Marinete – Banho sim de manha, de tarde e de noite fica a vontade.

Hector – Não, banho é banheiro.

Marinete – Então no banheiro, na cozinha, na sala.

Hector – Ali mamá.

Marinete – Ali mamá. Êpa segura a franga aí seu Hector.

Mercedez - Que es esso? Teste de gravidez. Que és gravidez? Si, si claro, embarazo, si claro deve ser de Marinete, Marinete está embarazada, ó Dios. Ropitas de bebe.

Mercedez – Mi querida nuera, estoi tão contenta que cambie de Idea no me voi mais para Argentina.

Hector – Porque mama?

Mercedez - Porque vo quedarme em Brasil nueve meses.

Marinete – Peraí lá em cima quando tu falou eu entendi nora, e agora eu entendi nueve meses?

Hector – E agora?

Marinete – E agora. Acabou. Se ela vai ficar nove meses eu vou me divorciar amanhã porque eu tenho mais o que fazer heim.

Mercedez – Que tienes irro?

Marinete – Felicidade, ele tem felicidade, toda vez que meu marido fica feliz ele sai pela casa imitando uma borboleta. Bom deixa eu trabalhar.

Mercedez – Deixa ajudar-te és mui sensible e no quiero que te canses, jo pongo ordem em la casa.

Marinete – Tá bom

Mercedez – Que é isso? Ah que rico estão nessa foto. Quem es esse a tu lado?

Tavinho – Boa pergunta, quem é esse bofe parafinado Hector Gustavo?

Hector – Este és um amigo como Tavinho.

Marinete – Bom heim!

Tavinho – Perai, perai, perai não vem me comparar com essa bicicletinha sem guidão não, me dá isso aqui seu traidor.

Hector – Luiz!

Tavinho – Me chama de Luiz Otávio, Hector Gustavo.

Mercedez – Que és isso ?

Marinete – Na tua terra eu não sei mas aqui no Brasil eu acho que vai começar um barraco.

Hector - Ninguém merece a cena eu você está fazendo. Luiz Otávio você não ia embora hoje?

Tavinho – O quê?

Hector – Amanhã você me liga e a gente conversa sobre tudo, suas coisas estão no nosso, no quarto de hospedes eu vou lá pegar.

Tavinho – Você tá me mandando embora daqui?

Hector – Depois a gente conversa sobre isso, mesmo porque mama precisa ficar em su quarto.

Tavinho – Hector por favor olha pra minha cara e repita que você tá me mandando embora daqui!

Mercedez – Basta! Quietos todos! Não me gusta ver dois amigos discutindo, mira Tavito se queda comigo em mi quarto e se acabou. Venga comigo Tavito.

Hector – Marinete de Deus, a minha mãe vai descobrir tudo eu tenho certeza e o Tavinho tá com ódio de mim.

Marinete – Fazer o que seu Hector mentira tem perna curta e rabo comprido e além do mais eu tenho muito o que fazer nos próximos nove meses tá.

Hector – Ela não vai ficar aqui mais de meia hora, te garanto daqui a pouco ela vai procurar um hotel de luxo pode esperar.

Hector – Mamá, sabe eu horas são? Hora da nossa novela.

Mercedez – Ahh a mi me encanta lãs novelas brasilenas.

Marinete – Bom se vão assistir novela me dá uma pontinha aí no sofá eu adoro novela.

Tavinho – Olha dona Mercedez presta atenção no ponto, agora eu to fazendo meia, meia, meia e quando completar a carreira vai ser tricô, eu fiz uma coleção inteira assim e foi o maior sucesso, pra senhora ter uma idéia a Claudia Abreu e a Malu Mader se estapearam na novela só pra usar uma roupa minha.

Mercedez – Increible, como lo asses bien.

Hector – Chega!!! Tá na hora de ir para a cama.

Marinete – É sempre assim, ele diz que mulher é feita de costela, imagina se fosse de filé.

Tavinho – Que bom nè Hector Gustavo a mamãe e a esposinha vão ficar bem juntinho de você por muito mais tempo que você pensava não é?

Solineuza – Marinete!

Marinete – Marinete não Dona Marinete Solineuza.

Solineuza – Tá bom Dona Marinete eu vou embora porque eu não posso mais esperar.

Marinete – Então tá, estaciona o seu burrico no mato e amanhã volta pra começar tudo de novo.

Solineuza – E aquela minha história?

Marinete – Amanha a gente conversa, uma coisa de cada vez Solineuza.

Mercedez – Que lhe passa essa tica? No sabia que mi irro era tão.

Tavinho – Ai meu Deus eu não posso ver isso senão quem vai chorar sou eu.

Marinete – To aqui te fazendo um favorzão heim.

Hector – Favorzão. Eu to te pagando o dobro de la diária.

Marinete – Ôpa, ôpa pode tirando o cavalinho da chuva quem vai dormir aqui sou eu e sozinha.

Hector – Essa cama é minha.

Marinete - E daí?

Hector – E daí eu vou dormir aonde?

Marinete – No chão, no armário, na poltrona o problema não é meu, comigo é que tu não vai dormir, pode ir embora.

Hector – Mas tu é folgada Marinete.

Marinete – Folgado é dente em boca de pobre .

Hector – Como é que tu pode falar tanta bobagem num dia só.

Marinete – Eu tenho muita imaginação. Não quer um travesseiro não seu Hector? Ê camão bom!

Hector – Minha mãe.

Marinete – Ôpa, ôpa.

Hector – Cala a boca minha mãe tá entrando.

Tavinho – Na mesma cama! O que significa isso?

Marinete – ô seu Tavinho fica tranqüilo que eu não gosto de mulher não.

Hector - Eu não sou mulher eu sou homem.

Tavinho – Ah vai querer provar pra ela agora também Hector Gustavo?

Hector – Tavinho! Você sabe muito bem que isso tudo é fachada, o que que você tá fazendo aqui?

Tavinho – Eu vim ao meu quarto pegar as minhas pílulas pra dormir porque aquela sua mãe parece um serrote de tanto que ronca.

Mercedez – Ajuda!!!!

Hector – Que passa mamã?

Mercedez – Ajuda! Me despertei com uma cucaracha!

Hector – Uma barata aaaiii!

Tavinho – Aaaaaaaaiiiiiiii!

Mercedez – que es esse?

Marinete – O Tavito deve tá na cozinha batendo um rango.

Tavinho – Tem barata nessa casa! Eu vou dormir aqui.

Marinete – Ah mas não vai mesmo o que que é agora eu vou dar uma de Dona Bicha e Duas Flores, pode ralar, pensa nessa raiva toda que o senhor tem de barata Seu TAvinho e mata lá a barata vai!

Hector – Eu só quero dormir um poquito e esquecer tudo isso. É um pesadelo.

Marinete – É eu também, só que tu vai dormir lá na poltrona vai rala. É assim mermo seu Hector tem dias que a gente é cachorro e tem dias que a gente é poste.

Mercedez – O pobrezito foi me defender, veja los hombres no servem pra nada desmaiou por causa de uma barata, agora jo tengo que cuidar-lo.

Hector porque está dormindo no sofá?

Hector – Eu vou explicar.

Marinete – Não é nada do que a senhora tá pensando não.

Mercedez – No, no, no és exactamente o que jo estoi pensando, lãs mujeres em tu estado ficam mui nerviosas.

Marinete – Aqui no Rio em qualquer Estado, no mundo as mulheres são nervosas.

Mercedez – Aprovecha biem Marinete, lo mehor de lo matrimonio son lãs peleias.

Marinete – Peleias?

Hector – Brigas.

Mercedez – Porque despois de lãs brigas viene la cama e em la cama naturalmente...

Tavinho – Nossa Marinete que cheiro de queimado é esse?

Marinete – To assando casca de batata é receita da minha vó não tem erro pra espantar barata heim.

Tavinho – E o café cadê?

Marinete – Que mane café Seu Otavinho! Eu to aqui e sou uma só eu to fazendo um monte de coisa.

Tavinho – Eu vou tomar café na padaria pelo menos assim eu fico livre daquela Evita da terceira idade.

Hector – Estou destruído, eu vou com você tomar café.

Tavinho – o quê? Não acredito! O maridinho perfeito vai abandonar a família !

Hector – Tavinho, você ainda tá chateado comigo né?

Tavinho – Eu, imagina, tchau!

Hector – Tavinho, não faz assim eu vou com você Tavinho.

Marinete – Isso são horas dona Solineuza? Fiquei esperando tu chegar pra me servir café lá na cama.

Solineuza – Que é isso agora tu vai dar uma de patroa pra cima de mim é?

Marinete – Olha aqui eu só vou desculpar porque tu tá doente.

Solineuza – Quem te disse que gravidez é doença?

Marinete – Não é doença mas a gente pega do mesmo jeito com contato sexual.

Solineuza – Não fala desse desgraçado Marinete porque quando eu lembro que eu vou ficar com um bacuri no colo, mãe solteira, sem trabalho e dando beliscão em criança .

Marinete – Ah vem, tá sensível, vem cá!

Vai trocar de roupa pra pegar no serviço Solineuza!

Solineuza – Sim senhora.

Marinete – Ah criadas sempre que chegam atrasada vem choramingando pensando que eu vou me derreter sabe.

Mercedez – Sabes que a mi nadie me engana.

Marinete – É mermo dona Mercedez?

Mercedez – Já descobri toda la verdad .

Marinete – Toda a verdade?

Mercedez – Si.

Marinete – mas eu falei pro Hector que a senhora ia entender.

Mercedez – Hector es assi por culpa Del padre.

Marinete – Mentira! Por causa de um padre? Olha tem um safado desse numa paróquia perto da minha casa sabe, mas graças a Deus que isso é minoria né.

Mercedez - Mi defunto marido era mui duro com ele.

Marinete – Ai coitado!

Mercedez – Pero a hora já sei de toda la verdad, estas embarazada!!

Marinete - Que bom que a senhora tá contente, eu to embarçada mesmo, eu to muito embarçada mesmo vê se pode dormindo junto e tudo? Vê se pode um negócio desse e o Hector ainda me pediu assim de joelhos me fez jurar que eu não ia contar nada pra senhora, sabe como é que é né?

Mercedez – Lo sei mui bem e te digo de corazon que mi suenho sempre foi tener uma nina, como vocês dizem uma menina.

Marinete – Menina. Não deixa de ser né Dona Mercedez aí que bom que a senhora entendeu toda essa situação.

Mercedez – Marinete.

Marinete – Mercedez

Mercedez – Donde estavas durante toda mi vida?

Marinete – Eu acho ainda que eu não tinha nascido.

Mercedez – Marinete jo vi la ropita Del bebe.

Marinete – A senhora o quê?

Mercedez – La ropita jo vi.

Marinete – Ah tu viu ! e gostou?

Mercedez – Mais ou menos

Marinete – Não tem problema eu faço em três vezes, divido e aceito até o teu dinheiro estrangeiro.

Solineuza – Agora que já tá tudo esclarecido ai entre vocês eu vou embora cuidar da minha vida.

Mercedez – Não vas a nenhum lugar te quedas acá comigo.

Marinete – Aí , garrou um coleguismo comigo que eu vou te dizer! Tu não tem teu filho, tá todo feliz faz um jantarzinho pra comemorar então.

Mercedez – Que rico uma cena!

Marinete – Uma cena de novela haha, eu sei fazer cada quitute.

Mercedez – No, no, no quiero que te canses, quem va cozinhar és eja.

Solineuza – Eu? Logo eu, só vou se me pagar.

Marinete – É claro que vão te pagar tu não tem família pra sustentar? Tem grana aí?

Mercedez – Grana?

Marinete – Grana, bufunfa granita, dólar, pra fazer um jantarzinho inesquecível pra encher o bucho.

Solineuza – Bucho Marinete?

Marinete – Vai, bota mais cenora, beterraba que boiola adora vermelho vai.

Tavinho – Nossa que saladona bonita toda colorida gostei. Nossa essa beterraba puxou pra um tom de vermelho que eu adoro.

Marinete – Ai eu não te falei.

Hector – ô Marinete eu posso saber porque esse banquete e o que que você tá fazendo na cozinha porque se minha mãe entra ai e pega você aqui dentro da cozinha eu não quero nem.

Marinete – Relaxa santa, relaxa, tua mãe já sabe de tudo e tá na boa. Aceitou mermo.

Hector – Como assim já sabe de tudo?

Marinete – Ué seu Hector já sabe de tudo e aceitou inclusive o fato de eu ser doméstica e de tu ser gay, tu não tus.

Hector – Essa mulher não tá falando coisa com coisa.

Tavinho – Calma, calma que é isso pitchuco nem quando a Madona desistiu de vir pro Brasil você ficou desse jeito. Marinete você tem certeza do que você tá falando né?

Marinete – Gente que barulho é esse heim, posso saber, que bobagem hoje em dia é normal homem não gostar de mulher, a gente já tá acostumada com isso né Solineuza?

Solineuza – Nem me fala, quando não é boiola é casado.

H – Eu só quero saber uma coisa. Como foi que a mamãe descobriu tudo?

Marinete – Seu Hector o senhor acha que a sua mãe é cega? Mãe sente. Mas relaxa a gente marcou até esse jantarzinho hoje a noite pra comemorar o final feliz né Solineuza tudo colorido.

Tavinho – Hoje a noite ?

Marinete – Hum hum

Tavinho – Você gostou desse modelito? To magro? Não fala nada é, então to gordo.

Hector – Você acha que eu tenho cabeça pra pensar nisso com uma bomba prestes a explodir?

Tavinho – Amor que bomba? Que bomba? Imagina essa é a nossa noite, vai ver a sua mãe simpatizou comigo, gostou, sei lá e achou que era um bom negócio me ter como nora ué.

Hector – Não sei não, tem alguma coisa muito estranha nisso tudo.

Marinete – Olha o peru já tá na mesa!

Solineuza – Tá aqui o peru de vocês.

Mercedez – Hoje é o dia mas feliz de toda mi vida.

Hector – Mamá jo nunca pensei que a senhora fosse gostar disso.

Mercedez – És um loco siempre fuei mi sonho ter uma chica muher.

Tavinho - Aliás Dona Mercedez eu preciso fazer um elogio pra senhora, por a senhora ter uma cabeça tão assim aberta e ter aceitado tudo numa boa.

Mercedez – E porque no lo aceitaria? Porque los dos não são casados legalmente isso não es o mas importante. Um brinde!

Marinete – Brinde.

Tavinho – Uhuuu!

Mercedez – Tavito que és isso?

Marinete – Agora que eu entendi o que a senhora tá falando há um tempão é que é isso. Isso é uma mona, boiola de manha de tarde e de noite desde que nasceu.

Mercedez – Marinete de que verdad ablavas comigo?

Hector – Marinete que verdade você contou para a minha mãe?

Marinete – A verdade que eu falei pra ela? A verdade ué. Tu é gay, tu não tus e ela aceitou na boa né.

Hector – Cala a boca Marinete.



Mercedez – Hector você é gay?  
Tavinho – Nós somos sim, nós somos.  
Hector – Não, não mamã.  
Marinete – que que é isso dona Mercedez antes a senhora aceitou na boa e agora tá com essa palhaçada eu heim!  
Hector – Mama, querida mama no.  
Mercedez – No lo puedo creer, fui enganada! Fui enganada!!  
Marinete – Solineuza o bicho tá pegando vamo embora!  
Solineuza – Ai Marinete será que demora muito?  
Marinete – Se tu tiver grávida vai demorar nove meses né.  
Solineuza – Ai vira essa boca pra lá.  
Senhora Solineuza da Silva.  
Solineuza – Sou eu. Ai Marinete é rebate falso!! Obrigada nossa Senhora de Nazaré tá tudo resolvido eu não to grávida.  
Marinete – Tudo resolvido mais ou menos a gente ainda tem que passar na casa do seu Hector pra pegar o nosso e outra coisa não tem que ficar felizinha não tem que usar camisinha tá.  
Solineuza – Eu sei, eu sei  
Hector – Ah Marinete! Eu queria mesmo ablar com você.  
Marinete – Eu também seu Hector. O que que é isso é pegadinha?  
Mercedez – Hector e Tavito me explicaram todo.  
Marinete – Então, que bom, e daí?  
Tavinho – E daí que por sua causa depois de 40 anos a verdade veio a tona e.  
Marinete – E...  
Hector – E estamos mucho felizes por todo.  
Tavinho- E agora nós somos uma família de verdade e com muito orgulho.  
Marinete – Que bom e a Dona Mercedez?  
Mercedez – Marinete queria te dizer gracias, para mi la familia es lo mas importante porque Hector Gustavo es la única coisa que me restou.  
Marinete – Obrigada.  
Hector – Este envelope é uma homenagem simbólica mas de corazon.  
Marinete – Ê tira o olho invejosa vai fazer o teu.  
Não precisava, não precisava mesmo. Das flores.  
Marinete - Olha ai que beleza Solineuza, nunca ganhei umas flores dessa , é por isso que dizem que mulher fica gamada em boiola né.  
Solineuza – Diz que esse tipo de homem chora até com novela.  
Marinete – Ah já pensou? tu vendo novela com o cara e ele falando ah olha o Marcos Palmeiras que gato. Eu não quero não.  
Solineuza – Deus me livre!  
Marinete – Chega em casa e teu marido tá de camisola hahahah!  
Solineuza – Ai credo! Agora vem cá tu dormiu com o seu Hector não dormiu?  
Marinete – Hum hum  
Solineuza – E aí me conta ele usa camisola?  
Marinete – Não. Dormiu nuzão.  
Solineuza – Mentira. Eu não agüento isso não.  
Marinete – Mas o seu Tavinho agüenta.  
Solineuza – Ele agüenta porque ele não corre o risco de ficar embaralhado.  
FIM

#### **Episódio 4: Aquela do hospital**

Na Agência

Figueira – Marinete meu amor, entra!

Marinete – ê, ê, ê seu Figueira todo gentil assim coisa boa é que não vem né.

Figueira - Ih Marinete um homem não pode ser gentil?

Marinete – Um homem pode, o senhor é que não pode senão vem logo segundas intenções.

Figueira Que segunda intenções Marinete, faz o seguinte deita no sofá.

Marinete – O quê?

Figueira - Quer dizer, senta no sofá que eu quero falar com você. Marinete eu tenho um serviço pra você extraordinário num hospital.

Marinete – Não, tô fora seu Figueira o senhor sabe que eu tenho pavor de hospital.

Figueira - que bobagem é essa marinete, você não vai ser paciente nem nada, é só pra limpar e a grana é muito boa heim?

Marinete – Mas porque eu, aliás porque sempre eu?

Figueira - porque você é guerreira marinete, não dá pra trás tá entendendo?

Marinete – Tô, tô entendendo, eu sou otária de aceitar nas suas roubadas, daqui a pouco vai me mandar fazer diária numa penitenciária, ô seu Figueira não tem uma casa de família pra eu limpar não?

Figueira - marinete vai ser o dobro.

Marinete – é e a sua comissão também vai ser em dobro!

Figueira - Nada mais que justo né? Marinete é pegar ou largar, hoje eu tenho ir embora mais cedo porque tem jogo do Brasil e eu não quero perder, se você quiser tudo bem se você não quer eu dou pra outra diarista.

Marinete – Não, tá bom, tá bom eu aceito, mas tem uma condição, eu não posso ver sangue sem ver sangue.

Figueira - Tá bom sem ver sangue.

Marinete – Tá bom, aceito, tá fechado eu tô mais dura do que cotovelo de estátua viu seu Figueira. Eu tô ralando tanto, tanto que não tenho nem tempo de ter prazer.

Figueira - Ah Marinete não seja por isso eu resolvo o seu problema em dois tempos.

Marinete – Ah é? Eu vou aceitar viu seu Figueira. No primeiro tempo o senhor avança o sinal e no segundo eu meto a mão na tua cara.

Figueira - Marinete relaxa, tu tá tensa.

No hospital

Marinete – Que que é isso, essa fila é pra entrar no céu né se for pra entra aí não vão ser hoje não heim colega eu te conheço. Aí o neném vai nascer heim!

Aí alguém merece trabalhar com uma roupa dessa?

Segurança – Não esquentar não gatinha, tu fica linda de qualquer jeito.

Marinete – Até parece, você deve falar isso pra todo mundo que tá dentro de um uniforme desse, eu to horrível tu tá precisando de óculos heim. Com quem que a gente reclama?

Segurança – Com a supervisora, mas se eu fosse você eu não falava nada não porque ela é muito chata.

Marinete – Ih colega eu to descolada, eu to tranqüila com negócio de gente chata, eu sou diarista sabe então cada dia eu to numa casa diferente com cada patroa, tem umas que você nem precisa tocar a campainha passa direto por debaixo da porta.

Segurança – Até mais.

Supervisora - você deve ser a nova diarista.

Marinete – Marinete, muito prazer, a senhora ouviu o que eu tava falando sobre patroa chata nada haver com a senhora não porque eu nem te conheço né, olhando daqui eu já falo que é um amor de pessoa, tem uma cara de ser boaaa.

Marinete – Olha só, aqui tem a lista de onde é que você tem que ir e tudo o que você tem que fazer.

Marinete – Caraca tudo isso agora ou eu tenho 1 mês pra fazer?

Supervisora - Muito engraçadinha. Jamais fique na frente das máquinas, não use nada do hospital, nunca ande de elevador sempre de escada e não converse com ninguém não autorizado. Compreendeu?

Marinete – compreendi. Sangue eu to fora, eu queria falar isso pra senhora logo eu não sou vampiro eu não posso ver sangue eu fico enjoada, a última vez que eu vi a minha amiga Solineuza foi tirar aqui da cutícula e espirrou longe.

Supervisora - Sei, sei, , muito papo e pouco som, ao trabalho.

Marinete – Chaataa!

Enfermeiro – O senhor não precisa ficar chateado seu Floriano, check up é assim mesmo demora.

Floriano - Na verdade não precisava, mas é que minha mulher insistiu.

Enfermeiro – Faz o seguinte o senhor fica aqui deitado de bruços.

Floriano - De bruços?

Enfermeiro – É de bruços, que logo logo vai chegar a enfermeira que vai fazer a lavagem e depois o senhor vai tomar o contraste.

Floriano - É só assim... a , a lavagem é pelo bumbum?

Enfermeiro – Pode deitar. (sai da sala)

Marinete – Dá licença.

Floriano - Vai demorar pra fazer a lavagem?

Marinete – Se o lugar tiver muito sujo mais ou menos uns 20 minutos.

Floriano - 20 minutos, nossa ! e o que que você vai usar pra fazer a lavagem ?

Marinete – Vassoura e balde.

Floriano - Vassoura, nossa mas ninguém me falou que era assim.

Marinete – Fica tranquilo colega eu ainda costumo usar um pouquinho de água sanitária mas a turma daqui é bem pão dura, eu to fazendo na raça mermo, mas pode confiar viu porque quando eu terminar não vai ficar cheiro nenhum;

Floriano - Escuta, eu, eu não preciso de lavagem não preciso de nada. Quem é você é alguma maluca é?

Marinete – Maluco é você, eu entrei aqui fazendo o meu serviço e tu me enche de pergunta quase pelado eu to vendo tudo aí ô, quase tudo né o tarado.

Mulher - Eles erram, erram sim, imagina que eles foram operar a tia da sobrinha da minha prima, ela tinha um probleminha no joelho mas não é que o estudante conseguiu tirar uma hérnia que ela nunca teve.

Homem – É não se pode confiar em residente daqui não, parece que nenhum deles tem diploma é tudo comprado.

Marinete – Não se pode confiar em residente mermo não. Aí colega tu sabe o que é residente?

Homem 2 – Não sei não.

Marinete – Ignorante.

Solineuza – Ai eu não to acostumada com hospital não sabe? Eu tava meio tonta minha patroa deixou eu vim aqui de manhã me consultar, mas eu morro de medo, morro de medo de médico eles sempre dizem que a gente tem um tal de ite, ite ite o senhor tá me entendendo?

Homem – Entendo, mas vai começar o jogo.  
 Segurança – E aí lindoca que horas você sai?  
 Marinete – To até sem relógio porque aqui nesse tipo de trabalho eu não quero arrumar encrenca não tá colega.  
 Segurança – Mas meu nome não é encrenca, é César.  
 Marinete – O que eles fazem aí dentro?  
 Segurança – Aí é o Centro cirúrgico onde o pessoal opera.  
 Marinete – e esse aí operou o quê?  
 Segurança – Esse aí eu acho que foi estômago.  
 Marinete – Ai, ui o meu tá queimando também.  
 Segurança – Não foi estômago não, foi garganta.  
 Marinete – Ai cof, a minha garganta também, nesse lugar a gente sente tudo.  
 Enfermeiro – O senhor não tem do que se envergonhar seu Floriano muitos homens fazem espermograma todos os dias, a contagem é importante pra quem quer ter filhos.  
 Floriano – Mas eu não quero ter filhos a minha mulher cismou que eu sou estéril, aí é só falar que começa a coceira.  
 Enfermeiro – relaxa seu Floriano.  
 Floriano – Pra que que é isso?  
 Enfermeiro – Sempre ajuda. Entra ali, o senhor se inspira com as moças e depois me trás o resultado, olha aqui a loira da página 27 é um pecado. Me chama quando acabar heim, me chama quando acabar, não esquece a loira da página 27. (sai da sala)  
 Floriano – Ah preciso de um café. Nossa. Não vai. Essa tampa tá dura. Caramba. Upa!  
 Marinete – Que é isso, que pornografia é essa, ainda bem que eu to de luva olha isso, eu quero ver quem é o cara de pau.  
 Floriano – Tá duro. Não quer sair de jeito nenhum.  
 Marinete – Cara de pau, ridículo, tarado isso aqui é um hospital!  
 Cadê o segurança que tava aqui cheinho de amor pra dar e agora eu não encontro o cara?  
 Supervisora – Perdeu alguma coisa?  
 Marinete – Uma boa resposta pra dar pra senhora.  
 Segurança – Vai ter um parto na sala 2 no centro cirúrgico e precisa limpar.  
 Marinete – Eu?  
 Segurança – Eu é que não sou né Marinete e não esquece de trocar a sua roupa heim, não pode contaminar a sala de cirurgia.  
 Marinete – Eu não sei se eu falei pra senhora mas eu na realidade eu até comentei com a senhora que eu não posso ver sangue eu fico sufocada aqui eu fico passando mal que nem anão em comício sabe.  
 Segurança – Azar o seu, pra cirurgia!  
 Marinete – simpáaaatica!  
 Dá licença, dá licença.  
 Homem – Professor a gente pode dar uma ligadinha na tv só pra ver quanto tá o jogo?  
 Professor - Não, não, claro que não, o combinado foi só ligar a tv no final do procedimento quando não tiver mais risco pro paciente. Bom, agora voltando o que eu tava falando, abrindo a cavidade abdominal, introduzimos o cabo do vídeo.  
 Marinete – Não ver, não sentir, não olhar e vazar daqui, Não ver, não sentir, não olhar e vazar daqui.

Professor - Eu não to conseguindo visualizar a parede do estômago, você que tá ai do lado do monitor eu quero mais contraste. Desliga essa televisão, eu já disse pra não ligar a televisão, não, não espera só um pouquinho deixa ver só esse lance , mas é só esse lance depois a gente desliga a televisão tá ouvindo? Agora eu vou fazer uma irrigação essa manobra deve ser feita de forma muito gentil. Mas esse cara é um jumento, tira essa bola daí. Olha a concentração, olha a concentração, vamos acompanhar a cirurgia. Enfia do lado esquerdo.

Marinete – Mas não é do lado direito?

Professor - Não eu to falando com o Ronaldinho eu conheço esse goleiro ele sempre pula pra direita, olha lá lá vai. É goolllll.

Marinete – ai Solineuza logo hoje tu tem que deixar esse celular desligado?

Segurança – Oiiii! E aí?

Marinete – Eu tava lá dentro.

Segurança – É. Gol do Brasil.

Marinete – To sabendo, pior pro cara que ficou todo aberto.

Segurança – Pô tu tá com fome?

Marinete – Tô, mas falta tanta coisa ainda daquela lista daquela mandona que eu

...

Segurança – Não, mas sempre tem um jeitinho né, faz o seguinte eu vou descolar um ranguinho pra gente. Tu tá vendo aquela porta ali.

Marinete – Aquela porrra? Tô.

Segurança – Me espera lá que eu te encontro e te levo o rango.

Marinete – Eu ainda vou demorar um pouquinho porque eu tenho que ir no terceiro andar e ainda tenho que ir de escada porque eu não posso pegar o elevador.

Segurança – Tá.

Marinete – Gostoooso! Hum!

Marinete – Ah é o tarado.

Florianio – Ah é a doida.

Marinete – doida é a tua mãe.

Florianio – E tarada é a tua.

Marinete – É sangue?

Florianio – É.

Marinete – (desmaia) Ah eu fale que não podia ver sangue.

Segurança – Calma, vem cá, calma isso é normal acontecer, fica tranqüila. Agora tu pode ficar aqui relaxadinha que esse lugar aqui é um paraíso, é uma maravilha, tu pode até ficar mais à vontade e tal.

Marinete – ô colega pega leve. Nossa quanta gaveta heim. Ainda bem que a Dona Elza não me mandou limpar aqui. Lá em casa eu tenho quatro gaveta pra tudo meu é sutiã, calcinha, brechó e bijuteria e eu não dou conta.

Segurança – Mas aqui tu não precisa trabalhar não, aqui tu não precisa fazer nada. Deixa que eu faço tudo.

Marinete – Pega leve, eu to até meio tonta ainda.

Segurança – Fica calma meu amor eu tenho a solução pra você é uma caminha gostosa, perfeita.

Marinete – Ai meu Santo André ! Colega aquilo ali que tu abriu é alguém ou já foi alguém?

Segurança – Calma, calma, calma, calma, aquilo ali é só uma caminha, uma paradinha pra gente ficar assim gostosinho, poder ficar abraçadinho.

Marinete – Paradinha, eu vi, tá paradinho, gelado e duro e não é picolé não é isso? Aqui agora que eu te saquei, tu me chamou aqui com esse parangolé de lanchinho, mas o lanchinho que tu quer fazer sou eu não é isso?

Segurança – Qual é menina, tu tá maluca? Tu já viu lugar mais calmo e mais perfeito que isso aqui, isso aqui é um paraíso! Olha tu tá vendo o que é isso aqui? É uma chave e eu ó fechei pra gente poder ficar aqui e a gente pode fazer o que a gente quiser que ninguém vai ouvir.

Marinete – É? Alguma vez tu já desmaiou assim de repente que nem eu?

Segurança – Qual é menina tu tá maluca? Eu sou um segurança profissional, tarimbado, muito bem treinado, eu to preparado pra viver qualquer situação de perigo.

Marinete – Eu também. To preparada pra qualquer situação de perigo, eu e o meu joelho.

Segurança – Ai.

Marinete – Aqui ô maluco, maníaco do necrotério, tarado!

Segurança – Eu te pego! Eu vou te matar sua baixinha!

Marinete – Grita aí que ninguém escuta tarado!

Solineuza – Pode me dizer doutor. É grave né? Eu tenho quanto tempo de vida, pode dizer, pode dizer.

Doutor – Calma! Você só tem só labirintite. Eu vou te dar um remedinho e você vai ficar deitada bem quietinha esperando esse remédio fazer efeito tá bom?

Solineuza – Eu não posso doutor eu tenho que ir me embora, minha patroa só me liberou pela manhã, ela deve tá me esperando do lado de um cesto cheio de roupa pra lavar, passar...

Doutor – Nem pensar! Nem pensar, você vai ficar aqui deitadinha, esperando o remédio fazer efeito até essa tua tontura passar. Ô Carlos por favor, você vai administrar uma intra-venosa com esse remedinho aqui tá.

Solineuza – Doutor o senhor vai me envenenar?

Marinete – Desculpe o mau jeito tá, mas é que eu to correndo de um maníaco, eu to me escondendo. Oi, oi tudo bem, o senhor tá se sentindo bem? Tá sentindo o quê? Não fala não que sempre que eu vejo alguém sentindo alguma coisa eu sinto também. Ai meu Deus vou ter que sair daqui.

Segurança – Saiu pela janela. Desculpa.

Doente – Ai, ai, ai

Marinete – Desculpa é que eu tava correndo.

Doente – Fica, fica, fica mais um pouquinho aaiii.

Marinete – Que é isso coroa?

Floriano – Esse exame de toque é muito importante Floriano, todo mundo faz, é um toquezinho de nada, isso não tem nada haver com a sua sexualidade, porque o exame de toque é muito importante Floriano porque o médico pode descobrir algum problema antes dele ficar sério, é um toquezinho, um toquinho e isso não tem nada haver com a sua masculinidade, eles vão te tocar mas você não é boiola. Eu não sou boiola.

Floriano – Eu consegui vencer o medo. Pode vir doutor. Eu agüento.

Aaiiiiiii!!!!

Marinete – só tem maluco nesse lugar, eu é que não volto mais aqui.

Elza – Sua incompetente!

Marinete – desculpa aí dona Elza, desculpa aí eu também não vi a senhora.

Elza – você nunca vê nada né Marinete, você é de uma estupidez assustadora e estabanada para as suas tarefas. Sequer chegou na metade da lista que eu te

mandei fazer e ainda me dá um banho com essa água nojenta. Desse jeito vai acabar saindo daqui sem receber nada.

Marinete – Não, tenho que receber porque a água tá nojenta e o chão tá limpinho olha aqui, mas eu to com dificuldade de andar aqui dentro a senhora me desculpe mas eu não to conseguindo. Olha aqui, setor EL azul, setor EDG amarelo, setor EDL vermelho eu já até decorei mas...

Elza – É muito simples Marinete, qualquer pessoa com um mínimo de neurônios pode entender. Escuta bem. Setor EDG é setor Enfermaria Doentes Graves, setor EDL é setor Enfermaria Doentes Leves. Entendeu?

Marinete – Entendi, mas podia simplificar, podia botar setor do pobre que já foi e setor do pobre que tá quase indo, o pé na cova a senhora tá me entendendo?

Elza – Você não consegue nem fazer o seu trabalho e quer fazer o meu Marinete? Vai pra sua faxina, vai, vai.

Marinete – Vou pro setor EDG verde e a senhora vai pro setor PQP pra lá!

Marinete – ô colega, tu é enfermeiro né?

Enfermeiro – Sou sim.

Marinete – Salva um monte de vida né, salva a minha aqui eu tenho que faxinar aqui no EDL 16 C azul, como é que eu chego lá heim?

Enfermeiro – É isso é muito fácil, você vai pegar esse corredor, quando chegar no EDL você dobra pro EDG, no EDG você vai, vai, vai até o final, no final você pega o elevador, entra, desce no QDG, passa pelo QDL o QDL tu sabe onde é que fica né? Então fica do lado do QDL só passa bem devagarzinho porque tem uma galera ali complicada. Você vai direto segue e vira a direita, passa direto pra esquerda e pronto.

Marinete – Chego lá?

Enfermeiro – Não.

Marinete – É baiano!

Enfermeiro – Você ainda vai descer mais três lances de escada, vira a direita e fecha a porta direitinho devagarzinho porque o povo dali é complicado. Pronto! Você tá ali no EDL 16.

Marinete – Obrigado.

Enfermeiro – Ah toma cuidado porque o azul ele fica assim antes do vermelho!

Marinete – Brigada eu vou chegar lá tá.

Enfermeiro – Eu vou puxando por aqui também tá.

Marinete – Isso, eu vou puxando, devagarzinho, sem pressa vai. Só esqueceu de me dizer se eu vou de trem, se o 917 passa na porta ou se tem uma van que te deixa lá no conforto. Pega o elevador! Eu não posso pegar elevador aqui não colega.

Na sala que a Solineuza está esperando o efeito do remédio.

Médico – Mas é impressionante, tá vendo aquela máquina ali, aquela é uma máquina de monitoração cardíaca super importante e tá quebrada, ninguém concerta.

Medico – é essa aí já era, o jeito é abrir, tirar o que tá funcionando e enterrar o resto.

Marinete – Solineuza, acorda os cara vão abrir teu buxo, vão tirar as coisa de dentro e vão te jogar fora, vão te mandar pro céu, pro espaço, pro inferno, sei lá. Acorda. Solineuza!!!!

Médico – Ou, ou ou ou a paciente ainda não recebeu alta onde é que você tá indo moça? Segurança! César tem uma maluca levando a paciente embora ali César.

Marinete – ô coisa fresca, se liga heim, a gente vai dar um jeito de sair daqui, aqui só tem médico que maltrata paciente, tu entra com um problema na perna e sai

com problema no braço, vai ver que tu já teve aqui pra sair com esse problema na cabeça. Fresca,

Enfermeiro – Ai, aí, aí bem que essa doida podia ter deixado pra aparecer depois do jogo né.

Segurança – Não esquentar não, deixa essa parada comigo porque eu tenho umas continhas pra acertar com essa maluca, vamos assistir o jogo que depois eu saio para procurar ela e aquela maluca que ela tirou daqui.

Solineuza – Ai eu to com frio, aí tem uma caminha aqui. Tá um friozinho tão bom, eu vou dormir.

Enfermeiro – Ih, mais um desmaiado porque vai operar fimose, vamos lá, vamos levar.

Marinete – Solineuza. Cadê a pessoa que tava aqui?

Enfermeiro – Tá no centro cirúrgico essa hora já cortaram.

Marinete – Já cortaram o quê?

Enfermeiro – Ué!

Enfermeira – O paciente já está pronto pra operação doutora.

Marinete – operação de quê?

Enfermeira – Uma micro-cirurgia cerebral no lóbulo frontal esquerdo.

Marinete – Lóbulo de quem?

Enfermeira – Dele.

Marinete – Não, não vai dar não. Ôpa lembrei que vai dar sim, eu só vou me preparar aqui tá bom. Olha cada alicate bom heim. Esse é classe A, é de Tauvan?

Enfermeira – Como é que é doutora?

Marinete – que faquinha show heim, com isso aqui eu corto um coxão duro em cinco segundos.

Enfermeira – Eu não to entendendo doutora.

Marinete – Coxão duro, chã, patinho é tudo de segunda é dois minuto.

Enfermeira – Mas a incisão é no cérebro né?

Marinete – Incisão é corte?

Enfermeira – Hum, hum

Marinete – Peraí eu vou ter que meter um corte aí na cabeça do cidadão?

Enfermeira – é a sua especialidade doutora. A senhora tá passando bem?

Marinete – Eu to passando bem mas eu não vou poder meter isso na cabeça do cara aí não, porque eu não posso nem matar galinha na hora que vira o papo me dá um, eu não posso ver sangue não coleguinha, obrigada, desculpa ai, até logo.

Segurança – ô doutora,

Marinete – Olhos amarelos, deixa eu ver a língua, pra dentro, sem cor, dentes deixa eu ver os dentes. Horríveis, sobancelha por fazer, o cabelo precisa de um tratamento, muita espinha, orelhas uma maior do que a outra, papo, muito papo, barriga, unhas, unhas horríveis. Não dou dois dias pra esse equipamento parar de funcionar.

Segurança – Como assim doutora é impotência. Quadro de impotência?

Marinete – quase isso só que pior. Com licença.

Médico – Segura isso aqui por favor.

Marinete – Oxigênio, purinho. É a Solineuza?

Médico- O nome eu não sei.

Marinete – Tá operando o quê?

Médico – cérebro.

Marinete – então não é a Solineuza já tiraram ela não tem. Hahahahahah

Médico – hahahahaha, segurança tira essa louca daqui!.hahahahahah



Segurança – Doutora. Desculpa incomodar a senhora, mas eu queria aquele remedinho que a senhora ficou de dar daquela vez a senhora se lembra, eu não posso ficar sem meu equipamento a senhora sabe como é que é?

Marinete – (disfarçada com uma máscara) você é aquele paciente do caso grave.

Segurança – grave doutora?

Marinete – – ãssimo, gravíssimo.

Segurança – O meu caso?

Marinete – aparentemente sem cura.

Segurança – Sem cura?

Marinete – Atchim! (cai a máscara) Eu diria que não há cirurgias, remédios, macumba, nada,nada dará jeito, pior que isso é uma impotência contagiosa.

(Sai correndo)

Marinete – Solineuza, vamos embora. O que tu tá fazendo aqui?

Solineuza - Eu tava meio tonta minha patroa me mandou pra cá e o médico disse que eu tenho uma tal de labirintite ite ite.

Marinete – o que que é isso?

Solineuza - Sei lá. Tu me tirou da máquina antes do médico me explicar.

Marinete – Que máquina? É maca sua pôia e não adianta eu te falar o que eu to fazendo aqui porque tu não entende nada que a gente fala, agora tem um tarado que onde eu entro ele aparece, parece até assombração.

Solineuza - - Não fala em assombração que isso chama.

Marinete – É o tarado.

Florianio – A doida. De novo não!

Marinete – eu não falei que o tarado é doido, aonde eu to o cara aparece. Ôpa.

Segurança – Finalmente eu te peguei!

Marinete – Ih colega não pegou não. Vai lá.

Solineuza - Aiiiiiii!

Marinete – Se liga coleguinha primeiro andar tá!

Segurança –que primeiro andar, elas pularam do quinto andar.

Figueira – E aí Marinete deu tudo certo, pela tua voz você teve um dia maravilhoso.

Marinete – ô seu Figueira tá me ouvindo? Eu só não vou aí quebrar a tua cara porque eu to no hospital, por que senão eu ia quebrar a tua cara, a próxima vez que tu me botar numa furada dessa tu vai mandar a tua mãe. Tu mãe mesmo seu Figueira, eu falei tua mãe. Alô, alo seu Figueira. Acabou o cartão.

Solineuza – e eu como é que eu fico?

Marinete – fica como sempre, uma besta, uma besta não, uma besta pôia, fica tranqüila porque a supervisora quando soube que eu me estabaquei por causa desses enfermeiros idiotas aí me ofereceu cinco diárias em troca de eu não processar o hospital e eu vou te dar uma.

Solineuza – Uma. Tu tá falando sério?

Marinete – To seríssimo, uma hora a sorte tinha que bater na minha porta né.

Solineuza – Tinha que bater pro lado do teu colega ali que tá mais precisado

Marinete – Aquele cara ali não precisa de sorte não, precisa de distancia.

Florianio – Será que não tinha outro lugar pra me colocar que não fosse do lado dessa maluca?

Marinete – A lá o taradão, querendo disfarçar só porque tem gente em volta é tarado. Eu te conheço heim tarado! Taradão, se deu mal heim colega, pulou da janela cheio de moral achando que tava no primeiro andar e pulou do quinto, se deu mal heim taradão.

Solineuza – Coitado Marinete, a gente pulou também, larga do pé dele, quer dizer do que sobrou né do pé dele.

Marinete – Olha a outra querendo defender, cala a boca pôia, cala a boca que eu não quero nem ouvir a tua voz, tá querendo defender o taradão eu te conheço, não pode ver um homem e já quer defender.

Solineuza – Hum eu não to vendo nada só to vendo um pedacinho do dedo.

Marinete – Eu já vi tudo dele. Tudo não. Nada. Taradão se deu mal pula aí taradão!

Floriano – Me tira daqui eu já to bom.

Marinete – pula, pula, é taradão, pula,

Floriano – Me tira daqui, me tira daqui.

Marinete – Se deu mal.

FIM

### **Episódio 5: FAMA, MESA E BANHO**

Marinete – Colega qual é a boa aí?

Vendedor – Tem Jujubinha pras chuchuquinha e pão de mel com canelinha pra minha abelha rainha.

Marinete – Alá desde quando tu é poeta?

Vendedor – Eu sou poeta só pra você Marinete.

Marinete – Então me dá um chiclete. Palhaçada aí.

Vendedor – Demoro. Ô Marinete o que que houve que teu buzum hoje tá atrasado?

Marinete – Ê deixa ele pra lá eu vou pro serviço hoje de carro colega.

Vendedor – Chique heim, diarista de motorista

Marinete – Pra tu ver rapá eu não sou fraca não heim!

Vendedor – Ué Marinete tu não disse que ia de carro?

Marinete – Qual é rapá se mete aí com as tuas bala!

Figueira – E aí Marinete, vamos?

Marinete – Oi seu Figueira! Vamo lá.

Vendedor – Valeu Marinete!

Figueira – Viu a moral Marinete, você é a única diarista que eu próprio conduzo pro serviço tá vendo.

Marinete – A única diferença de andar de ônibus e aqui de carona no teu carro é que eu não pago passagem e ninguém fica me encoxando né?

Figueira – Ah Marinete!

Marinete – ôpa ô o calor!

Figueira – Ah relaxa Marinete, quer que eu ligo o ar pra você, eu ligo?

Marinete – Isso aqui tem ar?

Figueira – Tá vendo, agora acabou!

Marinete – É agora acabou digo eu, isso é uma panela isso não é um carro.

Figueira – Vai Marinete com força! Vibração!

Marinete – Ah mais eu mereço tu é mermo muito abusado seu Figueira.

Figueira – Se tu ficar chiando só vai gastar energia.

Marinete – Tô indo seu Figueira! Peraí, ô seu Figueira, seu Figueira! Para o carro aí, para o carro aí seu figueira!!! Ai seu Figueira, não foi o carro que me trouxe não, eu que trouxe o carro.

Figueira – Também não exagera né Marinete.

Marinete – Eu prefiro pagar ônibus e pagar os meus pecados viu.

Figueira – Ah Marinete tu vai ficar reclamando? Da próxima vez eu não vou te dar essa moral, você não vai vir de carro comigo.

Marinete – ôpa promete isso então.

Flanelinha – Tá tranqüilo dotô são só 5 merréis.

Marinete – Cinco merréis custa o carro.

Figueira – Ah engraçadinha! Tu tá muito engraçadinha Marinete! Daqui a pouco eu te pago tá meu querido?

Marinete – É isso aí mas só vai pagar se o carro não tiver aqui, se livra da lata.

Figueira – Ahhh tu tá muito engraçadinha, vamo embora logo que a gente já tá atrasado.

Segurança – Tem algum objeto de metal?

Figueira – Dá pra ser bem rápido porque eu peguei um trânsito insuportável?

Segurança – São só procedimentos padrões amigo.

Figueira – Então tá. Tá aqui meu celular.

Segurança Mulher – Tem algum objeto de metal?

Marinete – Tem sim senhora. O meu celular.

Segurança Mulher – E nessa sacola grande?

Marinete – Bom perguntar, tá cheio de metal colega, olha aqui, anelzinho, brinquinho, pode dar uma olhada aqui segura.

Figueira – Meu canivete pra minha defesa pessoal, essas daqui são as chaves da minha vida e o meu kit de limpeza pessoal.

Segurança - o que é isso?

Figueira – Eu tenho cinquenta reais em moeda de 1 real como é que a gente vai resolver isso?

Segurança Mulher – Eu acho que eu vou levar esse batom.

Marinete – Show. É seu.

Segurança Mulher – Fiquei bem Ruth?

Ruth - Ficou ótima.

Segurança Mulher – Você aceita cheque pré? É que a gente só recebe no dia 5.

Marinete – Aceito né já que tu é segurança né, tu não tus.

Segurança - o que que tá acontecendo aqui, que muamba toda é essa?

Marinete – Parabéns pro senhor viu, que equipe me revistaram toda, falando nisso o senhor não quer me revistar não? Olha aqui que beleza, olha que beleza.

Segurança – Você aceita cheque pré?

Figueira – Brincadeira né Marinete assim você me quebra, empurrou seu brechó pra cima da segurança, agora a gente tá mais atrasado do que pensão de pobre, não adiantou nada ter te trazido de carro.

Marinete – Cara de pau, tá me sacaneando não é não? Bora lá.

Marinete – Ê seu Figueira, só esse hall aqui é maior do que a minha casa heim!

Edna – Edna muito prazer!

Figueira – Nildo Figueira a seus serviços!

Marinete – Quem vai ficar a seus serviços sou eu muito prazer Marinete.

Edna – A diarista, muito bem, o seu Figueira deve ser o dono da Agencia de diaristas.

Figueira – Não, não presidente.

Edna – Presidente?

Figueira – Presidente da Agencia.

Edna – hahahahaha, presidente da agencia de diaristas. Vocês estão um pouco atrasados.

Marinete – Foi ele.

Figueira – Foi ela.

Marinete – Foi o carro dele.

Figueira – Eu vim trazas a diarista e até que eu ficaria um pouco e tomar um cafezinho com a senhora, mas sendo que eu tô muito atarefado hahaha.

Marinete – Só de fazer o teu carro pegar é uma tarefa né?

Edna – É, entendo, vamos trabalhar?

Marinete – Pra pegar no serviço eu não faço cerimônia não senhora.

Figueira – Dona Edna, por gentileza a senhora podia assinar esse recibo aqui de entrega por favor.

Marinete – Recibo de entrega? Que é isso agora seu Figueira eu sou fogão, sou geladeira é?

Figueira – pelo menos você não vem dentro de um caixote hahahahah.

Edna – Tá aqui prontinho.

Marinete – Vim dentro do seu carro que é bem pior hahahahaha. Desculpa se eu apresentar defeito a senhora liga pra ele que troca.

Figueira – Aí gostou da novidade Marinete, eu sou o primeiro diarista delivery, entrega a domicilio hahaha.

Marinete – Agora que eu entendi, não é tipo fogão e geladeira não é tipo pizza hahahahahah.

Edna – Senta, fica a vontade o patrão já vem.

Marinete – patrão? Eu pensei que a senhora é que era a dona da casa.

Edna – Eu sou aqui uma espécie de faz tudo, governanta, secretária, personal stylist, enfim.

Marinete – Personal o que?

Edna – Personal Stylist, tipo consultora de moda.

Marinete – Gostei da palavra “penonal estainlin”. Agora eu vou me apresentar assim Marinete, diarista e penonal estainlin porque eu também tenho um brechó.

Edna – hahahaha

Marinete – Bom Dona Edna eu vou indo pra cozinha porque eu gosto de começar logo o meu serviço sabe.

Edna – Não pêra aí o patrão tá na piscina mas ele já vem. Ele gosta de conhecer pessoalmente os funcionários que trabalham pra ele.

Marinete – Até as diaristas?

Edna – Ele é uma pessoa tão doce, tão simples você vai gostar muito dele. Pena que a outra que vinha pra ajudar você a outra diarista teve um imprevisto e não pode vir.

Marinete – Outra diarista?

Edna – É outra diarista, o Figueira tinha me prometido duas diaristas pra agilizar o serviço você sabe, cobertura duplex dá um trabalho.

Marinete – (pensando) Ah desgraçado, cobrou por duas só deu uma e ainda embolsou a diferença.

Fabio Jr. - Bom dia Edna.

Edna – Como vai!

Fabio Jr. - Oi tudo bem?

Marinete – Ai minha nossa senhora do perpétuo socorro, o meu pôster da parede tá vivo!

Fabio Jr. - Você deve ser a diarista né?

Marinete – – Marinete, prazer! E o senhor é o homem que eu pedi a deus.

Fabio Jr. - Senhor tá no céu.

Marinete – o senhor tá no céu e foi a ele mesmo que eu pedi o senhor pra fazer o que o diabo gosta. (desmaia)

Fabio Jr. - Marinete, você tá legal Marinete?

Edna – Eu acho que a cor voltou.

Marinete – Eu não sei eu tô confusa, eu tô até vendo o Fabio Jr. Na minha frente.

Edna – Marinete, essa é a casa do Fabio Jr.

Fabio Jr. - Pelo jeito pelo menos você vai com a minha cara né.

Marinete – vou com a cara, vou com a língua, vou com geral.

Edna – Marinete! Eu vou lhe mostrar o serviço.

Fabio Jr. - Eu vou porque eu tenho uma reunião e já tô meio atrasado.

Edna – Tomara que lancem outra coleção heim Fabio?

Marinete – Tomara, dá licença se precisar de mim eu tô lançando pro senhor, eu lanço qualquer coisa eu tenho todos os seus cds eu tenho postes, a foto. Caraca!

Fabio Jr. - Não Marinete o que a gente tá falando, a coleção é uma empresa que tá afim de lançar uma coleção de moda com a minha grife entendeu.

Marinete – Falou com a pessoa certa, porque eu tenho aqui o meu brechó...

Edna – Depois você mostra. É melhor o senhor ir indo logo pra não chegar atrasado. Eu vou mostrar o serviço pra você.

Fabio Jr. - Tá bom, tá bom então você pilota aí pra mim tá

Marinete – Eu vou ficar esperando o senhor pra saber como é que foi tudo. Prazer heim! Caraca tu viu quem tava aqui agora, tu viu porque tu trabalha aqui né, passei mal agora, desculpa dona Edna é porque eu sempre prefiro falar com o patrão diretamente pra saber se eu tô fazendo bem o serviço né, pra ver se eu volto. Aaiii. Ufff. Muito lindo!

Edna – A cobertura é muito grande pra uma pessoa só, então você faz o seguinte começa pelo quarto do seu Fabio, depois você vai pra suíte, depois você vai pra sala, copa, cozinha, lava e passa as roupas, bota nas gavetas, nos armários e o material tá ali.

Marinete – Pô moleza, a senhora querendo eu faço mais uma laje e puxo um andar aí em cima, cof, cof, cof.

Edna – Tá te incomodando o cigarro?

Marinete – Não, não senhora, eu não sou muito chegada a cigarro não mas como quem tá fumando é a senhora o problema é seu não é meu.

Edna – Desculpe, antes de mais nada, tá vendo isso aqui.

Marinete – Ham ham

Edna – Isso aqui é puro linho belga, essa é a camisa de sorte do seu Fabio ele faz questão de ir na reunião dos tais empresários com essa camisa, entendeu?

Marinete – ham ham.

Edna – Então passa enquanto ele toma banho.

Marinete – – Ah ele tá tomando banho?

Edna – ô Marinete!

Marinete – Desculpa.

Marinete – Alô, oi Solineuza, não tô ocupada Solineuza, aqui o sinal tá fraco, perai... oi, oi aqui tá pegando, fala Solineuza eu tô trabalhando.

Solineuza – Alô Marinete, eu tô atrapalhando alguma coisa? Ai amiga eu tava louquinha pra falar contigo.

Marinete – eu também tava agoniada pra te contar criatura.

Solineuza – Deixa eu te contar, acabei de comprar a última revista ídolos ideais e adivinha quem tá na capa? F A B I O J R. amiga e tem um postes enorme autografado.

Marinete – Não diga!

Solineuza – Coitado né imagina né Marinete autografar uma a uma essas revistas.

Marinete – Não vou comprar não colega.

Solineuza – Credo Marinete mas não é tu que é a maior fã dele?

Marinete – Porque o meu autógrafo eu vou pedir ao vivo.

Solineuza – Claro né Marinete vai pedir autógrafo pra quem já tá morto?

Marinete – Ai Solineuza tu é tão burra que eu nem sei como eu perco o meu tempo sendo tua amiga. Adivinha onde eu Tô? Na casa do Fabio Jr.

Solineuza – Mentira! Fazendo o quê?

Marinete – Tô pegando. Não sua pôia eu tô trabalhando né, artista também precisa de diarista e eu vou ganhar um autógrafo dele ao vivo e a cores, lindão assim num cheque.

Solineuza – Conta, conta como é que ele é?

Marinete – Muito mais lindo do que na revista e se amarrou na minha, aqui me apresentou até o penonal estainlin dele sabia?

Solineuza – Que é isso Marinete?

Marinete – Ai depois eu te explico tá, é coisa de galã de televisão, um papo meu e dele, esquece.

Solineuza – Poxa a minha melhor amiga trabalhando na casa do Fabio Jr. Ai.

Marinete – Ah não vem agora tirar onda de melhor amiga só porque eu me dou como Fabio Jr. Tá.

Solineuza – Ai Marinete será que um dia eu vou ter a chance de trabalhar na casa do Fabio Jr também?

Marinete – Do jeito que tu é infeliz ô pôia tu não vai trabalhar nem na casa do Wando e ó fecha essa boca de caçapa heim pra não agora meu serviço aqui.

Solineuza – Poxa vida Marinete uma coisa boa dessa e eu não posso contar pra ninguém.

Marinete – Ai Solineuza se controla, você sabe como é que é essa turma né Fátima, Zilda, Creuza, a songamonga da Albertina vai espalhar pra torcida do Flamengo que eu tô trabalhando aqui na casa do Fabio Jr. Que fica na Avenida Oceania 3000.

Marinete – Ai meu pai!

Edna – Marinete! Você passou a camisa da sorte do seu Fabio? Mas que cheiro forte! Ué você não disse que não fumava!

Marinete – Comecei agora! Cof e já viciiei que coisa louca né?

Edna – Nossa! Esse vício é uma loucura mesmo, eu mesmo vivo tentando parar de fumar. E aí já passou a camisa?

Marinete – Tô passando, só falta dar um capricho, tá quase pronta, só precisa esfriar né.

Edna – Ah bobagem me dá isso aqui, esfria no corpo eu mesma levo.

Fabio Jr. - E aí?

Marinete – Ai o quê?

Fabio Jr. - Ué ficou legal?

Marinete – Ficou, o senhor também fica legal com qualquer coisa né.

Fabio Jr. - É que essa camisa eu ponho em tudo que é reunião importante

Marinete já vai acostumando tá, essa é a minha camisa da sorte, você imagina eu chegando lá na empresa os caras vão na hora querer lançar a grife, a coisa tá esquentando você não faz idéia.

Marinete – Eu não tenho a menor duvida. Seu Fábio Jr porque o senhor não coloca assim um blazer?

Fabio Jr. - O quê?

Marinete – Um blazer, paletó pra ficar assim mais... não que o senhor não seja mas dá um grau né, um grau a mais um grau a menos queima tudo né.

Fabio Jr. - Marinete com esse calor que tá fazendo botar um blazer.

Marinete – Tá pelando, o senhor tá certo, tá pelando.

Fabio Jr. - Tá quente pra caramba.

Marinete – Tá quente pra caramba mas é que nesses lugares assim que tem reunião desses home assim muito, muito é frio o ar condicionado é frio que chega até a nevar né, então leva o paletó.

Fabio Jr. - É eu vou colocar tá bom, já volto.

Marinete – Tá bom vai ficar lindo.

Edna – Fábio aonde você vai?

Fabio Jr. - Vou colocar um blazer a Marinete sugeriu e eu achei legal com essa roupa, essa camisa.

Edna – Marinete acertou.

Marinete – Vai ficar show né.

Fabio Jr. - E aí ficou legal né?

Marinete – Abalou.

Fabio Jr. - Gostei da idéia viu Marinete, bom agora vocês tem que me desejar MERDA.

Marinete – que é isso seu Fabio eu não tenho motivo pra isso não, o senhor é muito sangue bom além de ser lindo.

Fabio Jr. - Obrigado, mas não é isso Marinete, é que no meio da gente, no meio artístico antes de entrar no palco, ao invés de falar assim: Boa Sorte, bom show e tal a gente fala Merda!

Marinete – Por isso que falam que o meio artístico é todo desunido né. Se é assim então, merda pro senhor lá né.

Fabio Jr. - Tá bom obrigado.

Edna – Vamos indo então? O carro já chegou eu vou te levar, ele deve tá esperando.

Fabio Jr. - Vamos, tchau Marinete

Marinete – Seu Fábio!! Vai a merda!!!

Marinete – Ai, até o chulé desse homem é cheroso. Fábio ninguém vai acreditar que eu tô na sua casa alisando os seus cabelos, liso, macios, ó um crespinho aqui no meio, não é do Fábio não é do Reginaldo Rossi. Desculpa Fabio, eu vou ter que levar um pouquinho porque as minhas colegas não vão acreditar que esse cabelo lisinho é seu, então eu vou levar só um pouquinho tá.

(Começa a cheirar as cuecas do Fabio Jr)

Marinete – Ai doideira! Doideira! Caraca!

(SONHANDO)

Marinete – Seu Fabio Jr você por aqui.

Fabio Jr. - Eu não pude resisti Marinete eu tinha certeza que você vinha ao meu quarto e para com esse negocio de me chamar de seu Fabio heim.

Marinete – Quer que eu chame como? De meu Fabio?

Fabio Jr. - Agora assim ficou bem melhor. Eu esperei a vida toda por uma mulher como você sabia?

Marinete – Você tá exagerando. Meu Fabio.

Fabio Jr. - Quando eu te vi, claro eu já conheci outras mulheres e tudo mas igual a você Marine

Marinete – E olha que você rodou heim!

Fabio Jr. - Eu quero você agora.

Marinete – Eu também agora.

Fabio Jr. - Mas antes eu queria cantar uma música pra você. Posso?

Marinete – Pode. Canta.

Fabio Jr. - (começa a cantar.)

(TOCA O TELEFONE DA MARINETE)

Marinete – Alô, não tinha outra hora pra ligar não criatura.

Solineuza – Marinete tô te atrapalhando?

Marinete – Já atrapalhou.

Solineuza – Tá fazendo o quê? Limpando o banheiro, lavando roupa, aspirando o tapete.

Marinete – Não. Tô na cama do Fabio Jr.

Solineuza – Credo Marinete Já?

Marinete – Não sua pôia eu tô arrumando a cama dele, o altar sagrado de todos os meus sonhos e quem é que me liga? Você sua anta, as vezes eu acho que até chapéu se recusa a freqüentar tua cabeça sabia pôia porque o teu cérebro já pediu as contas tem tempo.

Solineuza – Puxa vida né Marinete.

Marinete – Que zueira toda é essa ai no fundo Solineuza, tu tá no pagode a essa hora é.

Solineuza – Amiga, dá uma chegadinha aqui na janela da varanda que você vai ver.

Marinete – Posso saber que palhaçada é essa.

Solineuza – Ai Marinete eu não sei de onde veio tanta gente, eu só avisei pra Creuza, pra Albertina, pra Zilda e pra Sonia.

Marinete – A é? Era melhor ter colocado no rádio sua pôia.

Marinete – Aí povo sem o que fazer não é não?

Edna – Posso saber o quem chamou esse mulheril todo aqui?

Solineuza – Eu sou a melhor amiga da diarista do Fabio Jr. “Lindo, tesão, bonito e gostosão”

Edna – Engraçado como será que elas vieram para aqui?

Marinete – Pois é coisa louca né, mas a vida tem dessas coisas.

Edna – nunca tinha acontecido antes.

Marinete – Pois é, as coisas acontecem sem a gente esperar.

Edna – Eu vou sair pra fazer umas compras e quando eu voltar eu não quero encontrar essa turma de fãs histéricas aqui senão.

Marinete – Senão?

Edna – Senão é melhor que nem você esteja aqui.

Marinete – Ai meu Santo Expedito pelo amor de Deus não me faz perder meu emprego e nem meu Fabio, amém.

Solineuza – Ó Fabio Jr cadê você eu vim aqui só pra te ver!

Marinete – Xiiii, o que que tá acontecendo aqui heim?

Solineuza – a gente veio ver o Fabio Jr.

Mulher – Não é aqui que ele mora não Marinete?

Solineuza – Ai Marinete cadê ele?



Marinete – Olha aqui. Tá dormindo e assim vocês vão atrapalhar o soninho do seu Fabio.

Solineuza – Gente ele tá dormindo, que maravilha!

Marinete – Tava né, porque com essa gritaria é mais fácil dormir no ensaio do Olodum.

Mulher – Nete vem cá, como é que ele dorme heim?

Marinete – Ai Fátima do serviço tu rala né mas na hora da fofoca tá aqui. Dorme igual a todo ser humano de olho fechado.

Solineuza – Ai Nete conta logo, como é assim que ele se veste pra dormir?

Marinete – E quem disse que ele se veste?

Solineuza – Ahhhhhh!

Marinete – Alá o carrão dele!

Mulher – Pior que é olha lá a placa.

Solineuza – Ai Nete!

Marinete – O carro é dele mas quem tá dirigindo é a governanta a Dona Edna.

Solineuza – Puxa vida, eu queria ver tanto o Fabio.

Marinete – Vem comigo, mas olha engole a língua heim! Pôia, eu tô no serviço heim!

Solineuza – Uau, Marinete mas esse lugar é enorme, vem cá tu tem que limpar tudo isso aqui sozinha?

Marinete – Quando as minhas amigas invejosas não atrapalham eu limpo né. Bora lá que eu vou te mostrar o templo sagrado e rápido heim que eu tô trabalhando.

Solineuza – Ai amiga!!!

Marinete – Tá pára! Só porque eu sou amiga do Fabio, sai, sai eu não gosto de mulher não e não mexe em nada que tá tudo limpo.

Solineuza – Controla os hormônios que isso aqui é igual a museu só pode olhar não pode encostar em mais nada.

(Começam a cheirar as cuecas e tirar fotos)

Solineuza – Ai Nete deixa eu tirar uma igualzinha?

Marinete – É ruim heim colega, aqui não eu que criei essa foto, não.

Solineuza – Não por favor, com todas as cuecas.

Marinete – É ruim heim com as cuecas não eu que criei essa foto, eu vou deixar você tirar na cama.

Solineuza – Tá bom.

Marinete – Tá pronta?

Solineuza – Tá bom assim?

Marinete – Fecha o olho assim como se você tivesse sonhando com ele. Isso.

Solineuza – Você é a melhor amiga do mundo.

Marinete – Acabou o passeio, rala peito, vai pra lá porque se a Dona Edna te pega aqui dentro me come viva.

Solineuza – Ah e por falar em comer o que será que o Fabinho come?

Marinete – Ai Fabinho, vem aqui ô tiete curiosa.

Solineuza – Uau Marinete só tem cidra.

Marinete – Champanha pôia, só coisa importada e olha aqui só queijo do bom.

Solineuza – Marinete esses queijos tão podres!

Marinete – Mas como tu é ignorante, gente rica só gosta de queijo assim fedorento.

Marinete – Oi Dona Edna.

Edna – Oi, pega aqui, as duas velas você põe no castiçal da sala, essas coisas você põe na geladeira que é pro jantar de amanhã e quem é essa moça?

Marinete – Quem é essa moça? Essa moça? Solineuza.

Edna – Você não sabe que não pode deixar subir estranhos?

Marinete – Sei sim senhora, ela é estranha mas é de confiança e foi o seu Figueira que mandou.

Solineuza – Ele até me trouxe de carro pra chegar mais rápido.

Marinete – Ah se você soubesse o carro que ele tem.

Edna – Ah! A outra diarista que teve imprevisto.

Marinete – Você tá ligada heim Dona Edna.

Solineuza – Prazer.

Edna – A sala já tá pronta?

Marinete – Não, a sala a gente deixou pra mais tarde pra ficar bem pertinho do jantar de amanhã.

Edna – É porque o seu Fabio tá muito ansioso como jantar de amanhã.

Solineuza – Se a senhora quiser a gente pode voltar amanhã.

Marinete – ô infeliz.

Solineuza – Eu também tenho o direito de conhecer o seu Fabio.

Edna – Bom antes de encontrar com o seu Fabio eu vou dar uma passadinha em casa de modo que está aqui o meu celular, se o telefone tocar e tiver algum recado anotem.

Marinete – Pode deixar que eu piloto por aqui viu Dona Edna.

Marinete – Eu só te boto em boa heim!

Marinete – Velas e champanhe.

Solineuza – Essa visita que vem aqui amanhã de noite vai se dar é bem.

Marinete – se bobear chega de noite sai de manhã.

Solineuza – será que é alguma atriz famosa? Eu tenho pra mim que deve ser a Vera Fisher

Marinete – Solineuza artista não gosta que a gente fique se metendo na vida pessoal deles não heim! Da onde tu tirou que o Fabio Jr tá pegando a Vera Fisher?

Solineuza – Sei lá, foi só um chute.

Marinete – Ah, eu heim! Olha a aguinha! Titia tá dando aguinha pras plantinhas! Quem vai contar pra tia quem o tio Fabio Jr vai receber amanhã pra jantar? É cantora? Não. É atriz? Não. Já sei é modelo manequim e apresentadora.

Solineuza – Que que é isso Marinete?

Marinete – Que que é isso o quê?

Solineuza – Deu pra falar com planta agora.

Marinete – Mas tu é muito pôia né Solineuza! Elas entendem tudo planta tem sensibilidade igual a gente.

Solineuza – Quem foi que te disse isso?

Marinete – Eu li.

Solineuza – Ah leu, onde?

Marinete – No Fantástico.

Solineuza – Daqui a pouco tu vai tá falando com mesa, cadeira, porta.

Marinete – SE eu converso com você porque que eu não posso falar com uma porta? Olha a classe porta.!

Residência do Senhor Fabio Jr, aqui quem fala é a Marinete a diarista particular dele, do senhor Fabio Jr, se você deseja falar com o Fabio Jr desculpa não vai rolar porque ele saiu pra resolver os trechos de uma grife aí que ele vai lançar.

Fabio Jr. - Marinete é o Fabio Jr.

Marinete – Pois é o Fabio Jr saiu, ele foi resolver esse...

Fabio Jr. - Não Marinete! É o Fabio Jr que tá falando.

Marinete – ô Seu Fabio Jr tudo bem?

Solineuza – É ele Marinete deixa eu ouvir a voz dele?

Marinete – Segura a onda!

Fabio Jr. - OI?

Marinete – nada não seu Fabio pode falar.

Fabio Jr. - Marinete é o seguinte eu tô aqui naquela reunião.

Marinete – Eu sei da grife, o senhor me falou, inclusive a Dona Edna tava indo pra ai pra...

Fabio Jr. - Marinete eu tô falando caramba!

Marinete – Ham ham.

Fabio Jr. - Escuta eu vim aqui no banheiro fazer um xixi.

Marinete – PÕ seu Fabio Jr não me fala uma coisa dessa.

Fabio Jr. - Tiro o meu blazer e o que que eu vejo?

Marinete ô seu Fabio Jr eu fico até sem graça de arriscar uma resposta.

Fabio Jr. - me ouve, me ouve Marinete! Quando eu tirei o paletó e vi aquela marca de ferro na minha camisa da sorte, caramba o que que você acha que eu senti?

Marinete – Agora é uma pergunta pra responder ou pra ouvir?

Fabio Jr. - Só me escuta! Ah o caramba! Você queimar a minha camisa da sorte cara se você quer saber a mandinga é tão forte que a te o ar condicionado aqui do prédio pifou, tá um inferno de quente isso aqui, eu tô suando que nem um louco aqui.

Marinete – ô seu Fabio Jr tira o blazer assim pra dar uma refrescada.

Fabio Jr. - Marinete eu não posso tirar o paletó se não todo mundo vai ver essa mancha aqui, como é que eu saio dessa agora?

Marinete – Ah agora que eu entendi! O senhor tá falando de uma coisinha assim atrás aqui na camisa, não é que camisa da sorte acabou dando azar, mas foi um acidente de trabalho viu seu Fabio, porque vida de diarista é fogo não é que nem as de novela não. Já sei seu Fabio o senhor coloca o blazer volta pra reunião que eu vou dar um jeito eu vou arrumar uma camisa de mais sorte ainda.

Marinete - O Que que tá olhando Solineuza?

Solineuza – Já sei de tudo foi queimar logo a camisa do Fabio Jr.

Marinete – Se mete com o teu trabalho, vai liga aí pra tuas amiga que são fã do Fabio Jr que eu tenho aqui um servicinho extra pra elas, vai, vai sua pôia rápido eu tô com problema.

Homem - vamos dar uma parada que tá um calor infernal, tá bom pra você Fabio?

Fabio Jr. - Ta, tá

Secretária – Com licença Dr. Bokel tem uma senhora ai fora dizendo que é a personal stylist do Sr. Fabio.

Homem - Faça entrar por favor.

Marinete – Boa tarde! Com licença! O meu nome é Marinete eu sou a secretaria da penonal estainlin do senhor Fabio Jr e ela não pode vim ela tá atrasada então mandou eu ir indo na frente pra mostrar a nova coleção.

Mulher – Que surpresa agradável, não sabíamos que a linha já estava criada.  
 Homem - Nós pensávamos que por hora fosse só um projeto.  
 Marinete – Por hora, por agora, por minuto, por dia, por projeto. Bom, chegou, chegou de blá blá blá, bom vamos ver então. Que entrem as meninas!  
 Homem - Bem na verdade eu não to vendo nada de novidade nessas roupas.  
 Marinete – De repente é o óculos, tira pra ver se não favorece. Atenção colegas!  
 Solineuza – Marinete só tu mesmo pra achar que o Fabio Jr ia gostar dessa tua moda.  
 Marinete – Mau gosto não se discute e artista tem mania de moda maluca  
 Solineuza – Mas dessa maluquice tua ele não gostou não  
 Marinete – não gostou mas vai se roer de inveja quando o Brasil todo estiver usando a minha moda inverno, já sei até o nome que eu vou colocar “Moda Marinete a moda que marca”  
 Solineuza – Nete e se essa moda for um fracasso?  
 Marinete – E daí fracasso também marca, olha tu!  
 Solineuza – pelo menos eu não quero ser uma personal stilst.  
 Marinete – Não quer ser o quê?  
 Solineuza – Fala tu.  
 Marinete – É porque tu é pôia, é personal stylin é o que eu sou.  
 Solineuza – O quê?  
 Marinete – Ah tchau passa amanhã tá. Porque tu não dá um jeito nesse cabelo heim.  
 Solineuza – Daqui a pouco tu vai estar passando graxa nas roupas, vendendo roupa suja.  
 Marinete – Eu faço o que eu quiser, quem quiser que compre eu não tô falando.  
 FIM

### **Episódio 6: Aquele com as algemas**

Na Agência

Figueira – Marinete, escuta essa musica pra tu começar o dia bem!  
 Marinete – Bacana, muito bacana essa musica nossa Seu Figueira mas pelo amor de Deus, qual é o serviço? eu vou ter que ficar aqui quanto tempo mais olhando o senhor imitar o Michael Jackson e soltando a franga heim?  
 Figueira - Michael Jackson? Ah pô tá de sacanagem Marinete eu sou negão. Tu só vive de mau humor relaxa.  
 Marinete – Não é mau humor não eu to envelhecendo eu já ouvi esse CD milhões de vezes e o senhor não me falou onde é o serviço.  
 Figueira – Calma Marinete, tu tá tensa, eu só coloquei essa música pra tu dá uma descontraída e pra pode colocar você no esquema porque o serviço hoje é de responsa, o patrão é muito exigente.  
 Marinete – Eu já amarelei por causa de trabalho? Se o patrão pagar em dia pode me mandar ir pro Iraque que eu to indo fazer o serviço.  
 Figueira – ótimo, ótimo, ótimo Marinete porque o cara é linha dura, o cara é agente da Policia Federal e aliás chegando lá você fale diretamente com a esposa dele a dona Juliana e pelo amor de Deus Marinete, quanto mais longe tu ficar desse cara melhor pra você, eu não quero confusão com o pessoal da polícia heim!  
 Marinete – aí fica frio Seu Figueira me dá o endereço aí vai. Fica frio eu nunca te botei em robada o senhor que sempre me bota lá nas roubada e eu fico sempre de vítima tá.  
 Figueira – Até parece que eu te coloco em robada.  
 Marinete – Ouve a música aí e relaxa seu Figueira.

Figueira – Ah essa mulher ainda vai ser minha, a se vai.

Marinete – Oi!

Gislene – Nunca te vi aqui no prédio, trabalha aqui há muito tempo?

Marinete – Não é meu primeiro dia e tu?

Gislene – Já faz cinco anos. Cinco anos sem ninguém pra me atazanar.

Marinete – Ah! Tu tem parente em Portugal?

Gislene – Hã?

Marinete – Nada não deixa pra lá. Tá indo pra onde?

Gislene – Primeiro pro 902, depois 304, depois 305 e a tarde eu vou pro 1004.

Marinete – Tu é empregada ou trabalha no correio?

Gislene – Sou empregada e trabalho em todos esses apartamento, é muito serviço eu sei, mas é só pra quem pode, aliás você só tá trabalhando aqui porque eu tô muito ocupada.

Juliana – Marinete eu vou falar uma coisa que eu sempre digo pras diarista que trabalham aqui. O meu marido Osvaldo ele é um pouquinhozinho esquentado sabe.

Marinete – Sei, casca grossa.

Juliana – o quê?

Marinete – Não! o seu Osvaldo né.

Juliana – Ah sim, eu queria que você não mexesse nas coisas dele tá, eu sei

Marinete que você não faria isso mas é que o Osvaldo ele odeia quando descobre que alguém mexeu nos seus objetos.

Osvaldo – Tô entendendo, sei.

Juliana – Oi amor essa aqui é a Marinete a nossa nova diarista que vai trabalhar aqui...

Osvaldo – Depois, depois meu bem, depois. Não eu não to falando com você to falando com a minha esposa. Prende que é contrabando! Amor eu fui transferido pra tarde e vou dar um corridão na praia. Não! Não é a minha esposa que é contrabandista!

Marinete – Marinete pára de olhar pra esse armário deve tá cheio de arma o cara é casca grossa o seu Figueira falou, a Dona Juliana falou. Só vou ajeitar porque eu sou profissional e não posso deixar essa porta aberta né. Caraca! O cara tem uma delegacia dentro do armário olha isso! Caraca, dá licença, caraca! Maneiríssimo, maneiríssimo.

(coloca uma algema e não acha a chave)

Juliana – Marinete! O que que você tá fazendo?

Marinete – Eu tô indo pra cozinha.

Juliana – Isso eu tô vendo eu tô falando disso enrolado no seu pulso.

Marinete – Enrolado! No pulso? O lençol?

Juliana – É.

Marinete – Eu vou ter que abrir o jogo pra senhora, esse lençol tá muito sujinho.

Juliana – Sujinho?

Marinete – Desculpa eu não sei mentir, tá encardido demais, tá nojento, dá licença eu vou levar pro tanque agora.

Juliana – Marinete espera. Mas ele foi lavado não faz nem 3 dias.

Marinete – Desculpa mas foi lavado em água de barro porque tá mais nojento que meu mocotó de ontem, dá licença.

Juliana – Marinete! Mas porque que ele tá assim enrolado no seu pulso?

Marinete – Técnica, técnica porque assim eu fico com a mão livre e não atrapalha em nada.

Juliana – Mas você não tá segurando nada Marinete.

Marinete – Gente olha a minha cabeça Dona Juliana eu não to segurando nada então eu vou lá pra cozinha segurar alguma coisa tá, dá licença.

Ai meu Deus é agora que vão me mandar pro hospício! Sabão! Sabãozinho não tem errada com sabão pra eu me livrar dessa algema.

Ai comi alguma coisa que me fez mal dona Juliana, preciso atender o chamado com licença!

Juliana – Tá bem meu amor, peço, é claro que eu peço, eu peço pra ela tirar o almoço mais cedo, eu só tenho que ver se a Marinete já saiu do banheiro. É, coitada meu amor ela teve uma dor de barriga horrorosa meu bem e já tá lá trancada vai fazer... uma hora. Não, não querido, tá bom. Um beijo.

Você tá bem Marinete melhorou?

Marinete – Tô graças a Deus é como eu falei pra senhora é só atender o chamado que depois as coisas se ajeitam.

Juliana – Ah que bom, eu vou dar um pulinho no caixa eletrônico que o Osvaldo logo, logo deve tá voltando então Marinete você já pode ir preparando o almoço tá. Marinete porque você ta segurando essa bandeja?

Marinete - Pois é, é pra não ficar indo e vindo toda hora pra lá e pra cá sabe, é tipo carrinho de hotel e facilita meu serviço, é técnica.

Juliana – Ah sei mas eu posso saber o que que você vai limpar com o vidro de azeitona?

Marinete – hahahaha o vidro de azeitona! Hahahah minha patroa é uma comédia hahahahahaha, eu vou ajeitar as coisas pra senhora hahahaha.

Juliana – Gislene?

Gislene – Eu trouxe essas roupa que tão comigo desde a semana passada.

Juliana – É, mas não dá pra demorar tanto tempo assim não viu Gislene. Você pega as roupas e entrega pra Marinete que eu to de saída. Entrega as roupas pra ela e depois a gente se fala.

Gislene - Sim senhora.

Juliana – Ah e eu espero que você tenha lavado melhor do que você lavou o lençol. Tá?

Marinete – Caraca! Tá de algema também colega? Já sei dona Juliana ficou com saudade e chamou tu aqui pra me ajudar? Como é que tu consegue heim? Convencer as patroa todinha do prédio ai.

Gislene – Olha aqui tá querendo me provocar é meio metro, só porque conseguiu pegar uma diária minha. Aqui, sou muito melhor que você tá ô coisa pequena.

Marinete – Ta falando assim porque não fez a barba hoje né ou então engoliu uma andorinha e esqueceu as asa ai de fora. Vai ô barbinha! Faz o serviço heim barbinha!

Marinete – Aí Solineuza tu é muito lerda mermo porque que tu foi terminar o namoro com aquele chaveiro?

Solineuza – A marinete mas o Binho tinha o maior mau hálito do mundo.

Marinete – E daí que ele tem bafo de onça e tu que tem CC pior é isso!

Solineuza – Marinete ele não escova os dentes.

Marinete – Ah mas tu tá muito exigente pôia pelo amor de Deus.

Solineuza – Marinete o homi não é um bofe ele é um bafo! Tu tá perguntando isso porque heim? Tá querendo alguma coisa com ele é?

Marinete!!

Marinete – Não posso falar agora!

Marinete – ôpa, to ajeitando aqui o meu brechó.

Gislene – Alguma vez na vida você já viu roupas tão bem passadas e tão bem lavadas quanto essas?

Marinete – Já. No comercial de sabão na TV.

Gislene – Só te matando.

Marinete – Qualé colega, aqui eu vou te bater a real heim não tenho nada contra tu, não quero nada contra tu, to aqui só fazendo o meu serviço você entendeu. Quero ralar daqui. tô cheia de problema quer ficar minha colega? Pega um brinde aí no meu brechó e rala, pode ir embora.

Gislene - É.

Marinete – É colega, vamo vão embora com isso. Vai pega e rala mas me deixa sozinha ai que eu to cheia de coisa pra resolver aqui heim.

Gislene – Olha na verdade pra eu ficar sem aparecer aqui até o final do dia você devia me dar de brinde pelo menos uma blusinha de plush.

Marinete – Ah mas ela é do tipo pobre que pechincha. É uma peça e rala tá. To cheia de problema.

(Toca o celular)

Marinete – Ai meu Deus a cobrar. Fala Solineuza e o cara?

Solineuza – Olha marinete eu tive que beijar, beijar o Binho de novo só pra ele ter que ir ai.

Marinete – E aí eu pedi pra tu beijar o cara? Faz um bochecho com água sanitária Solineuza. O quê? Quer saber o tamanho? Tamanho de algema né Solineuza.

Solineuza – Ele só vai poder aparecer aí no final do expediente viu?

Marinete - Ah só no final do dia Solineuza? Diz a ele que eu to entre ele e o fim do mundo é de quem chegar primeiro tá pôia?

Gislene – Aqui ô coisinha eu já escolhi. A sainha de Jersey e a pulseira.

Marinete - Mas não tem pulseira aí!

Gislene – É claro que tem, essa aqui.

Marinete – Ai meu Deus aí cabo é uma pôia no telefone e outra aqui entrando em ação.

Gislene – O que é isso?

Juliana – Marinete, ô Marinete! Gislene o que que você tá fazendo aqui? Olha Marinete eu na to te pagando a diária pra você ficar conversando no serviço não.

Marinete – Que é isso D. Juliana é que a Gislene esse mimo de pessoa é minha colega. Ela tá aqui porque ela quase não tinha serviço na lá na patroa dela.

Juliana – Ué mas você não veio trabalhar aqui justamente porque tava cheia de serviço lá.

Marinete – Pois é aí eu fui pra lá dá uma ajuda a ela e agora ela veio pra cá, porque uma mão leva a outra, quer dizer uma mão lava a outra por isso que a Gislene veio e é melhor pra senhora, olha a promoção, a senhora não vai precisar pagar a diária pra Gislene.

Juliana – É Tudo bem Marinete como vocês trabalham é um problema de vocês, faz uma coisa Gislene dá uma olhada nas cortinas lá do quarto e Marinete cadê o almoço?

Marinete – ôpa o almoço tá quase pronto, tá quase pronto.

Juliana – Gislene, esqueceu que o quarto é pra lá?

Marinete - Não ela sabe mas é que eu to ensinando umas coisa pra ela porque a Gislene é muito boazinha mas é muito fraquinha viu Dona Juliana, então eu to ensinando umas técnicas pra ela, umas coisas que eu sei, aquela por exemplo da bandeja pra não ficar indo e vindo pra lá e pra cá né, eu to ensinando pra ela.

Juliana – Eu, eu , preciso tomar um banho. Marinete, por favor Marinete não atrasa o almoço tá bom?

Marinete - Tá quase pronto, só falta a salada o bife o arroz e a batata.

Juliana – É que o Osvaldo ele gosta de comer assim que ele chega da ginástica, se atrasa um pouquinho ele fica irritado e o Osvaldo irritado Marinete.

Marinete – To ligada!

Gislene - Por sua causa eu to com o serviço todo atrasado no prédio.

Marinete – Ué se tu mente ai pra tuas patroa e não segura a onda o problema é teu.

Figueira – Dia, dia diarista Figueira boa tarde!

Marinete – Seu Figueira sou eu Marinete, eu to precisando de ajuda urgente.

Figueira – Marinete minha sereiazinha mignon o que que tu manda?

Marinete – Seu Figueira eu to precisando de um chaveiro.

Figueira – Marinete, o único chaveiro que eu tenho aqui está com a chave do meu carro e com a chave do meu apartamento que você ainda não conhece.

Marinete – Seu Figueira eu to falando de um chaveiro um homem que faz chave e abre fechadura.

Figueira - Ah Marinete você sabe muito bem que eu só trabalho com diarista e aliás tem cada filé mignon caindo no meu pedaço que eu vou te contar. Eu não sei se eu vou poder te ajudar não Marinete, eu to tão ocupado nessa agência, ai Marinete tanto trabalho.

Marinete – Seu Figueira eu to algemada com uma mulher aqui na casa da Dona Juliana.

Figueira – Com uma mulher? Marinete você não vale nada heim! Sua safadinha hahahaha.

Marinete – Que mane safadinha foi um acidente de trabalho, manda um chaveiro aqui e rápido.

Figueira – Tudo bem Marinete, relaxa, para com essa tensão que eu vou te ajudar segura as pontas aí.

Juliana – Ai meu amor calma o almoço já vem calma!

Osvaldo – Que demora esse almoço! O rango tá vindo da onde da Itália ou da Europa?

Juliana – Calma meu papaizinho, já vem calma!

Marinete – A Gislene vai servir aqui.

Osvaldo – Peraí olha só! Vocês tão o que fritando o gato e olhando o peixe? Olha só!

Marinete – desculpa

Juliana – Será que dá pra vocês largarem? Eu falei pra largarem uma da outra.

Marinete – Não é que a Gislene ela quer lavar esse pano de prato mas quem vai lavar sou eu.

Gislene – Eu vou lavar.

Marinete - Eu vou lavar.

Osvaldo – Vocês podem decidir isso na cozinha?

Juliana – Calma meu amorzinho aqui o suquinho ó.

Marinete – Pelo menos o seu Osvaldo não vai trabalhar de barriga vazia, vai pro plantão zerado.

Gislene – Ele odeia quando isso acontece.

Marinete – Eu sei colega não precisa ficar lembrando não tá legal.

Juliana – O que é isso?

Gislene – É a panela de pressão da senhora não tá lembrada?



Marinete – Técnica, a nova técnica de ariamento que eu to ensinando aqui pro bigode. É o seguinte uma segura a palha de aço lá dentro e a outra vai rodando, tipo um lava jato de panela sabe, é a nova técnica que eu inventei, sem cansaço, sem estresse.

Juliana – Sem comida Marinete, esse almoço foi um fiasco o Osvaldo ainda tá lá e ainda tá com fome.

Marinete - Ah mas eu to fazendo um bifinho que tá show de bola.

Juliana – Que bifinho Marinete a gente tem que fazer um sanduichinho pra ele levar, faz uma coisa, dá um pulinho lá na padaria e me trás pão , queijo e presunto.

Marinete - Tá bom padaria, bora lá.

Juliana - As duas juntas?

Gislene – Ela não sabe onde fica a padaria né Dona Juliana?

Marinete – A técnica do ariamento jamais deve para, ela segura as duas pontas...

Juliana – Tá bom Marinete, leva a panela.

Marinete – Beleza.

Gislene – Só me deu prejuízo né meio metro? Eu não lavei a roupa nem do 301 nem do 302 não levei o cachorro do 304 pra passear e não troquei o fraldão do velhinho do 204.

Marinete - nhe,nhe, nhe,nhe.

Marinete – Vai pra calçada.

Homem – Eita é hoje que essas cabritinha vão cozinhar pra mim não é não?

Marinete – oi! Qual o teu nome?

Homem – Edvan

Marinete – Edvan, nossa que nome lindo, não é bonito Gislene?

Gislene – Uma poesia de nome.

Marinete - Será que o senhor pode aí emprestar esse maçarico pra gente um pouquinho?

Homem – É hoje. Ô moça o maçarico é potente heim.

Gislene – Ai meu Deus ninguém merece frase feita de Reginaldo Rossi.

Marinete – É que a gente tava querendo assim só um calorzinho pode ser?

Homem – Não é pra me gabar não mas calorzinho é comigo mesmo, agora eu não sei se vocês vão agüentar!

Gislene – Olha só, fala português porque ele não tá entendendo.

Marinete – Será que dá pra dar uma passadinha aqui rapidinho?

Homem – Ah eu entendi, eu vou ali dentro buscar um negócio e volto rapidinho.

Marinete – Não falei que a gente ia se dar bem?

Gislene – Eu não acredito que com essa cara ele achou que a gente tava dando mole mermo.

Marinete - Cala boa, ô bigode dá um tempo. Nossa precisa de autorização é.

Homem - Autorização, eu vou é chamar a polícia pra maçaricar as duas suas fugitivas safadas, rapa fora daqui, sai!

Marinete – O lesa porque que não pensou logo em pegar o serrote do porteiro?

Gislene – Porque que não pensou você né?

Marinete – Cuidado, cuidado.

Osvaldo – ôpa.

Marinete – Ai seu Osvaldo tá quase pronto o jantar.

Osvaldo – o que que as prega vão fazer com esse serrote?

Marinete – Tamo só fatiando a carne, agora da próxima vez compra uma carnezinha de primeira porque essa daqui ó.

Oswaldo – Juliana! A prega que tu contratou tá lá dentro, tá lá na cozinha serrando a carne com serrote, quem é que mandou essa louca? A agencia da diarista ou o sindicato dos carpinteiro?

Juliana – Ai meu Deus eu vou ter que ligar pra agencia e falar como seu Figueira porque ela é péssima, mas olha você fica calmo meu benzinho, fica calmo tá. Deixa que eu falo com ele.

Oswaldo – Fala, eu vou dar umas porrada nele como é que um imbecil desse me manda uma demente dessa pra dentro da minha casa?

Juliana – Tá ocupado.

Oswaldo – Ocupada vai ficar as orelha dele de tanto tabefe que eu vou dar naquele safado.

Marinete – Seu Figueira! Ainda tá aí, pelo amor de Deus seu Figueira eu to parindo ouriço pela orelha. Tu tem 10 minutos pra chegar senão tu vai perder uma diarista e uma cliente nova.

Gislene – E eu vou perder todas as minhas patroa junto por tua causa né meio metro?

Marinete – Tu que foi burra de enfiar a mão na algema.

Gislene – Ah e eu sou a única burra aqui que enfia a mão na própria algema.

Marinete – Cala a boca!

Juliana – Tá tudo bem aqui?

Marinete – Tá tudo ótimo, não tá tudo ótimo aqui Gi?

Gislene – Tudo limpeza.

Juliana – Tudo limpeza nada, o banheiro tá imundo vai lá limpar.

Gislene – Sim senhora,

Marinete – Beleza! Eu lavo o bidê e tu lava a privada.

Gislene – Ah porque que eu lavo a privada?

Marinete – Porque é mais a tua cara, fora que tu já vem com uma escovinha.

Gislene – o que que você tá falando meio metro, você para.

(Se atacam e começam a brigar)

Juliana – Tá chamando.

Oswaldo – Deixa que eu falo com ele.

Figueira – Alô é o Figueira quem é que saco?

Oswaldo – É o detetive Oswaldo!

Figueira – Ô seu Oswaldo! Tudo bem com o senhor, como é que tem passado?

Oswaldo – Detetive Oswaldo e sabe como eu vou? Eu vou mal porque você mandou aqui pra minha casa uma diarista completamente sequelada das idéias tá me entendendo? E sabe o que que vai acontecer se ela continuar me apurrinhando? Tá ouvindo? Eu vou ficar muito, mas assim muito na bronca valeu.

Figueira – Ah eu fico muito agradecido.

Oswaldo – Quer saber o que eu vou fazer eu vou plantar uma medalha no teu peito que tu vai ter que respirar pela bunda entendeu?

Figueira – O cliente gostou tanto do serviço da agencia que quer me dar uma medalha no peito. Eu não posso perder tempo porque não é todo dia que a gente ganha um emprego desse né. Eu vou lá.

Juliana – Gente mas o que é isso?

Gislene – É a marinete.

Juliana - Por favor falem baixo por favor.

(Toca a campainha)

Juliana – Dona Rosa, Dona Vera, Dona Vitória, Seu Matias, mas o que que tá acontecendo?

Mulher – Ah então você está ai Gislene! A minha casa está uma bagunça e você conversando com essa aí.

Marinete – Ôpa essa aí no caso sou eu Marinete prazer!

Mulher – Cadê minha roupa Gislene?

Mulher – porque você não levou meu cachorro pra passear agora a minha casa tem coco até no teto.

Homem – E eu que não to conseguindo suportar o cheiro do meu próprio xixi.

Juliana – Pêra lá. A Gislene trabalha pra todos vocês?

Marinete – E aí manda um caô ai colega!

Mulher – Afinal o que que significa isso, eu pago um bom salário pra você!

Juliana – Ela deve ter uma boa explicação né Gislene, eu não sabia que você trabalhava pra toda essa gente.

Gislene - É minha irmã. Minha irmã assim que se perdeu da gente quando a gente veio do Norte, foi roubada na rodoviária, uma doida veio assim e levou a Marinete dos braços de mainha e justamente hoje assim do nada eu dei de cara com ela. Ela puxou painho a família dele é assim baixinha.

Mulher – E como é que você descobriu que ela era sua irmã?

Gislene - pelo cabelo. Minhas tias todinha tem assim esse cabelo ruim.

Juliana – Mas a sua mãe não procurou a filha?

Gislene - Procurou, procurou muito, pelo Rio todo mas foi na época do golpe sabe e tinha assim muita gente sendo presa, uma tortura danada na cidade toda.

Mulher – Ai minha filha que emoção.

Marinete – Uma história... foi uma coisa horrível.

Juliana – Mas você sumiu no golpe? Eu não era nem nascida.

Marinete – mas isso é porque ela se confundiu um pouquinho porque foi um golpe, mas foi um golpe no final do flamengo e Vasco que o flamengo perdeu e aquilo foi um golpe pra mainha, ela puxou mainha nisso na lesera da cabeça e no buço e eu puxei a painho no tamanho né mas eu sou mais inteligente do que ela e família sofreu demais, eu muito pequenininha me perdi todinha deles. Na hora que eu reconheci ela foi no buço e olhei e falei é maninha!

Mulher – Eu nasci pra ver isso na vida real, que coisa linda!

Juliana – Marinete eu não sabia Marinete! Foi Deus que enviou vocês duas aqui na minha casa.

Marinete – É coisa do destino né o destino tem cada nome, foi o destino e agora dá licença que a gente tem muita coisa pra fazer. A gente tá indo assim porque a gente tem uma saudade e agora a gente quer ficar grudadinha o tempo todo.

Homem – Tá, tá, tá tá tudo muito bonito agora eu quero saber quem vai me limpar?

Marinete – Caozeira tamo de roupa até o pescoço agora pra lavar!

Gislene – Tu preferia perder o emprego?

Marinete – Não podia inventar uma historinha melhor? Não foi copiar a novela das oito.

Gislene – Olha aqui, eu fiz isso pra te ajudar também tá, quem mandou ir lá fuçar nas coisas do xerife?

Marinete - Fui mermo pior é tu que tentou roubar uma pulseira minha que não era pulseira era algema e se deu mal. Vamo embora começa a lavar ai vai.

Gislene – Se eu botar a minha mão aqui dentro com esse negocio vai sujar tudo, não sabe lavar roupa não?

Marinete – Como é que é? Eu lavo muito melhor que tu presta atenção colega, perai vai lava.

Gislene – Não me empurra não que eu sou mais alta que você heim!  
 Marinete – A peraí que eu vou espirrar. Atchim (começam a brigar)  
 Figueira – Dona Juliana, tudo bom eu sou o Figueira da dia dia diaristas.  
 Juliana – Ah que coisa linda que aconteceu aqui seu Figueira foram todos embora com o coração mais leves. O senhor quer entrar?  
 Figueira – não, não não, o marido da senhora tá ai?  
 Juliana – Tá no banho já tá saindo e ele ainda não sabe de nada.  
 Figueira – Mas a senhora sabe né?  
 Juliana – Sei claro, que comovente não?  
 Figueira – Se a senhora que tá falando quem sou eu pra discutir isso né, mas a Marinete ainda tá ai?  
 Juliana - Tá na cozinha, coitadinha trabalhando daquele jeito.  
 Figueira – Eu posso ir lá falar com ela?  
 Juliana – Pode claro, entra por favor.  
 Figueira – A senhora tem certeza que o marido da senhora tá tomando banho?  
 Juliana - Tenho, ele vai sair pra dar plantão agora. Tá na cozinha a Marinete vai lá seu Figueira.  
 Figueira - Com licença.  
 Marinete – Ó é o seguinte pode confiar em mim eu vou pegar o martelo e vou bater certo aqui no meio pra soltar a gente.  
 Gislene – Tem certeza meio metro?  
 Marinete – Tenho certeza bigode, prende a respiração, fecha o olho, concentra bem que vai no três heim, um, dois...  
 Figueira – Marinete minha pérola se eu soubesse que era você eu vinha voando  
 Marinete – Pega a vassoura aí que a bruxa já vai  
 Gislene – Quanto tempo Figueira!  
 Figueira – É.

Marinete – Bora seu Figueira solta a gente aí vai  
 Figueira – Não estou reconhecendo as essas algemas ai as minhas eram diferentes.  
 Gislene – Você tinha algema é Figueira?  
 Marinete – Ah agora não colega vai seu Figueira abre logo.  
 Figueira – ôpa Marinete não tem como abrir isso não  
 Marinete – Tu tá brincando ou o senhor abre isso daqui ou fecha a agência né.  
 Figueira – Marinete relaxa tu tá tensa.  
 Osvaldo – Juliana! Mexeram nas minhas coisas !  
 Juliana – É impossível meu bem!  
 Osvaldo – Você tá falando que eu to mentindo , mexeram nas minhas coisas sumiu meu óculos e você sabe que eu não trabalho sem meu óculos, eu odeio isso que mexam nas minhas coisas porra. Já sei ninguém entra e ninguém sai da minha casa enquanto eu não achar os meus óculos.  
 Juliana – Calma meu bem, calma eu vou resolver calma.  
 Marinete – ô dona Juliana a gente tem muita coisa pra fazer ainda tá.  
 Juliana – Acontece que sumiu o material de trabalho do meu marido e ele vai botar a casa abaixo .  
 Gislene – Não fui eu.  
 Figueira – O que que foi que sumiu gente?  
 Juliana – Os óculos dele aqueles de filme americano. Ele adora, não sai de casa sem ele  
 Gislene - Não fui eu.

Marinete – Que bom que foi só isso a gente pode procurar né.

Juliana – Acontece que eu acho mesmo que alguém mexeu no armário dele Marinete.

Gislene - Não fui eu.

Juliana – Alguém mexeu os óculos não iam sair do armário andando.

Marinete – Vai ver eles queriam tomar um ar né.

Juliana – Você pegou Marinete?

Marinete – não, eu sou pobre mas eu sou honesta tá eu nunca roubei nada de ninguém não. Eu mexi sim mas foi de curiosidade só e aí eu fiquei presa nisso dona Juliana.

Oswaldo – Juliana!

Juliana – Oi meu bem!

Oswaldo – Achei meus óculos tavam no banheiro.

Juliana – Ai que bom!

Oswaldo – É encontro aqui do Sindicato?

Juliana - Não meu bem é que ele.

Figueira – Eu sou irmão delas.

Oswaldo – Ah sei, tá agora minha casa virou um ponto de encontro né, só me faltava essa.

Juliana – Bom trabalho amor.

Juliana - Peraí que eu vou pegar a chave das algemas .

Gislene – Ai meio metro as algemas são da madame.

Marinete – Eu não quero saber de quem é eu quero que me soltem bigode.

Juliana – Tá aqui.

Marinete - Brigada Dona Juliana ôpa, perai que eu não sou profissional disso aqui não.

Juliana – Você não devi ter mexido nas minhas coisas viu Marinete, aqui tá o seu dinheiro por hoje chega, me dá isso aqui.

Marinete – Desculpa Dona Juliana

Figueira - Gostei dessa dona Juliana heim Marinete essas algemas humm!

Marinete – ô seu Figueira, presta atenção isso é mulher demais é muita areia pro teu caminhãozinho .

Figueira – Marinete não tem problema eu dou duas viagens se for possível.

Solineuza – Nete pronto eu trouxe o Binho

Marinete – Agora pôia aí eu to aqui soltinha.

Solineuza - poxa Nete eu voltei o namoro só pra ele poder vim aqui pra tu me chamar de lesa é deu o maior trabalho voltar pra ele sabia?

Binho - Que conversa é essa aí?

Gislene – Pelo amor de Deus meu filho guarda as suas opiniões pra você credo!

Figueira – Precisa fazer uma faxina nesse apartamento gente vai queimar o filme da minha agência.

Solineuza - Marinete deu o maior trabalho voltar pra ele, eu tive que pegar dois ônibus e ainda tive que esperar ele abrir duas portas e gastei meu dinheiro comprando bala de hortelã todinho.

Binho – Tem mais balinha pra mim aí .

Marinete – Pra mim já deu viu, não vou nem tomar banho vou tomar banho em casa , vamo, vamo, vamo, Binho tu vai de escada tá se for de elevador não abre a boca por favor. Ô brigada ai a força heim assistente, valeu bigode!

Gislene – Sai fora o meio metro.

Figueira – E aí gatinha tu ainda gosta de ficar escutando som alto dentro do carro

Gislene – E você ainda gosta de andar com aquele harém de cachorra?

Figueira – Ah você sabe que eu só gosto das morenas, pele lisinha, cabelo em dia.

Gislene – E uma boa mão de soco né seu Figueira sai fora que eu tenho muito o que fazer não tá vendo não.

Figueira - Ah que é isso e os bons momentos que nós tivemos juntos.

Gislene – Figueira, como é que eu posso gostar de um cara que no meu aniversário me dá um barbeador?

Figueira – Foi um presente foi dado com tanto carinho

Gislene - Figueira pelo amor de Deus, eu to ocupada não tá vendo, se adianta

Figueira - Tem certeza que tu não quer mais trabalhar comigo olha que tu tá perdendo uma oportunidade heim.

Gislene – Vai Figueira, anda, anda, sai, sai.

Solineuza - Se eu soubesse que tinha dado tudo certo eu tinha economizado na passagem.

Marinete – Economiza na saliva que eu não agüento mais o teu nhemnhem nhem.

Solineuza – Nhem nhem nhem porque não foi com você que teve que pagar passagem pro Binho e você nem pra dizer valeu.

Marinete – Valeu porque? Tu me trouxe uma máquina de soprar fedor

Solineuza - Eu te avisei,

Marinete – Avisou que o cara tinha mau hálito tá legal

Solineuza - Ué e não tem?

Marinete - Não, mau hálito tenho eu, aquilo ali foi bueiro em outra encarnação tá legal.

Solineuza – Ah Marinete

Marinete – Eu não sei como é que tu tem coragem eu vou te dizer que boca nojenta, tu é nojenta né?

Solineuza - Ah eu tava gripada quando fiquei com ele tá.

Marinete - Tu é nojenta tu pega qualquer coisa, tu é xepa

Solineuza - Eu tava no forró e tava triste e ele tava ali dando sopa

Marinete – Mete a boca em qualquer bueiro

Solineuza - Não meto não ele tava bonitinho tava todo arrumadinho

Fim

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)